Lúcia Machado de Almeida

O ESCARAVELHO DO DIABO

editora *Ática*

1985 - ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

12.ª edição

SÉRIE VAGA-LUME

Ilustrações: Mário Cafiero
Capa: "Layout" de Ary Almeida Normanha
Suplemento de Trabalho: Jiro Takahashi

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Almeida, Lúcia Machado de.
A448e O escaravelho do Diabo / Lúcia Machado de
12.ed, Almeida. — 12. ed. — São Paulo : Ática, 1985.
(Vaga-lume)
1. Literatura infanto-juvenil I. Título.
84-1919 CDD—028.5

Índices para catálogo sistemático:
Literatura infanto-juvenil 028.5
Literatura juvenil 028.5

QUEM É A **AUTORA**

Lúcia Machado de Almeida nasceu na Fazenda Nova Granja, município de Santa Luzia, Minas Gerais. Ainda criança, mudou--se para Belo Horizonte, onde fez o curso primário e o secundário no Colégio Santa Maria, de religiosas dominicanas. Estudou inglês, francês, história da arte e da literatura, piano e canto.
Pertence a uma família de intelectuais. É irmã dos escritores Aníbal Machado, Paulo Machado e Carolina Machado, já falecidos; é casada com Antônio Joaquim de Almeida, irmão do poeta Guilherme de Almeida.

Seu primeiro trabalho literário foi o poema **Desencanto,** publicado no **Estado de Minas,** quando tinha 14 anos. Seu primeiro livro — **No Fundo do Mar** — foi publicado alguns anos depois. A partir daí, todas as suas obras têm obtido grande sucesso e seu nome figura hoje com destaque em nossa literatura infanto-juvenil. Referindo-se a ela, disse Rachel de Queiroz: "É uma imaginação precisa, delicadíssima. Sua contribuição à nossa parca literatura infantil merece o maior respeito."

Entre os vários prêmios que conquistou, destacam-se: **Medalha de Ouro da Bienal do Livro,** de São Paulo; **Prêmio Othon Bezerra de Mello,** da Academia Mineira de Letras; além da condecoração **Stella delia Solidarietá** (medalha de mérito cultural do Governo Italiano) e de Chevalier des Arts et des Lettres, do Governo Francês.
Lúcia Machado de Almeida é jornalista profissional, tendo se iniciado nessa carreira quando adolescente.

OBRAS DA AUTORA

Estórias do Fundo do Mar (Prêmio da Fundação Cultural de Brasília)
Lendas da Terra do Ouro
O Caso da Borboleta Atíria
Viagens Maravilhosas de Marco Pólo
O Escaravelho do Diabo
Passeio a Sabará
Passeio a Diamantina
Aventuras de Xisto
Xisto no Espaço (Prêmio Jabuti)
Xisto e o Pássaro Cósmico (nova versão de Xisto e o Saca-Rolha)
Passeio a Ouro Preto
Passeio ao Alto Minho
A Vida é Fantástica
Roteiro das Cidades Históricas de Minas
Spharion — Aventuras de Dico Saburó (Prêmio da Fundação Cultural de Brasília)

Capítulo I

O MENSAGEIRO DA MORTE

Hugo, um pacote para você! gritou Alberto, recebendo um pequeno embrulho das mãos do carteiro. Assinou o nome do irmão no papelzinho e foi levar-lhe a encomenda.

Hugo, que acabara de fazer a barba, mirava-se no espelho, ensaiando olhares longos e fatais para lançar às garotas na primeira oportunidade. O cristal refletia um rosto sardento de dezoito anos, extremamente simpático e sadio, aureolado por cabelos tão vermelhos que o moço era conhecido por "Foguinho".

— Deve ser presente de alguma admiradora, disse ele, alegremente, examinando o endereço escrito à máquina.

O barbante foi desatado, o embrulho desfeito e apareceu uma pequena caixa de forma retangular.

— Oba! Que é isso? Que coisa esquisita! Um bicho... gritou "Foguinho", tirando de dentro um grande besouro negro com uma espécie de chifre na testa.

A carapaça do inseto tinha reflexos azulados e seu corpo media cerca de quatro centímetros. Um comprido alfinete entomológico fixava-o a um pedaço de rolha, o que provava ter ele sido retirado de alguma coleção.

Os dois rapazes aproximaram-se da janela aberta a fim de melhor examinarem o estranho besouro.

— Veja se isto é cara que se apresente em público! disse Hugo, um tanto desapontado. Queria saber qual foi o camarada que me pregou essa peça...

— Jogue fora o estuporzinho logo, de uma vez! aconselhou Alberto.

Hugo examinou o inseto ainda por algum tempo e depois disse pensativamente:

— Nada disso. Estou desconfiado de que foi Carlos o autor da brincadeira. Ele gosta muito de pregar peças nos outros. Vou averiguar a coisa e, conforme for, mandarei o escaravelho de volta para ele, dentro da mesma caixa e embrulhado no mesmo papel.

Assim dizendo, "Foguinho" colocou o besouro em cima de uma estante

de livros e procurou não pensar mais no caso.

— Como é, vamos ao baile hoje?

— Claro. Vai ser uma curtição.

— Quero ser o primeiro a chegar e o último a sair.

— Então você fica e eu volto. O exame é depois de amanhã e ainda quero repassar uns pontos. Essa tal de anatomopatologia é um caso sério!

— Ai, ai, disse Hugo, irônico. Eu só quero ver o doutorzinho de anel com pedra verde no dedo...

— Ainda faltam dois anos para isso, seu bobo!

— Dois anos! Que chateação! repetiu Alberto, aproximando-se da folhinha dependurada na parede e arrancando a folha que marcava o dia da véspera.

— Que bom! Só falta uma semana para os "velhos" chegarem da América! exclamou Hugo. Pedi a papai que desse uns beijinhos por mim na Brooke Shields. Puxa! Aquilo é que é mulher!

— Fan-tás-ti-ca! tornou Alberto pronunciando demorada-mente cada sílaba.

Os dois irmãos conversaram ainda algum tempo e depois cada qual tomou seu rumo.

* * *

— Dez horas e Seu Hugo ainda não se levantou, disse a arrumadeira. A gente desde cedo no batente e o mocinho no bem-bom... Isso até é desaforo.

— Deixe o rapaz dormir, falou o jardineiro. Com certeza chegou tarde esta noite.

— Não chegou não. O baile foi antes de ontem. Você protege o menino um bocado, hem? tornou a moça passando a enceradeira elétrica no chão da sala.

— Quem sabe se está doente?

— Ele que se arrume!...

Pouco depois do meio-dia Alberto chegou da Faculdade de Medicina e foi diretamente para o quarto do irmão a fim de comentar com ele a prova que acabara de fazer.

Estranhando encontrar a porta fechada por dentro, deu nela duas pancadas e chamou:

— Hugo! Hugo! insistiu ele, vagamente inquieto.

— Hugo! Hugo! Abra, sou eu, Alberto. Ninguém respondeu.

— Ele não se levantou até agora, disse a arrumadeira, aproximando-se.

Aflito, Alberto afastou-se da porta, e, num forte impulso, atirou-se violentamente contra ela. A madeira cedeu e... um quadro horrível

apresentou-se diante daqueles dois olhos assustados: Hugo estava deitado no leito, com uma comprida espada fincada no peito, do lado esquerdo!

Sem se incomodar com a arrumadeira, que soltara um grito agudo e caíra no chão desacordada, Alberto correu para o irmão, procurando encontrar-lhe o pulso. Em vão: o corpo estava frio; Hugo já era cadáver. Sem se conter, Alberto caiu de joelhos e se pôs a soluçar.

— O que foi? O que é isso? perguntavam a um tempo o copeiro, a cozinheira, e o jardineiro que vieram correndo.

Alberto olhou-os sem responder, e depois, num esforço violento, levantou-se e saiu do quarto, dizendo com voz trêmula:

— Não toquem em nada. Deixem tudo como está.

Correu para o telefone e agitadamente se pôs a procurar um número.

— Está bem, respondeu o Delegado de plantão. Vou requisitar imediatamente a Polícia Técnica e avisar o serviço de Medicina Legal.

Em poucos instantes a casa ficou cheia de parentes e vizinhos. O que mais intrigava a todos era aquela enorme espada cravada no peito do morto. Por que teria sido deixada ali?

Minutos depois chegavam os dois peritos da Polícia Técnica, um médico e um enfermeiro. Ninguém, além deles e de Alberto, entrou mais no quarto.

— Hum... fez o médico, depois de examinar o corpo com minúcia. Hemorragia interna... E o óbito deve ter ocorrido há umas doze horas, mais ou menos. À meia-noite, provavelmente.

— É estranho, observou um dos peritos. Não há o menor sinal de luta.

O médico ficou pensativo, inspirou lenta e profundamente, e depois disse:

— Vocês não estão sentindo um leve cheiro de clorofórmio?

De fato. Um odor discreto, ligeiramente enjoativo e adocicado se fazia sentir, confirmando a suposição do médico.

— Vocês querem dizer que meu irmão morreu narcotizado?

— Sim e não. O assassino provavelmente encontrou-o dormindo, aplicou-lhe um lenço embebido em clorofórmio e em seguida cravou-lhe a espada no peito. E o sujeito tinha boa pontaria, pois o golpe foi direitinho no coração.

— Não é possível morrer assim, estupidamente, à toa!... exclamou Alberto angustiado. Meu irmão não tinha inimigos, todo o mundo gostava dele! O que não posso absolutamente compreender é a razão pela qual o criminoso usou essa espécie de arma, fazendo questão de deixá-la assim junto da vítima. Seria algum louco o assassino? E que espada é essa?

Um dos peritos abriu com cuidado o pano branco onde a lâmina estava depositada e examinou detidamente o punho esculpido com arte.

— É uma espada espanhola, provavelmente fabricada em Toledo, em princípios do século dezessete, disse ele. Venho fazendo muitos estudos nesse sentido. Acabei de ler um livro onde vi uma fotografia igualzinha a ela.

— Duvido que o assassino tenha deixado impressões digitais, comentou o médico.

— Com certeza foi bem precavido e usou luvas, disse o enfermeiro.

Alberto saiu do quarto a fim de tentar uma ligação telefônica para Washington onde seus pais se achavam. Como contar-lhes um acontecimento tão trágico e tão... estranho?

Os peritos terminaram o levantamento topográfico do quarto e retiraram-se.

A casa era térrea — uma arrojada e confortável construção de linhas modernas — e o apartamento dos rapazes ficava na parte de trás, em frente a uma piscina. Hugo dormia de janelas abertas, sem se preocupar com o perigo que isso representava. Fácil deveria ter sido a qualquer pessoa entrar no quarto dele, portanto.

As coisas seguiram o seu rumo normal. O médico deu o atestado de óbito e o Inspetor Pimentel tomou conta do caso. Sua primeira providência foi reunir todos os empregados da casa. A cozinheira servia a família havia já quinze anos e adorava Hugo. O jardineiro — o único que dormia fora — num bairro distante — também gostava muito do rapaz. Quanto à

arrumadeira e Pedro, o copeiro, eram indiferentes, cumpriam mecanicamente as suas obrigações sem afeição especial aos patrões. Todos tinham, ou melhor, não tinham álibis, pois à hora do crime dormiam sossegadamente nos respectivos quartos. Ninguém tinha visto ou ouvido coisa alguma.

— Eu estava até sonhando com cobras, disse Elza.

Pedro disfarçadamente puxou um lápis e anotou o fato num caderninho, a fim de aproveitar o palpite na loteria.

Era perfeitamente lógico o que os criados diziam, entretanto nada disso afastava as suspeitas de cada um. Por outro lado, no colégio onde estudava e na sociedade que freqüentava, Hugo era querido por todos. Jamais se envolvera em brigas, jamais prejudicara quem quer que fosse.

— Havia mulheres na vida dele? perguntou o Inspetor.

— Muitas em geral, nenhuma em particular, disse Alberto. Hugo fazia bastante sucesso entre as meninas. Era alegre, esportivo, dançava bem, flertava sem compromissos.

— Esse caso é muito estranho, tornou o Inspetor. Quem sabe se o assassino assustou-se com algum ruído inesperado e abandonou rapidamente a vítima, sem tempo nem de retirar a arma? De qualquer modo vou percorrer os antiquários da cidade para ver se descobrimos de onde saiu a tal velharia. Talvez surja daí alguma pista.

Três dias depois chegaram os desolados genitores de Hugo. Seu pai era um físico de fama mundial e iniciava uma série de viagens de estudo pelo estrangeiro.

Um prêmio de cinqüenta milhões de cruzeiros foi prometido a quem descobrisse o assassino. Alberto não se conformava. Tinha emagrecido e seus olhos azuis, ligeiramente oblíquos, ainda mais longos pareciam no rosto moreno, formoso e grave.

Jurara a si mesmo tentar o impossível para esclarecer a morte de Hugo. De uma coisa ele nem de leve suspeitava: aquilo era apenas o começo. O começo de uma série de fatos terríveis e absurdos que iriam encher de pânico Vista Alegre, até então uma das mais lindas e pacatas cidades do Brasil.

Capítulo II

OS HÓSPEDES DA IRLANDESA

One... two... one... (*) dizia Cora O'Shea, levantando e abaixando os braços, em frente à janela aberta, enquanto o rádio transmitia a "Hora da

Ginástica".
(*) Um... dois... um...

A música era sempre a mesma, uma espécie de marcha bem ritmada. Quando chegava a hora do refrão, Mrs. O'Shea começava a dar palmadinhas estrepitosas na barriga, voltando a flexionar os braços tão logo terminava aquele. Que coisa cacete, meu Deus! Mas a gorda irlandesa não desistia. Todo o sacrifício era pouco para afastar aquele "middleage fat"(**) que a aborrecia tanto. Se não fosse isso, ninguém diria que já fizera cinqüenta anos. Seu rosto era liso e tão rosado que a gente tinha a impressão de estar vendo milhares de glóbulos vermelhos, gordíssimos e agitados, circulando de um lado para outro. Ainda bem que tinha saúde de ferro!...
(**) gordura da meia-idade.

Morrera-lhe o marido havia dez anos, deixando-a com o pequeno Clarence para criar.

Quanto a Marmaduke, o filho mais velho, estava na Inglaterra aperfeiçoando os seus estudos de Química.

Sua casa era confortável, quase no centro da cidade, e tinha vários quartos independentes. Veio-lhe então a idéia de aceitar alguns poucos inquilinos a fim de ter mais uma fonte de renda.

Mr. Graz, o velho suíço professor de Francês num colégio de rapazes, já lá estava havia nove anos; Mr. Gedeon, representante de uma firma norte-americana de artigos ortopédicos, havia chegado tempos atrás, e a pequena Verônica morava naquela casa desde os quinze anos, quando viera do interior estudar música no Conservatório da cidade.

Cora O'Shea meteu-se num chuveiro depois da ginástica e em seguida foi tomar a sua refeição, em companhia dos hóspedes. Viviam ali como numa pequena família, entendendo-se às mil maravilhas. Apenas Clarence quebrava um pouco aquela harmonia. Era um rapazinho pretensioso e arrogante, sempre dizendo coisas desagradáveis, sempre achando tudo ruim...

Havia presunto com ovos, chá, torradas, geléia e maçãs. "One apple a day keeps the doctor away"(*) repetia sempre Cora. As frutas estavam especialmente belas aquela manhã. Grandes, perfumadas e vermelhas.

Mr. Graz, alto e magro, parecia um pássaro com aquele nariz grande, ligeiramente adunco. Usava constantemente uma pérola acinzentada do tamanho de um bago de milho fincada na gravata e repetia sempre:

— Trata-se de uma jóia de família, meus amigos.
(*) Uma maçã por dia mantém o médico distante.

Sem a menor cerimônia, o suíço apalpou, uma por uma, as maçãs, cutucou-as, olhou-as contra a luz em várias direções e depois cheirou-as detidamente, cada qual por sua vez. Terminada a operação, selecionou duas que mereceram ruidosa cheirada final, e ofereceu uma a Verônica, de quem era muito amigo.

Em seguida se pôs a comer a sua, com mal contido esganamento.

Mr. Gedeon, muito teso, polido e formal, alimentou-se discretamente, passando várias vezes o guardanapo no bigodinho preto e retorcido.

Cora despejou o leite na xícara.

— A senhora não quer geléia? perguntou Verônica delicadamente em voz alta, pois Mrs. O'Shea era um pouco surda.

— Não, querida, isso engorda, tornou a irlandesa, com leve sotaque estrangeiro.

A moça pediu licença e levantou-se antes. Tinha de chegar cedo ao Conservatório, pois iria ter uma prova de contraponto.

— Rezem por mim, disse ela, afastando-se com um sorriso que fez surgir duas graciosas covinhas no rosto.

Do banheiro vinha a voz de Clarence, grossa e desafinada, cantando o último samba do carnaval.

— Esse menino nunca se levanta na hora certa! reclamou Cora O'Shea, disposta a arrancar o filho do chuveiro.

O rapaz iria chegar ao colégio com um atraso de quarenta minutos!...

* * *

Alberto correu como louco para ver se alcançava o ônibus e... alcançou. Entrou resfolegando no carro, exibindo aquele sorriso meio cretino de vitória que a gente involuntariamente esboça em circunstâncias semelhantes. O ônibus estava cheio, mas o rapaz descobriu um lugarzinho no banco de trás ao lado de um menino que mascava chiclete. O garoto parecia absorvido com a leitura de uma revista qualquer e nem reparou em quem tinha sentado ao seu lado. Alberto tinha pressa, pois faltavam apenas cinco minutos para a aula de Anatomia Patológica. Iriam até fazer uma autópsia aquele dia.

O chofer parecia adivinhar isso, e tocava o carro a toda velocidade, aos trancos e barrancos.

Foi indo, foi indo até que numa curva forte jogou o ônibus em cima do poste! As mulheres gritaram, os homens protestaram, ajuntou logo uma porção de gente.

No meio da confusão, Alberto, como que magnetizado, examinava atentamente um desenho de meia página reproduzido na revista que fora

atirada a seus pés.

— O senhor é um louco! reclamava em altos brados um cavalheiro gordo de óculos, fazendo menção de avançar para o chofer.

— Maluco! Maluco! Esse homem devia ir para a cadeia! gritava histericamente uma mocinha de cabelos oxigenados.

Alheio a tudo, Alberto saiu vagarosamente do ônibus, com o rosto contraído e os olhos pregados na revista.

Uma senhora idosa fora atirada contra o teto do carro, e gemia queixando-se de violenta dor de cabeça.

— Pega! Pega!

— Lá vai o bandido! gritou alguém. Aproveitando-se da confusão, o chofer acabava de dobrar a esquina.

— Portador de espada... Portador de espada... repetia Alberto mentalmente com a fisionomia um tanto alterada.

Diante de seus olhos, numa das páginas da revista, achava-se a fotografia colorida e em tamanho natural de dois grandes besouros. Um deles era negro, ligeiramente azulado, com um chifre na testa. Lia-se em cima: "Insetos Curiosos". E, logo abaixo: Esse escaravelho chama-se "Phanaeus ensifer". Pertence à família Scarabaeidae. Seu nome significa "portador de espada".

— Deus do céu! suspirou Alberto baixinho. Que coincidência... Foi um besouro igual a esse que Hugo recebeu na antevéspera de morrer atravessado por uma espada... Atravessado por uma espada...

Capítulo III

A ESPADA ESPANHOLA

— **O**ra, ora! pensou Alberto, ao voltar para casa aquela mesma tarde. Minha imaginação trabalha mais do que é necessário. Tudo não passa de uma coincidência. Uma coincidência, apenas...

O moço prometera a si mesmo esclarecer a morte do irmão e tinha freqüentes encontros com o Inspetor Pimentel. Decidira não falar nada sobre o besouro de chifre na testa. Para quê? O policial iria rir-se dele, com certeza...

Até aquela data, as coisas continuavam na mesma. Não haviam sido encontradas impressões digitais em lugar nenhum. Os criados dormiam realmente na hora do crime, e... como provar o contrário? De qualquer modo

as suspeitas ainda não estavam definitivamente afastadas de cada um deles.

As investigações orientaram-se depois noutro sentido. Não teria sido algum louco o criminoso? Vários psiquiatras foram consultados, a fim de informarem se, dentre os seus clientes, haveria por acaso algum que tivesse a mania homicida. Tudo em vão. Os que sofriam de tão grave psicose achavam-se internados em sanatórios e, quanto aos outros... esses andavam soltos pela cidade, cada qual com uma esquisitice diferente, todos inofensivos, porém.

— Senhor Alberto, disse a copeira batendo na porta, o telefone está chamando.

O moço saiu de suas meditações e atendeu. Era o Inspetor Pimentel com algumas notícias. Tinha ido ao Museu da cidade e não havia encontrado notícia alguma sobre a espada espanhola. Aquele objeto jamais fizera parte da famosa coleção de armas antigas da casa. Combinaram uma visita aos antiquados para o dia seguinte, à procura de uma pista qualquer. O policial achou melhor não chamar os negociantes à sua repartição. O seu faro aconselhava-o a resolver esse assunto "in loco".

Ficou decidido que levariam a espada para ser identificada. Quem sabe? Talvez tivesse sido comprada em alguma daquelas lojas de velharias. A Alberto repugnava o fato de tocar no objeto que causara a morte de seu irmão e foi o Inspetor quem carregou o embrulho.

Depois de visitarem dois ou três lugares, sem resultado, chegaram à casa de Jairo Saturnino, o mais rico e afamado antiquário da cidade.

Velhos quadros misturavam-se com lustres de cristal, potiches de porcelana chinesa descansavam em mesas no mais puro estilo D. João V.

— Os senhores desejam alguma coisa? perguntou, sorridente, uma moça de longos e anelados cabelos ruivos, que veio se aproximando.

Era alta, bem feita de corpo e seu rosto possuía o encanto misterioso dos felinos. Ao ver Alberto, fixou nele dois olhos verdes, enviesados — olhos de gata — e deixou que eles ficassem assim longo tempo, presos aos do rapaz.

Jairo Saturnino veio vindo, segurou o braço da moça e apresentou-a:

— Minha filha Rachel, senhores.

O Inspetor Pimentel era seu velho conhecido e o antiquado perguntou-lhe a que devia a honra daquela visita.

Ao ter conhecimento do motivo, prontificou-se a dar todas as informações.

— Eu bem suspeitava que a espada fosse a mesma que eu trouxe da Europa.

— Como? disse o Inspetor interessadíssimo.

— Foi sua essa espada? Diga logo... insistiu Alberto, sem se poder

conter.

Jairo Saturnino contou-lhes então que tinha vendido a arma havia quatro meses.

— Quem a comprou? perguntaram os dois homens quase ao mesmo tempo.

— Infelizmente não lhes posso dizer, ou melhor... não sei.

— Como assim?

— Foi meu sócio quem a vendeu, num momento em que eu estava ausente.

— E onde está o tal sócio?

— Desfizemos a sociedade poucos dias depois, e ele se mudou para uma fazenda que comprara.

— Onde fica essa fazenda?

— Vou dar-lhes o endereço do irmão dele que mora aqui perto e que poderá informar melhor.

Os dois homens agradeceram ao homem as indicações e saíram.

— Que bonita moça a filha do homem, hem? comentou Alberto depois que saíram.

— A garota não tirava os olhos de você...

— Que culpa tenho eu de ser simpático? disse Alberto, rindo, fingindo-se de convencido.

— Pelo que vejo, teremos um romance dentro em breve.

— Nada disso, continuou Alberto. Há qualquer coisa nela que não me agrada.

— O quê?

— Um certo ar de arrogância, de crueldade talvez.

— Por que tanta prevenção contra a pobre coitada? disse o Inspetor. Sabe lá Deus se ela não é nada disso?!

— Meu sexto sentido não me engana. Quando uma pessoa tem algum traço qualquer de caráter muito pronunciado — seja bondade, inveja ou sensualidade, por exemplo, isso transparece na fisionomia. Há como que uma "emanação" da personalidade, que os "sensíveis" logo percebem.

Os dois homens caminhavam pela calçada, conversando propositadamente sobre outro assunto a fim de disfarçarem uma certa emoção. Dali a poucos instantes iriam saber alguma coisa sobre o homem que tinha a chave do mistério...

O número 307 ficava no meio da rua. Tocaram a campainha e chamaram pelo dono da casa. Minutos depois surgiu--lhes um homem de meia idade, trajando com displicência. Ao saber do que se tratava, a criatura fez um ar compungido, baixou os olhos e apenas disse:

— Meu irmão faleceu na fazenda há uma semana, senhores. Morreu de pneumonia. Sinto não lhes poder ser útil...

Capítulo IV

CLARENCE O'SHEA

A verdade é que Alberto não tinha namorada. Fora quase noivo de uma tal Palmira, mas a pequena era tão vulgarzinha, que o moço desistiu. O melhor mesmo seria flertar sem compromissos. E isso ele fazia de sobra, escolhendo à vontade, pois as garotas eram loucas por ele.

Havia já um mês que conhecera Rachel Saturnino e que se encontrava com ela todas as tardes.

A beleza da moça fascinara-o a princípio, mas Alberto era dos tais que tinham necessidade de encontrar na mulher alguma coisa mais que um rosto bonito. E Rachel era tão fútil que fazia pena... Além de tudo, detestava Medicina.

— Que gosto, Alberto! reclamava ela. Por que você não escolheu uma outra profissão mais alinhada, a Marinha, por exemplo?... Tenho verdadeira loucura por fardas! Isso de viver no meio de gente pobre e doente não é para mim. Deus me livre!

Alberto não sabia bem o que mais o atraía na linda moça. Talvez fossem aqueles cabelos vermelhos tão parecidos com os do pobre Hugo... Talvez aqueles olhos, verdes e oblíquos como os das panteras. O fato é que, apesar de tantos encantos, Alberto estava começando a ficar enfastiado. Enfim ... para passar o tempo... Vá lá.

O moço ia pensando nisso tudo, enquanto se encaminhava para o cinema a fim de assistir à reprise de um velho filme de Greta Garbo. Alberto admirava profundamente a sueca, a quem considerava a maior atriz de todos os tempos.

Enquanto isso... havia festa em casa de Cora O'Shea.

A irlandesa era dada às artes e gostava de celebrar o seu aniversário com uma reunião literomusical.

Além dos hóspedes, havia convidado seis ou sete pessoas, para ouvirem Mrs. Juell, uma pianista norueguesa que tinha acabado de dar um concerto na cidade.

A sala estava decorada num estilo vitoriano um tanto exagerado e havia uma tal profusão de cortinas, pufes, borlas e franjas que a gente se sentia

tonto lá dentro.

Mrs. Juell trouxera consigo uma moça brasileira que conhecera a bordo e que tinha fama de boa declamadora.

Envolvida numa espécie de túnica de jérsei creme, Cora O'Shea observava discretamente as banhas da pianista norueguesa, constatando com secreto prazer que eram ainda mais abundantes do que as suas. Afundado numa poltrona cheia de pufes de cetim, Clarence bocejava, aborrecido como sempre.

— Como é esnobe e antipático esse menino! comentava Verônica, sentada ao lado de Mr. Graz...

O bom suíço deglutiu com sofreguidão um copo de refresco e pediu outro. Verônica pensou no quanto deveria ser agradável possuir um apetite assim, e sorriu em silêncio.

Impassível e teso como um boneco, Mr. Gedeon permanecia sentado numa cadeira de medalhão. A declamadora ergueu-se, sacudiu teatralmente a cabeleira negra, deitou um olhar vazio e distante para um lugar que ninguém via e começou a recitar com voz grave, lenta e teatral.

— Arre, que ela já muda de tom desde que pronuncia o nome do poema e do autor, sussurrou Verônica ao ouvido de Mr. Graz.

A declamadora virou e revirou os olhos, uivou, gemeu, chorou e depois soltou gargalhadas histéricas, como se tivesse enlouquecido. Ninguém gostou. Verônica sentiu uma vontade louca de rir, mas conteve-se. Declamar é coisa bela, mas perigosa, pois do sublime ao ridículo vai apenas um passo.

O outro poema recitado era muito sentimental e foi dito à meia-voz, com mais discrição.

Se não fosse um escandaloso e inoportuno espirro soltado por Clarence — que provocou certa hilaridade entre os assistentes — os versos seriam até muito apreciados.

Em seguida Mrs. Juell anunciou que tocaria a mais recente composição de certo famoso músico moderno: "A grande Sonata em Fá Sustenido".

A pianista, não sem dificuldade, ajeitou suas banhas em cima do mocho e deu início a uma barulhenta, horrorosa e interminável peça. Dez, vinte, trinta minutos, e a criatura surrando o piano. Sim, pois aquilo mais parecia uma enérgica sova ministrada com requintes de crueldade ao pobre "Pleyel"...(*)

(*) marca de piano.

Trinta e cinco, quarenta minutos e o barulho infernal sempre o mesmo!

Um furioso acorde final se fez ouvir. Um acorde que soou desafinado, como se, em vez de piano, o instrumento atacado fosse um cravo...

Não resistindo à violência do assalto, as cordas se haviam arrebentado!

Rubra, congestionada, suando por todos os poros, Mrs. Juell levantou-se e pôs uma das mãos no peito, outra na testa.

— Um leque! gemeu ela, angustiada.

A pianista sentia-se visivelmente mal e foi preciso transportá-la para a cama de Verônica.

— A cinta! — tornou a pobre senhora, acometida de verdadeiro acesso de dispnéia.

Com algum sacrifício, o incômodo acessório foi retirado, depois do que Mrs. Juell pôde respirar aliviada. Uma pequena dose de coramina, ministrada por Verônica, acabou de acalmá-la e, meia hora depois, já refeita, a norueguesa voltou para a sala, fagueira como dantes e... mais gorda do que nunca...

Para grande alegria de Mr. Graz, os convidados foram chamados para o bufete.

Mr. Gedeon levantou-se como um autômato e dirigiu-se para a sala de jantar onde se achava a mesa com toda a sorte de iguarias.

Mrs. Juell e Cora não comeram quase nada, o que era facilmente compreensível.

Perto da janela, Mr. Graz estalava a língua e "decompunha" um sequilho.

— Nozes... manteiga... farinha de trigo... dizia ele, tentando adivinhar, pelo paladar, os ingredientes do biscoito.

Como era guloso o amigo de Verônica! Seus olhos transformavam em petisco todos os animais que lhe surgiam à frente. Se via um leitão, imediatamente imaginava-o torradinho, estendido numa travessa, com um sorriso de mártir, coberto de rodelas de limão. Se encontrava um frango, no mesmo instante sonhava com ele fumegando na panela, mergulhado num molho pardo... E apesar de tanta gulodice, o simpático velhinho era magro como um caniço e tão sentimental que não tinha coragem de matar um pinto...

Sempre silencioso, Mr. Gedeon tomava um uísque, lançando para Verônica olhares fixos, cheios de mensagens.

— Melhorou da gripe, Clarence? perguntou Cora, aproximando-se do filho.

O rapaz, sempre agastado, não respondeu nada.

— Já tomou sua cápsula? continuou a mãe.

O moço levantou-se, foi ao quarto e voltou com uma pequena caixinha na mão. Em seguida, aproximou-se do filtro e encheu um copo de água, que engoliu.

Não haviam decorrido cinco segundos e Clarence, soltando um grito agudo, cambaleou e caiu pesadamente no chão, lívido como cal.

Um dos convidados, que era médico, correu para o rapaz, a fim de socorrê-lo. O coração já não batia quase.

— Colapso cardíaco, disse o médico, gravemente.

Em vão tentaram reanimá-lo, com providências de emergência, colocando-lhe a cabeça mais baixa do que o corpo e dando-lhe éter e vinagre para cheirar.

Tudo inútil. Clarence O'Shea já não mais vivia!...

Capítulo V

HIPOPHENEMUS TOXICODENDRI

Bem cedo, no dia seguinte, Alberto, metido num avental branco trafegava de um lado para outro na enfermaria do hospital, em companhia de outros estudantes. Ajudado por um colega que usava óculos com aro de tartaruga, o rapaz começou a tirar sangue da veia de um indigente que deveria sofrer de anemia, tal a sua palidez.

— Hemoglobinazinha ordinária, hem? disse Alberto, examinando e mostrando ao colega um sangue ralo e apenas rosado dentro da seringa. Vamos ver a contagem de hematias.

Os dois amigos dirigiram-se para o laboratório, onde os estudantes começavam a fazer as primeiras pesquisas clínicas.

Alberto adorava a profissão que escolhera. Talvez fosse por isso que o

trabalho se lhe transformava quase que num prazer. Além do mais, o moço tinha forte atração pelo mistério, e a Medicina freqüentemente lhe fazia lembrar um verdadeiro romance policial.

Sim, era preciso auxiliar o órgão atacado, descobrir o "culpado" através dos "vestígios" deixados, e depois guerreá-lo, vencê-lo, custasse o que custasse. Era preciso dominar a grande inimiga, a Morte, combatendo os seus cúmplices, aqueles terríveis seres minúsculos e invisíveis: os micróbios e os vírus. E havia também uma razão mais forte e mais profunda para que o moço gostasse da Medicina: ele sentia que a carreira o punha em contato com o sofrimento humano, proporcionando-lhe oportunidades de aliviá-lo. Sabia que era essa a mais íntima alegria que uma criatura pode ter, e que a dor deixa de ser triste quando nos aproximamos dela para a suavizar.

Era isso o que Alberto tentava em vão explicar a Rachel Saturnino. A moça irritava-se e repetia sempre:

— A vida é tão curta! O melhor é desfrutá-la e tirar dela o maior partido possível.

— Bem, tornava Alberto, a concepção de "aproveitar a vida" varia de indivíduo para indivíduo, é ou não é? O que para um significa prazer, para outro representa futilidade, desperdício de tempo e vice-versa.

Debruçado sobre o microscópio, Alberto examinava uma lâmina com um pouco do sangue que acabava de tirar.

A porta do laboratório abriu e surgiu um dos médicos do hospital.

— Escute lá, disse ele ao rapaz. Meu assistente faltou hoje. Será que você pode ajudar-me a fazer uma autópsia?

— Pois não, disse Alberto, abandonando o microscópio e acompanhando o médico.

Ao levantar o lenço! branco que cobria o cadáver, Alberto estremeceu. O jovem tinha uma vasta cabeleira vermelha. Vermelha como a de seu irmão Hugo...

— Quem é? Como morreu?

— O rapazinho faleceu repentinamente esta madrugada e a família decidiu esclarecer a "causa-mortis". Parece que foi mesmo colapso cardíaco.

Ao ter início a autópsia, um ligeiro odor de amêndoas amargas se fez sentir.

— Cianeto de potássio! exclamaram o médico e o estudante, quase que ao mesmo tempo.

Não havia dúvidas: o jovem de cabelos vermelhos suicidara-se ou fora envenenado com aquele terrível tóxico! Era necessário confirmar a descoberta pela pesquisa química, entretanto.

— Antes de isolarmos o veneno, vamos fazer um ensaio preliminar com

a reação de Schoenbein, que é extremamente sensível, disse o médico.

O resultado foi positivo. Uma nova pesquisa por meio de reação do azul da Prússia foi praticada.

A "causa-mortis" foi cabalmente confirmada: envenenamento violento por cianeto de potássio.

— Só nos resta avisar ao Serviço de Medicina Legal, disse o médico. Disso eu me encarrego, mas peço-lhe, Alberto, que procure a família do rapaz para comunicar o resultado.

O jovem saiu da sala, tirou o avental, vestiu o paletó e telefonou para seu amigo, o Inspetor Pimentel, pedindo-lhe que o acompanhasse à casa do moço de cabelos vermelhos.

Deu-lhe o endereço e combinaram um encontro na porta da residência.

— O que é isso, Senhor Alberto? Vai deixar o hospital assim tão cedo? falou Nilza, uma enfermeirazinha loura, de nariz arrebitado, que cruzou com o moço na enfermaria.

— Trabalho, minha filha, trabalho. Tchau...

* * *

Cora O'Shea quase desmaiou quando soube que o filho morrera envenenado. A hipótese de suicídio ficou logo afastada. Clarence, apesar de egoísta e insatisfeito, gostava imensamente da vida e jamais faria uma coisa dessa.

— O cianeto age em segundos e preciso saber se o rapaz comeu ou bebeu alguma coisa antes de cair no chão, disse o Inspetor.

Cora pensou algum tempo e exclamou aflita:

— A cápsula! A cápsula!

E contou que Clarence se achava muito gripado, ligeiramente febril, e que ela mandara aviar para ele uma velha fórmula com aspirina. Tomara o remédio naquela sala mesmo, à vista de todos.

O rapaz já havia ingerido duas cápsulas, uma pela manhã, outra à tarde, sem que nada houvesse acontecido.

— Deixe-me ver a caixinha onde elas vieram, pediu o Inspetor.

— Caiu no chão junto com ele e ficou jogada por aí.

O próprio Inspetor abaixou-se e pôs-se a procurá-la. Depois de algumas buscas, encontrou-a atrás de uma arca antiga, ali mesmo na sala de jantar. Ainda havia três cápsulas dentro dela. Da caixinha, se desprendia um vago odor de amêndoas amargas, característico do cianeto. Examinando as três cápsulas, constatou que elas realmente continham aspirina.

— O veneno foi depositado apenas numa delas, disse ele.

A fórmula fora preparada na maior e mais afamada drogaria da cidade.

Teria o farmacêutico cometido um trágico engano? Mas, por que apenas uma cápsula continha o tóxico?

— Isso está me cheirando a crime propositado e praticado por alguém aqui da casa, disse o Inspetor. Alguém que sabia da gripe do rapaz e do remédio que estava tomando. Hoje, mais tarde, depois do enterro, averiguaremos isso.

— A senhora faz objeção em nos levar até o quarto do moço? continuou ele.

— "What?"(*) perguntou Cora, que era meio surda.

(*) O quê?

A pergunta foi repetida num tom mais alto, a irlandesa concordou e conduziu-os até o sótão, transformado num agradável quarto de rapaz, enfeitado de mapas e navios.

Sentada numa poltrona forrada de pano escocês, achava-se uma pequena mulher, extremamente feminina, de ar decidido e frágil ao mesmo tempo. A moça trazia um lenço na mão e de vez em quando enxugava uma lágrima.

— Miss Verônica, disse Cora apresentando-a aos dois homens.

Ao vê-la, Alberto sentiu uma estranha emoção. O coração bateu-lhe apressado e ele se viu subitamente transportado para um mundo de irrealidade e sonho. Não saberia dizer se era bonita ou feia, morena ou loura, gorda ou magra, tal a perturbação em que se achava.

Como que magnetizado, ficou olhando para a pequena criatura sentada na poltrona. Sem perceber o que se passava com o estudante, o Inspetor examinou cuidadosamente todos os detalhes do quarto de Clarence.

— Um besouro! exclamou Alberto de repente, segurando uma caixinha aberta com um pequeno escaravelho negro fincado numa rolha, em cima de uma cômoda.

A caixa era exatamente igual à que Hugo recebera na véspera de sua morte.

— Seu filho era entomologista, minha senhora?

— Não. Clarence recebeu isso ontem de manhã, pelo correio. Deve ser alguma brincadeira...

Alberto sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Em sua imaginação misturavam-se duas cabeleiras vermelhas, a de "Foguinho" com a de Clarence, e dois besouros negros, ambos fincados numa rolha.

— Pode ceder-me esse inseto? perguntou Alberto a Mrs. O'Shea. Estou fazendo coleção deles.

— Pois não, tornou a senhora irlandesa. Leve-o: Alberto guardou a caixa no bolso, um tanto agitado, pediu licença, despediu-se e saiu. Foi

diretamente para uma das bibliotecas da cidade.

— O senhor tem algum livro sobre besouros? perguntou ele ao encarregado da seção de História Natural.

O rapaz dirigiu-se a uma grande estante e trouxe unia porção de volumes sobre coleópteros que foram rapidamente consultados pelo estudante. Não encontrou nada que se parecesse com o estranho besouro. Por fim teve uma idéia: escreveria ao Diretor do Museu de História Natural do Rio de Janeiro, enviando-lhe o escaravelho e pedindo-lhe que o fizesse chegar às mãos do chefe da seção de entomologia para que ele classificasse o inseto.

O besouro voltou quinze dias depois, com a resposta: "Hipophenemus toxicodendri — (Hope)" família "scolitidae".

— Toxicodendri!... repetiu Alberto baixinho para si mesmo...

Tudo aquilo parecia tão desconcertante! Era realmente uma pena que seus pais estivessem na Europa. Gostaria tanto de trocar idéias com eles sobre os acontecimentos! Não! Talvez fosse melhor que estivessem mesmo longe. Sua mãe tinha sofrido tal abalo nervoso com a morte de Hugo que tivera de passar um mês num sanatório. E o médico aconselhara uma viagem longa, em lugar bem distante.

Capítulo

VI SUSPEITAS

Mal recebera a carta com a inquietadora resposta, Alberto foi urgentemente chamado a certa cidade a fim de resolver negócios particulares de seu pai.

O moço estava quase convencido de que o desaparecimento de seu irmão tinha relação com o de Clarence.

Se bem que em vida ambos se ignorassem reciprocamente, havia uma ligação íntima qualquer a uni-los na morte.

Não tinham ambos recebido um besouro nas vésperas do acontecimento fatal? Um besouro cujo nome parecia anunciar de que modo as pobres vítimas terminariam os seus dias? E ambos possuíam cabelos vermelhos, vermelhos como fogo... Por vezes Alberto achava que tudo aquilo era tolice, que não passava de simples coincidência. Afinal de contas, que laço poderia haver entre dois rapazes que nem se conheciam? Apenas a mesma cor dos cabelos, nada mais... De qualquer modo decidiu contar sua desconfiança ao Inspetor Pimentel.

O policial ouviu a história com atenção.

— Meu caro, disse ele, tenho a impressão de que você está enganado...

Ficou pensativo e depois divagou:

— A menos que estejamos às voltas com algum louco, pois somente um cérebro enfermo poderia conceber uma coisa daquelas.

— A verdade é que até agora não adiantamos um passo sequer na descoberta do assassino de Hugo, comentou Alberto.

— Meu amigo, a Polícia custa, mas não falha. Ela não é adivinha, entretanto. Muitas vezes tateamos no escuro até que, de um momento para outro, conseguimos agarrar uma pista que vem elucidar um mistério aparentemente insolúvel. Levei cinco anos para esclarecer o caso de Gladys, a envenenadora, você se lembra, não é? E isso não impediu que ela fosse parar na prisão, onde está pagando os seus crimes...

— Que acha da morte de Clarence?

A resposta do Inspetor não foi uma resposta propriamente.

— Quer ir lá agora? perguntou ele.

O fato é que já se haviam passado duas semanas desde que o jovem O'Shea falecera e o policial não pudera voltar à residência de Cora porque fora repentinamente chamado à capital do país para cuidar de um negócio urgente, lá ficando quinze dias.

Dois colegas seus o haviam substituído, tendo apresentado um relatório completo do levantamento do local.

***

Duas fortes razões faziam com que Alberto desejasse acompanhar de perto o caso de Clarence. Uma delas era uma intuição forte de que a morte de seu irmão tinha relação com a de O'Shea. A outra... a outra... era Verônica. Sim, Verônica... Como era possível aquilo, meu Deus? Não trocara sequer uma palavra com ela e, entretanto, parecia-lhe ter descoberto um sentido novo na vida, desde que a vira. Sempre achava vulgares e ridículos os poetas cantando a lua e, entretanto, na véspera, ficara mais de uma hora silencioso na janela mirando o astro... E em seguida olhara para a rosa que estava no vaso, tocando-a de leve, como se estivesse acariciando um rosto delicado de mulher...

Cora recebeu-os com muitas atenções. A irlandesa tinha espírito forte e apesar de sofrer muito com o triste fim de Clarence, enfrentou a situação de cabeça erguida. Marmaduke telefonara de Londres dizendo que viria no primeiro avião visitar a mãe. Mrs. O'Shea estava alegre com isso, pois amava muito aquele filho que já estava sendo considerado um dos melhores químicos da Inglaterra.

O caso de Clarence fora mesmo definitivamente entregue ao Inspetor Pimentel.

— Esse meu amigo vai ajudar-nos, disse ele, referindo-se a Alberto.

A primeira coisa que fizeram foi repetir as perguntas dos policiais que ali haviam estado no dia do enterro de Clarence.

Mr. Gedeon tinha nascido em Cleveland, Ohio, era solteiro, representava uma firma de artigos ortopédicos e vivia na casa havia um ano apenas. Misterioso e calado, tentava disfarçar em vão uma paixãozinha por Verônica. Ao ser interrogado, gaguejou, visivelmente contrariado, respondendo por monossílabos as perguntas que lhe foram feitas.

— Esse sujeito parece tudo, menos americano, disse Alberto. Os patrícios dele, geralmente, são alegres, esportivos, sadios, e esse camarada tem jeito de coveiro em missa de sétimo dia. E como é enfezado, arre!

— Não faz mal, tornou o Inspetor. Nossos companheiros da Polícia esclarecerão tudo o que ele não quer contar. É possível até que eu mande o investigador número 4 segui-lo durante algum tempo.

Nada de extraordinário foi encontrado no quarto de Mr. Gedeon. Objetos de uso, catálogos dos artigos que vendia, duas garrafas de uísque, uma porção de revistas e o livro de Dale Carnegie "Como Fazer Amigos".

— Leu isso e não adiantou nada, hem? comentou Alberto baixinho.

O seguinte a ser interrogado foi Mr. Graz.

Nascera em Genebra e vivia em casa de Cora havia nove anos. Jamais incomodara quem quer que fosse e ganhava a vida ensinando línguas num colégio de rapazes. O velho suíço afeiçoara-se a Verônica, a quem dava aulas de francês.

Mr. Graz tinha no quarto uma grande estante cheia de dicionários, gramáticas em francês e inglês e uma coleção completa do "Larousse". Em cima da cômoda, uma caixa de chocolates, uma bandeja com várias frutas e um pequeno manual: "Como Fazer uma Boa Confissão".

— O magricela é católico, disse Alberto.

Não encontraram coisa alguma que despertasse suspeitas.

Finalmente Verônica foi chamada. A moça tinha um gênio muito forte e mostrava-se bastante irritada com as perguntas que lhe fizeram.

— Isso é um desaforo! protestava ela. Com certeza estão me achando com cara de assassina.

— Que pena, disse Alberto baixinho. Fica tão feia assim zangada.

A moça não tinha mais que dezessete anos e havia perdido pai e mãe, possuindo apenas um irmão mais velho, que era Promotor numa pequena cidade.

Esse irmão fora hóspede de Cora quando estudante e ficara tão amigo da

irlandesa que lhe confiara a irmã.

O quarto de Verônica era pequeno e feminino como ela mesma. Cortinas de "voile" creme, papel de florinhas na parede, um crucifixo, rosas e uma fotografia dos pais em cima da cômoda. No mais, objetos comuns de "toilette", papéis de música e o "Jean Cristophe", de Romain Rolland.

Alberto indagou de Verônica qualquer coisa sobre outro assunto para ver se estabelecia um ambiente de cordialidade, e os dois se puseram a conversar. O rapaz ficou,tão distraído que nem prestou atenção às perguntas que o Inspetor fazia ao cozinheiro e às três criadas da casa.

Os quartos de Mr. Graz, de Mr. Gedeon, da arrumadeira e do cozinheiro, eram absolutamente independentes e tinham saída para o pátio.

A chave do mistério deve estar naquela casa, disse o Inspetor, já na rua. Só mesmo alguém que participasse diretamente das atividades da família poderia estar a par da gripe de Clarence.

— Afastou a hipótese de um lapso do farmacêutico? perguntou Alberto.

— Espero hoje o resultado de um inquérito na drogaria que aviou a fórmula de salofeno.

— Perdoe minha insistência, tornou Alberto. Nada tira de minha cabeça que o assassino de Hugo e o de Clarence sejam uma única e mesma pessoa.

— Bem, não digo que isso seja absurdo. Entretanto, seria algo de tão fantástico que só mesmo diante de mais uma prova eu me decidiria a seguir essa pista.

Alberto ficou silencioso. Sua intuição o tornara absolutamente certo do que dizia. Tão certo quanto de uma outra coisa: amava Verônica como nunca amara ninguém até então, como nunca seria capaz de amar alguém depois...

Capítulo VII

ALBERTO PREPARA A MÁQUINA FOTOGRÁFICA

Os dias foram passando, as semanas, um mês, dois... Alberto já estava quase achando que a única relação entre a morte de seu irmão e a de Clarence nada mais fora que uma dupla coincidência.

"O caso O'Shea continua na mesma". "A Polícia incapaz de solver o mistério", diziam os jornais. "Suspeita-se de um empregado da casa", anunciava um outro. O fato é que Clarence tivera, uma semana antes de morrer, uma discussão forte com o cozinheiro, tendo sido ameaçado de

morte. Esse detalhe só foi conhecido depois, através da arrumadeira.

Nada puderam provar contra o homem, entretanto. Apesar disso, ficou vigiado, pois ainda era suspeito.

O inquérito na drogaria foi muito severo. O farmacêutico que tinha aviado a receita jamais ouvira falar em Clarence O'Shea e garantiu ter preparado a fórmula com o mais rigoroso escrúpulo. Esse homem já trabalhava no estabelecimento havia mais de vinte anos e sua "folha de serviço" era a melhor possível.

Alberto voltou algumas vezes à casa de Cora, em companhia do Inspetor. Verônica mostrou-se esquiva a princípio, depois começou a corresponder ao amor do rapaz. A este foi fácil libertar-se de Rachel Saturnino, pois a moça tinha vários namorados e poderia consolar-se facilmente.

* * *

Alberto preparou a máquina fotográfica e disse para Mr. Graz, Verônica e Cora:

— Arranjem um grupinho aí perto da escada e façam uma cara simpática.

— O quê? — perguntou a irlandesa sempre meio surda.

— Repita a pergunta em linha enviesada, aconselhou Verônica baixinho. Descobri que nessa direção sopra uma corrente, um ventinho que vai direto ao ouvido dela. A gente nem precisa falar mais alto.

— O cavalheiro entre as damas, façam-me o favor.

O suíço tirou um pentinho do bolso, alisou os cabelos, ajeitou a pérola cinzenta da gravata e ficou entre Cora e Verônica, dando o braço às duas.

— Pronto... — disse Alberto.

Verônica ficou tão linda nesse retrato, que Alberto mandou fazer dele uma ampliação, que trazia sempre na carteira.

Capítulo VIII

UMA PRAÇA DE TOUROS EM SEVILHA...

0 teatro estava repleto. Representava-se naquela noite "Carmen", a ópera que Bizet compôs. Um dos motivos de atração era Maria Fernanda, o mais puro "contralto" dos últimos tempos. A moça ganhara todos os prêmios em vários concursos e passara cinco anos na Itália, aperfeiçoando-se.

— Quanta mulher bonita! — exclamou Alberto, assestando o binóculo

para os camarotes iluminados e coloridos pelos vestidos femininos.

— Aquela não é Paula? — perguntou o rapaz que o acompanhava, mostrando-lhe uma bela mulher decotadíssima num vestido de "tulle" negro.

— É sim. E como vai o seu "fraco" por ela?

— Cada vez mais "forte"... — tornou o outro, mal contendo um suspiro.

— Sabe que não gosto muito de óperas? — disse Alberto. A gente se aborrece durante duas horas para ouvir três ou quatro árias bonitas. Além de tudo é ou não é ridículo uma pessoa pedir um copo de água cantando?

— Bem, meu caro — tornou o colega, sempre de olhos fixos na maravilhosa Paula. Ópera é um gênero, e, como tal, tem grandes e fervorosos admiradores.

— Um gênero que não se usa mais, que já saiu da moda.

— Para você, pode ser... Questão de gosto. Noto que está meio azedo hoje, Alberto. Brigou com Verônica?

— Briguei... Ela tem um gênio horroroso. Convidei-a para vir e ela não aceitou, pretextando dor de cabeça. Entretanto, repare no segundo camarote à direita, a partir do palco. Verônica está lá, em companhia de Cora, de Mr. Gedeon e de Mr. Graz. Isso não é desaforo?

Mal acabara de falar, foram ouvidas as primeiras notas da orquestra, iniciando, num "fortíssimo", uma vibrante melodia quase militar. Concluído o prelúdio, ergue-se a cortina e surge uma praça em Sevilha. O barítono e o soprano entram em cena, cada um por sua vez. Algum tempo depois chega Dom José, elegantíssimo em seu vistoso uniforme de "corporal" dos dragões. Soam trombetas e aproximam-se as moças da fábrica de tabaco. Finalmente, estuante de vida, surge Maria Fernanda vestida de Carmen, envolvida num xale de seda creme, uma flor vermelha nos cabelos. Os homens rodeiam-na e ela canta a famosa "habanera":

«L'amour est un oiseau rebelle
Que nul ne peut apprivoiser...»(*)

(*) O amor é um pássaro rebelde que ninguém pode aprisionar.

Maria Fernanda possuía uma voz quente de "contralto", era grande e vistosa.

— Tem cabelos vermelhos como Hugo e Clarence — pensou Alberto com ligeiro mal-estar.

No intervalo do primeiro ato, o moço teve ímpetos de chegar até o camarote de Verônica, mas resistiu à tentação e ficou onde estava.

O "boy" aproximou-se e entregou-lhe um bilhete. Era de Rachel:

"Querido, venha dar-me uma palavrinha no outro intervalo".

A jovem estava muito bonita, num vestido colante de lamê verde, e sua

cabeleira de cobre caía em cascata pelos ombros. Queria saber notícias de Alberto com quem não se encontrava havia bastante tempo.

O moço surpreendeu-se vendo o quanto os encantos de Rachel o deixavam indiferente.

— É linda, é encantadora, é maravilhosa... mas... não é Verônica!... — disse ele para si mesmo.

Passou o segundo ato, o terceiro, até que começou o último:

Em frente à arena da praça de touros, vendedores apregoam suas frutas e seus cigarros. Dançarinas envoltas em xales coloridos bailam trechos da "Arlesiana".

O povo entusiasmado saúda os toureiros que vêm chegando em procissão. Provocando gritos de delírio, surge Escamilo, o herói do dia, numa carruagem aberta, tendo ao lado Carmen, coberta de jóias, enrolada num xale vermelho bordado a ouro. Escamilo entra na arena e surge Dom José, desesperado, a suplicar o amor da cigana.

— Impossível — diz ela. — Tudo acabou entre nós.

Enquanto isso, a vitória do toureiro soa na arena. Alucinado com o sucesso do rival, Dom José tira do peito um punhal e avança para a mulher.

"Toreador, en garde... Toreador... toreador..." repete o coro.

Ouve-se um grito agudo e Carmen tomba, com a arma mergulhada no peito.

— Matei-a! — grita Dom José, soluçando, desesperado. — Ó minha Carmen! Minha adorada Carmen!

Terminara a ópera e o teatro quase veio abaixo, tal o entusiasmo dos

aplausos do público. Gritos de "bravo", "bravo", partiam de todos os lados. E com razão, pois o espetáculo havia sido completo. A montagem riquíssima, o timbre das vozes, maravilhoso, e o jogo de cena, perfeito.

A cortina desceu e ergueu-se outra vez, a fim de que os artistas pudessem agradecer as ovações da platéia. Ao palco vieram todos os figurantes: o tenor, o barítono, o soprano", as bailarinas, os toureiros, as moças da fábrica. Os aplausos continuavam e os artistas, com sorrisos e curvaturas, agradeciam. Carmen, entretanto, continuava caída no chão.

— Vamos, Fernanda, levante-se! — disse-lhe o tenor.

A moça continuou deitada. Estava morta.

Capítulo IX

A ZARABATANA FATAL

Os minutos que se seguiram foram de grande confusão. O rapaz que fizera o papel de Escamilo procurava acalmar os artistas que corriam desnorteados de um lado para outro, e ordenou que a cortina do palco se fechasse imediatamente, numa tentativa inútil de evitar o alarma da platéia. O público, entretanto, já havia percebido que algo de anormal sucedera. Haviam-se levantado todos das cadeiras e mantinham-se em expectativa nos seus lugares, aguardando uma explicação qualquer.

Faiscante em seu traje prateado de toureiro, o barítono saltou para a platéia à procura de um médico. Imediatamente vários deles se ofereceram, dirigindo-se para os bastidores do teatro. Estirado no diva do camarim, achava-se o corpo inerte de Fernanda. O primeiro médico a entrar no quarto foi um velho Professor da Faculdade de Medicina.

— Saiam todos, por favor — ordenou ele.

O mestre nada mais fez que constatar o óbito. Alguns minutos depois abriu a porta e acenou para o barítono:

— Chamem a Polícia — disse ele gravemente — Esta senhora foi assassinada.

— Assassinada? Como — indagou, agitadamente, Escamilo.

— Olhe esta pequenina seta cravada logo abaixo do seio esquerdo — disse ele, levantando o xale vermelho, bordado a ouro.

Fez-se um grande silêncio.

— Não é possível! — exclamou o barítono — Como pode uma seta assim tão insignificante matar uma pessoa?

— Não quero adiantar nada — tornou o médico — Minha impressão é de que ela está envenenada.

— Que coisa horrível! Que desgraça! Mas por que isso? — exclamava aquela gente toda, ainda metida em suas fantasias.

— Que ninguém toque no corpo até a Polícia chegar — ordenou o doutor.

Minutos depois, surgia o Inspetor acompanhado de Alberto, muito elegante em seu "smoking". Apenas o médico ficou no camarim com eles.

— Que bela cabeleira vermelha, hem? — comentou Alberto, lançando um olhar significativo para o Inspetor.

Pimentel abanou a cabeça afirmativamente e tirou um lenço do bolso. Com grande cuidado extraiu o pequeno dardo cravado no corpo da cantora. Examinou-o alguns instantes, e disse:

— Essa seta feita com lasca de taquara é típica das que são lançadas pelos índios através de uma zarabatana. Curioso isso...

— Quer dizer que o criminoso atirou-a de longe, de algum camarote talvez, não é isso mesmo? — objetou Alberto.

— Provavelmente. Se foi assim, aproveitou-se do fato de estarem todos absorvidos, com a atenção voltada para o "clímax" da ópera. Ou então instalou-se nos bastidores, escondendo-se no alto das escadas, junto dos cenários.

— Estará envenenada a seta?

— Não tenho a menor dúvida. E com curare, certamente. Só esse veneno, quando altamente concentrado, mata assim", de modo quase instantâneo, paralisando os músculos respiratórios e asfixiando a vítima.

— De qualquer modo a autópsia esclarecerá tudo definitivamente — disse o médico. Mas que crime estranho! Deve ser algum caso de amor, com certeza... Fernanda era casada ou solteira?

— Solteira — respondeu o Inspetor desinteressadamente.

— Chame os rapazes — pediu ele a Alberto.

O moço saiu e voltou com dois enfermeiros carregando a maça destinada a transportar o corpo de Fernanda para o necrotério do Serviço de Medicina Legal.

— Agora vamos atrás do besouro — disse o Inspetor com ar decidido, saindo do camarim, acompanhado de Alberto.

Tomaram um táxi e rumaram para a cidade.

— Leve-nos ao apartamento da Senhorita Fernanda — disse o policial ao gerente do hotel onde a cantora se havia hospedado.

— Alguma novidade, chefe? — perguntou o homem, curioso.

— Daqui a pouco saberá — respondeu o Inspetor. Sua qualidade de

detetive abria-lhe todas as portas.

— Fica no décimo andar — disse o gerente, entregando-lhe as chaves.

O quarto da moça se achava mais ou menos em ordem. No criado-mudo, o retrato em perfil de um homem simpático e jovem, de nariz levemente arrebitado. "Para Fernanda não se esquecer de quem nunca se esquece dela. Cláudio."

Quem seria esse Cláudio, que parecia amá-la tanto? Qual! Alberto tinha uma forte intuição de que todos esses elementos não iriam servir de nada. O único ponto de partida para qualquer raciocínio estava naquela cabeleira vermelha, cor de fogo... Nela e no besouro que procuravam... Mas onde se acharia ele? As gavetas foram abertas, enquanto camisolas e calcinhas de "nylon" e rendas iam caindo pelo chão. E havia perfumes franceses e cosméticos de Elizabeth Arden na "toilette". Na caixa de jóias viram colares de pérolas e diamantes, além de uma infinidade de anéis e pulseiras. Os armários estavam cheios de corpetes, perucas e fantasias para as caracterizações da artista em diferentes óperas. E havia uma infinidade de coisas, isso e aquilo, mas nada do que procuravam.

— Tempo perdido, hem? — comentou o Inspetor, desapontado.

As cestas de papel foram reexaminadas, tudo em vão.

— Espere aí — disse Alberto abandonando, precipitadamente, o quarto.

O policial mal pôde segui-lo. O rapaz embarafustou-se pela escada abaixo e desandou a correr como louco até chegar à porta da rua. Com a mesma rapidez, andou uns trinta metros e parou em frente a um grupo de janelas entre as quais se achavam as do apartamento de Fernanda. Alberto acendeu um fósforo e se pôs a procurar qualquer coisa no chão. Riscou mais um, depois outro, sempre continuando a busca, para Ia e para cá. Os pauzinhos se acabaram e o moço voltou ao hotel a fim de pedir uma caixa de fósforos ao gerente.

— Não prefere uma lanterna elétrica? — perguntou o homem, no auge da curiosidade.

— Ótimo — respondeu Alberto.

A busca tornara-se muito mais fácil. Nada. Apenas pedras, folhas soltas, um ou outro pedacinho de pau. Súbito o jovem sentiu uma pequena resistência debaixo do pé. "Crac!" Esmagara qualquer coisa... Focalizou a lanterna para o chão e viu, entreaberta e um tanto amassada, uma pequena caixa branca com certa coisa escura dentro... um escaravelho! Alberto não se conteve e deu um grito:

— E só agora eu desconfiei que ela deveria ter atirado o bicho pela janela! — disse ele, excitadíssimo, para o Inspetor que vinha chegando.

— Com os diabos! — exclamou este. Você é quem deveria trabalhar na

Polícia e não eu... Meus parabéns, amigo.

— Ainda é cedo para isso — tornou Alberto — guardando o achado no bolso. Vamos já para casa, a ver se descobrimos o nome do besouro.

— Por que em sua casa?

— Mal sabe você que já comprei tudo o que existe nas livrarias sobre insetos, especialmente besouros...

Quinze minutos depois entravam os dois no quarto do rapaz. Examinaram, avidamente, uma dezena de livros sem resultado algum.

— Haveremos de descobrir teu nome, bichinho! — exclamou Alberto examinando o inseto.

Tratava-se de um escaravelho pequeno, de cor amarelo--escura com reflexos metálicos e que possuía um chifre na cabeça e outro na parte anterior do tórax, sendo que o segundo não era, propriamente, um chifre, mas uma coisa que fazia lembrar um comprido espinho levantado para cima.

— Vamos mandá-lo amanhã para aquele sujeito do Museu de História Natural, no Rio de Janeiro — disse Alberto.

— Qual nada! — tornou o policial, com os olhos faiscando de excitação. A coisa está ficando muito séria. Tomo um avião amanhã cedo e vou levar o besourinho pessoalmente.

***

Na tarde do dia seguinte, o Inspetor Pimentel já conversava com o Entomologista-Chefe do Museu de História Natural. Apresentava-se como colecionador, pois era de maior conveniência esconder sua profissão.

— Família "Scarabaedae", gênero "Onthophagus" — disse o especialista... Quanto ao nome completo desse escaravelho... bem... deixe-me ver... estou com a memória péssima!

O rapaz dirigiu-se à biblioteca, examinou alguns livros e depois voltou com um volume na mão. "The Fauna of British índia" Colleoptera — Lammellicornea — Part III (Coprinae).

— Veja aqui a fotografia de seu amiguinho — disse o entomologista, abrindo uma das últimas páginas do livro e mostrando ao Inspetor a figura 4 da prancha XII. Lá estava, reproduzido em perfil, um escaravelho igualzinho ao que fora encontrado na rua em frente à janela do quarto de Maria Fernanda.

— Fêmea do "Onthophagus sagittarius" — continuou o entomologista.

— "Sagittarius" não quer dizer seta? — perguntou o Inspetor.

O rapaz sacudiu a cabeça afirmativamente:

— Não reparou como se assemelha a uma seta o chifre que o escaravelho tem no tórax? — disse ele.

— Seta... Seta... — repetiu o visitante. E saiu apressadamente.

Capítulo X

O PÁSSARO RUIVO

Certa manhã bem cedinho, Alberto, ainda deitado no leito, meditava nos estranhos acontecimentos que vinham sucedendo. O exame cadavérico em Maria Fernanda confirmara ser "curare" o tóxico "causa-mortis". A soprano da Companhia Lírica, muito amiga de Maria Fernanda, procurara a Polícia a fim de revelar um fato alarmante. A cantora fora ameaçada de morte por um certo Cláudio, rapaz estróina e violento, que se apaixonara, loucamente, por ela. Fernanda, correspondera a esse amor a princípio, mas retraíra-se depois, receando que um compromisso sentimental lhe prejudicasse a carreira.

Por outro lado, as informações sobre o cozinheiro da casa de Clarence O'Shea eram as piores possíveis. O sujeito era até fichado na Polícia e estivera envolvido num roubo alguns anos atrás.

Apesar de estarem a ser feitas investigações cuidadosas nos dois sentidos, mais do que nunca se tornava patente que os crimes tinham secreta e disparatada relação uns com os outros, e que o criminoso, ou os criminosos, eram os mesmos.

— É curioso — disse Alberto para si mesmo. — Tudo começou com aquela "trombada" no ônibus. Se não fosse isso, a revista não cairia a meus pés e eu não teria prestado atenção no besouro... E se não corresse para alcançar o veículo,. tomaria outro, que passaria depois, e não se teria dado a coincidência... Coincidência... mas que vem a ser uma coincidência, afinal? Não haveria nisso tudo o dedo de Deus, manejando, disfarçadamente, as criaturas, como num palco de marionetes?

Súbito, Alberto sorriu. Um sorriso leve e irônico, acompanhado de um comentário murmurado a meia-voz:

— Bem. Hoje seu Inácio resolveu dedicar a manhã a Chopin!...

O vizinho do lado assobiava com furor a "Polonaise", do romântico apaixonado de George Sand. O "concerto" começava todas as manhãs e nesse dia seu Inácio decidiu-se por um "Noturno", que assobiou com grande expressão, caprichando nos trinados.

— Sete e meia! — exclamou Alberto saltando, da cama. Santo Deus! Perdi a hora!

O jeito era vestir-se às pressas e tentar alcançar, nem que fosse o fim da aula. Felizmente, a Faculdade de Medicina ficava perto de sua casa, a alguns

quarteirões apenas.

Naquela tarde, o moço iria participar de uma reunião muito importante na Polícia, com o Inspetor Pimentel e o Subinspetor Silva.

O "Noturno", de Chopin, assobiado pelo vizinho já estava no fim. Os olhos do rapaz pousaram-se num fêmur, que estava em cima da estante, e ele teve ímpetos de atirá-lo ao rosto de Seu Inácio.

— Mas como é chato esse camarada! — exclamou ele, resistindo à tentação, passando um pente nos cabelos levemente ondulados.

* * *

— Leia esta notícia... — disse o Inspetor, estendendo a Alberto o jornal do dia, mal o rapaz entrou na sala da Polícia Técnica.

"Brincadeira de mau-gosto no Jardim Zoológico", anunciava o título. E logo abaixo:

"Ontem, pela manhã, ao dar início ao trabalho de limpeza no Jardim Zoológico, o velho Cristóvão Leite encontrou estrangulado, e inteiramente depenado em seu viveiro, um dos mais belos exemplares da fauna Amazônica: o galo-da-serra. A linda ave, cujas penas tinham a cor ardente do fogo, media cerca de trinta e cinco centímetros e possuía na testa uma vistosa crista semicircular. É lamentável que, um "engraçadinho" tenha escolhido justamente aquele pássaro tão raro (o único existente no Jardim Zoológico) para fazer dele o objeto de uma brincadeira tão cruel e estúpida."

— Penas cor de fogo, hem? — disse o Inspetor olhando para Alberto de modo significativo.

— O amigo ainda tem dúvidas? — perguntou o estudante.

— Nenhuma! — respondeu, firmemente, o policial.

— Este é o caso mais sensacional que a Polícia já teve — comentou o Subinspetor Silva, que fazia lembrar um índio, com sua tez morena, cabelos pretíssimos e olhos apertados.

— Chegou a vez de fazer barulho pelos jornais — disse Alberto. Toda a cidade precisa saber que se acha ameaçada por um louco.

— Num ponto estou de acordo com você, meu caro Alberto — tornou o Inspetor. Somente um louco poderia conceber e executar uma coisa destas, espalhando a morte de modo tão disparatado e selecionando as vítimas pela cor do cabelo. E deve sofrer de psicose muito séria, a ponto de estender até a uma inocente ave o seu ódio às cabeleiras cor de fogo. Sim, pois estou convencido de que a mesma pessoa que matou Hugo, Clarence e Maria Fernanda, estrangulou o galo-da-serra. É inconcebível! Mais alarmante ainda é a conclusão a que se chega: o assassino, certamente um anormal, raciocina com lucidez e possui inteligência fora do comum. De outro modo, jamais

planejaria e levaria a cabo crimes tão perfeitos e que não deixam o mínimo vestígio. Possivelmente deve ser alguém igual a nós, de comportamento, aparentemente normal; alguém que arquitetou um plano e estudou-o com calma e tempo nos seus mínimos detalhes.

— Quem sabe se o assassino não é você mesmo, Alberto? — interrompeu o Inspetor, brincando com o rapaz.

O irmão de Hugo sorriu e não disse nada.

— Um outro ponto, sobre o qual não temos dúvidas, é de que o autor disto tudo, se não é, propriamente, um entomologista, é pessoa que conhece profundamente, a vida dos insetos — continuou o Inspetor. — Entretanto, Alberto, não concordo com você, quando diz que a população da cidade precisa saber da ameaça que paira sobre ela. Isso apenas iria espalhar o pânico e prevenir o criminoso de que a Polícia já conhece o seu jogo. Ficaríamos assim privados da oportunidade de descobri-lo e de capturá-lo vivo.

— Que acha que devemos fazer então?

— Guardaremos a maior reserva e tomaremos as nossas providências.

— E em que consistirão essas providências?

— Primeiramente, descobrir com discrição todos os entomologistas da cidade, os profissionais e os amadores, sem que eles suspeitem de nada. Em seguida, vigiá-los e procurar dados sobre a vida de cada um deles. A segunda e importantíssima medida, que, aliás, deverá ser iniciada imediatamente, hoje mesmo até, é encontrar e localizar todas as pessoas de cabelos vermelhos existentes nesta cidade.

— Não há muita gente — objetou Alberto — O tipo de cabelos ruivos e rosto sardento é raríssimo aqui.

— Descoberto isso — continuou o Inspetor — procuraremos cada uma dessas pessoas, explicando-lhes que se mantenham em contato permanente conosco, avisando-nos, imediatamente, caso recebam alguma caixinha contendo um besouro. Tudo em segredo, naturalmente. Vamos combinar o seguinte: Alberto encarregar-se-á de fichar e prevenir os ruivos que ainda existem na cidade. Silva cuidará do esclarecer o caso do galo-da-serra, no Jardim Zoológico, e eu ficarei articulando a coisa toda, com a maior reserva possível. Tenho quatro homens de confiança aos quais posso dizer "façam isto ou aquilo", sem que eles me perguntem por quê. Estarão à nossa disposição desde amanhã cedo. Em último caso, meus amigos, temos a Polícia toda às nossas ordens. O criminoso é audacioso, e diabolicamente inteligente. Precisamos usar de todo o nosso raciocínio e sangue-frio para o combatermos com armas iguais às dele. Marquemos uma outra reunião para depois de amanhã, à mesma hora. Até lá, muita coisa poderá ser esclarecida.

— Ou poderá acontecer... — atalhou Silva, com ar profético.

— Que imaginação catastrófica a sua! — comentou Alberto, sorrindo. — Nada disso. O sujeito põe sempre um intervalo de vinte ou trinta dias entre um crime e outro. Temos ainda algum tempo na frente.

— Você voltou à casa de Mrs. O'Shea? — perguntou o Inspetor ao estudante.

— Passei lá ontem, para cumprimentar Verônica. Era dia do aniversário dela.

— A mocinha das covinhas no rosto, não é? — perguntou Pimentel. — Deixe estar que não tem mau gosto... Alberto despediu-se e saiu. Estava tão preocupado, que preferiu ir a pé até a casa, a fim de cansar o corpo. Durante o caminho, só via em pensamento certa maravilhosa cabeleira vermelha, escorregando, sensualmente, por uns ombros lisos e belos de mulher. Era preciso avisar Rachel Saturnino quanto antes...

Capítulo XI

O VISITANTE NOTURNO

A inda não eram oito horas da manhã quando o Subinspetor Silva entrava no parque do Jardim Zoológico. Interessava-lhe chegar cedo, a fim de encontrar o vigia da noite, cujo plantão terminava às 8 horas do dia.

Iria usar de muita habilidade a fim de não deixar transparecer a verdadeira razão da sua presença naquele lugar. Melhor seria até que o guarda nem de leve suspeitasse da sua qualidade de detetive.

Parado em frente ao grande portão de entrada, Silva aguardava o momento de poder entrar. Pouco antes das 8 horas, chegou um homem baixo, de bigodes negros e folhudos — o guarda — com chaves na mão.

— Veio cedo, hem? — disse ele ao recém-chegado.

— Viajo hoje ao meio-dia, e não queria de modo algum voltar para a minha terra sem conhecer as feras.

— Precisa ver o filhote de rinoceronte que chegou a semana passada...

— Estou aqui por causa dele —, tornou o visitante — Nunca vi esse bicho, a não ser em fotografias e no cinema. É uma pena. Estava doido para conhecer o tal galo-da-serra, mas ouvi dizer que ele adoeceu e morreu, é verdade?

— Qual doença, qual nada! Não leu os jornais? O bicho morreu

estrangulado. Coitado! Fazia dó, com aquele corpo todo pelado...

— Pelado, como?

— Arrancaram-lhe as penas, sem deixar nem uma para amostra...

— Quem fez isso?

— Sei lá!...

— O galo andava solto?

— Não. Morava naquele viveiro grande, pintado de verde, ali do lado direito.

— Coitado. Vamos até lá!

— Espere um minuto. Aí estão os meus companheiros. Dois homens aproximavam-se, e um deles — o porteiro — instalou-se numa espécie de guarita que havia logo à entrada.

Estimulado por encontrar um ouvinte curioso, o guarda começou a falar com entusiasmo sobre a sua aventura da outra noite, enquanto caminhavam.

— Eu estava dormindo naquele pavilhãozinho, como faço todas as noites, quando fui acordado, de repente, por uma barulhada medonha que vinha do lado do viveiro dos pássaros.

— Que espécie de barulho?

— Barulho de aves sacudindo as asas, como se alguém quisesse agarrar uma delas. Saltei da cama imediatamente e saí com minha lanterna elétrica.

— A que horas foi isso?

— O meu relógio marcava uma hora e quinze minutos da madrugada. Vi que o barulho vinha do viveiro grande, e dirigi o foco da lanterna para lá. Não vi nada. Com certeza foi uma arara que andou a querer bicar as companheiras, pensei eu. E fui dormir outra vez.

— E o galo-da-serra?

— Ele vivia junto com as araras, mas confesso que não dei por falta dele. Para dizer a verdade, nem me lembrei que esse bicho existia... No dia seguinte, o meu companheiro Cristóvão Leite, ao fazer a limpeza do viveiro, levou um grande susto, encontrando o galo-da-serra estrangulado e todo pelado. As penas do coitado estavam espalhadas por todos os lados... uma judiação...

— Quem teria feito isso?

— Sei lá... Um desses moleques que andam soltos pela rua...

— Mas como teria ele entrado aqui à noite?

O guarda estendeu o braço e apontou para os altos muros que cercavam o Jardim Zoológico.

— Como vê, seria bem difícil trepar por ali. Acho mais provável que o camarada se tenha escondido, à tarde, atrás de uma dessas moitas a fim de esperar a noite para realizar o seu plano. E, com certeza, no dia seguinte,

saiu misturado com os visitantes.

O Subinspetor aproximou-se do viveiro, constatando que deveria ter sido fácil abrir a porta pelo lado de fora, pois, para isso, bastava levantar o trinco.

— "É inútil encontrar impressões digitais" — pensou ele — "O sujeito é esperto, e provavelmente usou luvas."

— Veja —, disse o guarda, abaixando-se e apanhando qualquer coisa no chão — Uma pena do galo-da-serra que "sobrou"...

— Que maravilha! Parece um pedacinho de fogo, hem? E que fizeram vocês com o corpo do bicho?

— Ora, ora... A gente não ia pôr o defuntinho no caixão e enterrar, não acha? Jogamo-lo no lixo, simplesmente.

Assustadas com a presença de estranhos, as cinco araras, que moravam no viveiro, começaram a voar de um lado para outro, fazendo grande algazarra.

O Subinspetor sentiu que nada mais adiantava ficar no Jardim Zoológico. Tudo que desejava saber, soubera, se bem que nenhuma luz nova houvesse surgido depois daquilo. Apenas maior se tornara a convicção de que o estrangulamento do galo-da-serra estava ligado à misteriosa morte dos três jovens.

— Bem, seu doutor, se me dá licença, vou indo... — disse o guarda — Mas não deixe de ver o rinocerontezinho. Tão novo e já quer dar chifrada na gente... Tem um topete aquele bichinho!...

— Obrigado pela prosa — disse o Subinspetor — colocando-lhe na mão uma gratificação. Beba à minha saúde com uma cervejinha.

E enquanto o guarda se desmanchava em sorrisos e agradecimentos, Silva foi re dirigindo para a alameda onde ficavam as feras.

Era preciso, com ou sem vontade, fazer uma visita ao pequeno rinoceronte...

***

— Você, Alberto? — perguntou Rachel Saturnino do outro lado do telefone. Mas que milagre é esse? Há mais de um mês que não toca para a gente!

— Preciso falar-lhe com urgência. Pode ser hoje? — tornou ele secamente.

— Que aconteceu, Alberto? Você está doente? Que houve? Por que está tão esquisito?

— Não lhe posso dizer nada pelo telefone. É coisa muito séria.

— Ai, que medo!... — disse a moça brincando.

— Então posso falar hoje com você? — insistiu ele.

— Passe por aqui às 8 e meia, está bem?

— Certo. Até logo.

Alberto largou o telefone e saiu às pressas. Se não andasse rápido, perderia a hora de se encontrar com Verônica, à porta do Conservatório. Era tão bom voltar para casa com ela, depois da aula de música! Regressavam a pé, de mãos dadas, prolongando, propositadamente, o trajeto. Sim, pois a verdade é que estavam cada vez mais apaixonados. O moço esperava apenas a chegada do irmão de Verônica — que viria visitá-la em breve — a fim de falar-lhe da sua intenção de casar-se com a jovem, logo que terminasse o curso de Medicina. Por várias vezes Alberto teve ímpetos de contar-lhe o estranho rumo que tomavam as investigações sobre a morte de Clarence, mas conteve-se. Sempre ouvira dizer que as mulheres são indiscretas por natureza e sabia que qualquer "conversinha", nesse sentido, seria um desastre. Um verdadeiro desastre, pois, além de tudo, Pimentel estava quase convencido de que a chave do mistério se achava na pensão de Cora O'Shea.

* * *

— Você hoje está mais bonita, Verônica — disse Alberto — pondo-se de lado e reparando na silhueta miúda e harmoniosa da moça, realçada por um suéter azul-claro e uma saia justa — Tão pequenina, tão frágil, e ao mesmo tempo com uma personalidade tão marcada e forte!

Mr. Gedeon continuava a cortejar Verônica, e ela já não sabia mais que fazer para fugir da esquisita criatura. Por felicidade, lá estava Mr. Graz — o seu anjo da guarda — que sempre surgia no momento oportuno para protegê-la em tudo.

Alberto morava perto da casa da moça — as ruas eram paralelas — e os namorados já estavam quase a chegar, quando uma buzina forte fez com que ambos olhassem para um carro que passava, dirigido por uma linda moça de cabelos vermelhos.

— Alberto! exclamou Rachel Saturnino, parando o carro. Foi mesmo às 8 e meia que você marcou para se encontrar comigo, querido?

— Foi — respondeu ele, um tanto constrangido. Rachel examinou Verônica de alto a baixo e lançou-lhe um olhar tão cheio de ódio e desafio que Alberto estremeceu. Quis dizer qualquer coisa, mas... já era tarde. O carro havia desaparecido na primeira esquina.

— Não precisa acompanhar-me mais — anunciou Verônica — voltando-lhe as costas e andando, rapidamente, em direção a sua casa.

— Espere... Eu explico... — suplicou Alberto, desesperado.

Foi inútil. Quase correndo, Verônica entrou na pensão de Cora O'Shea e bateu o portão com toda a força.

— Que geniozinho horrível tem esta criatura! — pensou Alberto. — Já era tempo de confiar em mim, apesar das aparências... E se lhe contasse a verdade sobre os cabelos vermelhos? Só assim ela compreenderia o que acabava de acontecer.

Alberto reviu em pensamento a figura de Hugo morto na cama, a espada espanhola cravada no peito... Decidiu-se afinal. Não contaria nada a Verônica, pelo menos até que a situação se tornasse menos confusa. O "mal-entendido" continuaria assim como estava... Que droga!

Capítulo XII

AS CABELEIRAS VERMELHAS

As oito e meia da noite em ponto, Alberto chegava ao palacete onde morava Rachel Saturnino. A moça esperava-o envolvida num vestido de jérsei marrom, que lhe moldava, perfeitamente, o corpo bem feito. Seu pai se achava numa estação de água, e uma velha tia ficara ajudando Rachel a tomar conta da casa.

— Por que você fez aquilo com Verônica? disse Alberto, logo de início.

— Aquilo o que, meu bem? perguntou ela fingindo a maior inocência.

— Não se faça de ingênua, Rachel! Você sabe muito bem o que quero dizer.

— Ah! Aquela... anãzinha é ciumenta, é? Que ridícula! Apenas quis confirmar a nossa conversa. O telefone estava tão ruim!

— Eu sei disso... tornou o estudante, ironicamente.

A maldade da moça afastava-o dela ainda mais. Não fora para discutir, entretanto, que ele estava lá.

— Acabemos com isso, Rachel. Preciso conversar muito seriamente com você.

— Pode pensar que estou enciumada, que sou intrigante, continuou ela. Saiba, entretanto, que você não me interessa mais absolutamente. Estou quase noiva de um romeno amigo de meu pai, um "partido" e tanto! Sua fortuna particular chega a bilhões e bilhões de cruzeiros!

— Que faça bom proveito, disse Alberto. Vamos agora ao assunto importante.

E contou-lhe, minuciosamente, tudo o que estava acontecendo. A moça

ouvia-o em silêncio, como que magnetizada, apenas um tanto pálida.

— Como você vê, Rachel, sua vida corre perigo, e eu quis logo avisá-la.

— Pelo amor de Deus, diga o que devo fazer!... falou ela, com voz ligeiramente trêmula...

— Saia imediatamente da cidade, ou então... pinte os cabelos de preto.

— Pintar os cabelos?

— Bem, talvez seja tarde para tomar essa providência. "Ele" já deve ter marcado você... Viaje amanhã mesmo, hoje, se puder. Mude-se daqui...

— Que coisa horrorosa! Como irão descobrir, quem seja "ele"?

— Estaremos prevenidos, e agarraremos o sujeito com a boca na botija, através de um dos ruivos da cidade.

— Por que não eu?

— Loucura, Rachel. Você não pode se expor a uma coisa dessas.

— Não há perigo, insistiu a moça. Uma vez que ele manda antes o "aviso" do besouro, a única coisa que tenho a fazer é telefonar a vocês contando. Aí então chega a Polícia, e segura o criminoso. Tudo muito simples, como você vê. Além disso, há mais gente de cabelos vermelhos na cidade, e pode ser que eu seja uma das últimas da fila... Até chegar a minha vez, espero que o doido já tenha sido agarrado.

— Você está prevenida, Rachel. Se não quer seguir meu conselho de fugir daqui, não tenho o direito" de obrigá-la a fazer isso. Fique alerta, entretanto. Se receber um besouro, avise-me ou ao Inspetor Pimentel, imediatamente.

— Claro, meu bem. E quando eu chamar, você vem logo, não é? — disse ela rindo.

— Rachel, não brinque com uma coisa tão séria, tornou o rapaz. Bem, já vou indo. Adeus.

— Tão depressa, assim?

Alberto não teve tempo de responder. A tia da moça, uma solteirona magra e grisalha, vestida de negro —, surgiu, na sala, acompanhada de um homem de meia idade, bem trajado, calvo, rotundo e liso como um leitão.

— O Sr. Ravic, anunciou ela. Alberto percebeu logo que se tratava do milionário pretendente de Rachel e cumprimentou-o discretamente, retirando-se em seguida.

A moça pediu licença ao recém-chegado e acompanhou o estudante até a varanda.

— Recomendações à... anãzinha, disse ela com ironia. O rapaz não respondeu e continuou a andar.

* * *

No dia seguinte, cedo, Alberto e o Inspetor deram início à busca aos ruivos. Felizmente, as férias começavam no dia seguinte, e o estudante teria tempo de sobra para se dedicar às pesquisas. Pensaram contratar alguns ajudantes dentro da própria Polícia, depois desistiram. Quanto menos gente conhecesse o segredo, melhor.

Ficavam o dia todo na rua, observando os transeuntes e examinando as filas de cinema e ônibus, a ver se descobriam um rosto sardento e uma cabeleira cor de fogo.

Alberto visitou um por um os institutos de beleza. Procurava os cabeleireiros e dizia sempre a mesma coisa:

— Sou químico, e estou fazendo experiências sobre a coloração vermelha dos cabelos. Gostaria que o senhor me indicasse algum freguês ou freguesa que fosse ruivo, a fim de que eu lhe fizesse certas perguntas. Mas só me interessam ruivos autênticos, do tipo que possui pele sardenta.

Sérgio, o mais famoso "coiffeur" da cidade, indicou-lhe... Rachel Saturnino.

— É a única ruiva "natural" que freqüenta meu salão, disse ele. Possuo sete outras freguesas que tingem os cabelos de acaju, mas têm a pele morena, sem manchas, e percebe-se logo que é artifício. Uma delas até casou-se e mudou-se para o interior o mês passado.

Na porta de um cinema de bairro, Alberto viu dois meninos cobertos de sardas e de cabelos bem vermelhos. Investigando, descobriu tratar-se de uma família inteira de ruivos, moradores ali mesmo nas vizinhanças. O moço dirigiu-se, imediatamente, para o endereço indicado, procurando o chefe da casa. Tratava-se de homem forte e grisalho, casado com uma senhora ruiva, filha de australianos.

O homenzarrão, que era relojoeiro, mal soube da situação, ficou lívido como cadáver.

— Deus nos livre e guarde de uma desgraça dessas! exclamou ele, em pânico.

Ficou em silêncio alguns segundos diante de Alberto, e depois disse, com voz decidida, mas ligeiramente alterada pela emoção.

— Viajo amanhã mesmo com toda minha família para bem longe daqui! Nós íamos passar fora as férias dos meninos, e, diante disso, anteciparemos a data da partida.

Fez uma pausa, como se estivesse pensando, e continuou:

— Fico um mês fora com minha família e depois volto, deixando os filhos garantidos em casa dos pais de minha mulher. Meus cabelos eram pretos, hoje são brancos. Não corro perigo algum.

— Se eu fosse o senhor faria a mesma coisa, disse Alberto. Seria loucura

expor sua família a um risco desses.

— Aceita um cafezinho? perguntou o relojoeiro, procurando disfarçar sua agitação.

Alberto agradeceu, mas recusou, pois ainda tinha muita coisa que fazer naquele dia.

Ao chegar à rua, consultou o caderninho de notas para ver o endereço de um outro ruivo — o último da lista.

***

A paróquia de Padre Afonso ficava num bairro bem afastado do centro da cidade. Apesar disso, o sacerdote era muito visitado e procurado, pois já estava se tornando famoso como bom confessor e grande orador-sacro. Sua cabeleira vermelha era tão abundante que fazia lembrar uma juba de leão, artificialmente aplicada num rosto sardento e jovial.

Alberto encontrou-o sentado num banco de jardim da casa paroquial, lendo o livro de Johannes Joergensen sobre Francisco de Assis.

Padre Afonso possuía um espírito largo e tolerante, um coração generoso e sensível a todas as misérias humanas. O sacerdote mostrou-se surpreso quando o estudante o pôs a par dos acontecimentos.

— Acha mesmo, meu amigo, que eu esteja em perigo de vida? disse ele,

num tom ligeiramente incrédulo.

— Claro, tornou Alberto. De qualquer modo, o criminoso não agirá sem antes mandar-lhe o "aviso" de que falei.

— Besouros... besouros... repetiu o padre... É tão inconcebível isso tudo!

— Inconcebível, mas verdadeiro... infelizmente. Só lhe peço que nos avise pelo telefone logo que receber o besouro. Mandaremos, imediatamente, dois "tiras" de absoluta confiança vigiarem com discrição todos os seus passos. Bem, está claro que só faremos isso se o senhor não preferir sair já da cidade. o que está no seu direito fazer. Que acha?

— Não, meu amigo. Ficarei aqui mesmo, cuidando de meus fiéis e de meus pobres. Se morrer, é que chegou a minha hora de abandonar o mundo.

— Escute uma coisa. Padre Afonso, disse Alberto, olhando-o com curiosidade. O senhor, sendo religioso como é, crê mesmo que Deus pode protegê-lo, afastando-o dos perigos?

— Estou absolutamente certo do poder da oração, meu caro. Houve momentos em minha vida — e não poucos — em que senti, nitidamente, a interferência de uma força invisível renovando minhas energias e remediando situações difíceis através de circunstâncias absolutamente imprevisíveis. De uma coisa porém estou convencido: ninguém morre antes da hora. Esse "acontecimento" já foi definitivamente determinado, antes mesmo de nosso próprio nascimento.

— Não venha me dizer, entretanto, que se, por exemplo, eu morro num acidente, isso aconteceu porque chegou minha "hora"...

— Quem sabe? Nossa razão não pode alcançar os motivos pelos quais Deus permitiria uma coisa assim, nem que influência um fato desses teria sobre as outras criaturas.

Alberto, que estava profundamente interessado na conversa, interrompeu o Padre:

— Não venha me dizer agora que se, por exemplo, um homem caridoso, útil e necessário como o senhor, viesse a ser assassinado, Deus teria permitido isso a fim de beneficiar a alma de fulano ou sicrano... Era o que faltava! concluiu Alberto com uma risada irônica...

— Meu amigo, você ainda não ouviu dizer que em relação aos desígnios de Deus, nós só vemos o "avesso" do bordado? Um avesso confuso e feio?

— Hum... fez o estudante. Nesse caso, para que rezar, se tudo já foi determinado antecipada e irrevogavelmente?

— Não repita uma tolice dessas, Senhor Alberto. Nem todas as desgraças que acontecem "estavam escritas". Muitas delas sucedem, exclusivamente, devido à nossa própria imprudência, assim como muitas outras são evitadas exclusivamente pelas precauções tomadas e pelo poder da oração.

— Como distinguir então entre nossa culpa e a do "destino"?

— De um modo geral, quando uma. coisa que se receia acontece, apesar das precauções tomadas, e de todo o honesto e real esforço no sentido de evitá-la, pode-se dizer que "tinha" de ser. Só a Deus cabe, entretanto, julgar a medida de nossa culpa, nisso, ou naquilo.

— Assim sendo, nos casos de "fatalidade do destino" que atitude deverá ser a nossa?

— Bem, meu caro. Deus nos joga diante de tais ou quais circunstâncias, deixando-nos livres para agirmos assim, ou assado...

Alberto, fascinado pela inteligência e pela clara lógica do sacerdote, escutava-o em silêncio.

— Gostaria de poder explicar esses mistérios todos, disse ele, algum tempo depois.

— Veja essa flor, por exemplo — continuou Padre Afonso, mostrando-lhe uma belíssima rosa "Crimson Glory", metida num vaso azul. — Ela existe, não existe?

— Existe.

— Você pode explicá-la?

— Não.

— Se você não pode explicar uma simples rosa, como pretende decifrar coisas muito mais transcendentes? Não pense nesses segredos, senhor Alberto. Nossa inteligência não os alcança. Aceite-os humildemente, apenas.

O estudante ficou calado, a olhar a rosa no vaso.

A conversa continuou viva e animada sobre vários assuntos.

— O mundo teria muito mais paz se todos os que se dizem cristãos seguissem à risca os ensinamentos de Cristo, continuava Padre Afonso. Sim, pois nesses ensinamentos se acham contidos toda a sabedoria e todo o segredo do equilíbrio e harmonia das coisas. E a gente acaba compreendendo que deve agir bem, não por virtude, propriamente, mas por... esperteza e inteligência... porque é o que "dá certo" no final das contas... O grande erro de nossa época, meu amigo, é desvirtuar o sentido das coisas, mostrando como belo e atraente o que é feio e torto. Não pense que a religião condena a alegria. Muito antes pelo contrário. Quanto mais desprendidos nos tornamos dos mil e tantos laços relacionados com a matéria, mais livres nos tornamos. Sabia que Francisco de Assis vivia rindo e cantando?

O estudante ficou calado, pensando.

— Não imagina que livro maravilhoso é este, continuou o Padre, estendendo para Alberto o volume de Johannes Joergensen traduzido por Teodor de Wyzeuz "Saint François D'Assise — Sa Vie et son Oeuvre".

A dedicatória que havia na primeira página surpreendeu o estudante: "A

Padre Afonso, com a amizade e gratidão de Jean Graz".

— Foi Mr. Graz, o professor de línguas, quem lhe deu esse livro?

— Foi. Somos velhos amigos.

— Conhece-o há muito tempo?

— Sou confessor dele há três anos.

— Que pensa de Mr. Graz?

— É uma ótima pessoa.

Alberto lembrou-se do suíço com simpatia. Gostava dele e, além disso, Verônica adorava-o.

— Venha ver minhas abelhas, disse o Padre.

— Ficará para outro dia, tornou Alberto. Esperam-me na Polícia ainda antes do almoço. Adeus.

— Cara legal esse sujeito! pensava Alberto, enquanto dirigia o carro de seu pai, através das ruas da cidade. Acaba de saber que sua vida corre perigo, e, entretanto, convida-me a visitar a sua colméia!...

Capítulo XIII

O BESOURO DE PAPELÃO VERMELHO

Até agora os trunfos estão conosco, disse Pimentel. Precisamos evitar por todos os meios que o criminoso saiba que estamos a par de suas manobras.

— É necessário ter muito cuidado com esses repórteres que vivem farejando crimes aqui na Polícia, objetou Silva. Se algum jornal publica alguma coisa a esse respeito... vai-se embora a única oportunidade que temos de agarrar o sujeito com a boca na botija...

— Tenho um vago pressentimento de que a chave do mistério está na pensão de Cora O'Shea, disse Pimentel. Bem, pode ser que eu esteja enganado. Possuímos tantas pistas, que é muito difícil escolher uma delas. O camarada é esperto, e até hoje não nos foi possível obter nem uma impressão digital dele sequer!

Estavam nessa conversa, quando entrou barulhentamente na sala um dos quatro "homens de confiança" do Inspetor, agarrando um rapazinho pelo paletó.

— Esse malandro estava na rua apanhando besouros com ar suspeito! disse ele, dando um forte safanão no rapaz, que era magro, pálido e estava

mal vestido.

— Deixe-o comigo, disse o Subinspetor.

Depois de alguns minutos de perguntas e respostas, ficou provado que o menino era um pobre coitado, desnutrido e desempregado, que se divertia pegando besouros e fechando-os em caixas de fósforos vazias. Foi solto imediatamente.

— Apareça no hospital depois de amanhã às nove horas, recomendou-lhe Alberto. O rapaz se achava visivelmente doente e Alberto, que, apesar de estar em férias, freqüentava o hospital duas vezes por semana, prometera a si mesmo ajudar o infeliz.

***

Alberto decidira visitar a pensão de Cora O'Shea sem dizer nada ao Inspetor.

O pretexto era saber notícias de todos, uma vez que fizera boas relações com os moradores da casa. A realidade era bem outra, entretanto. O moço queria apenas sondar o ambiente.

Aconteceu que Verônica se achava à janela de seu quarto, quando viu o estudante chegando. Num segundo, a moça entrou e fechou-lhe acintosamente a janela na cara.

— Ferinha! murmurou Alberto entredentes, não sem uma certa vontade de rir.

Coincidiu que era o aniversário de Mr. Graz, e Cora oferecia um jantar íntimo aos amigos, para festejar a data.

— Chegou em ótimo momento, Mister Alberto! exclamou a irlandesa, satisfeita. Está intimado a jantar conosco.

— Com todo o prazer, disse Alberto, fazendo, de brincadeira, uma funda reverência.

O rumo que as coisas estavam tomando era o melhor possível. Cora chamou o estudante à janela e indagou discretamente em que ponto se achavam as investigações sobre o assassínio de Clarence. A irlandesa confiava em seus hóspedes e insistia em suspeitar do farmacêutico que preparara as cápsulas.

— O jantar está na mesa, anunciou a copeira.

— Verônica! Chamem Verônica! repetia Cora, afastando--se de seu convidado.

— Está com dor de cabeça e mandou dizer que não vem jantar, disse Carlito, um menino de sete ou oito anos, filho da lavadeira.

— "For heaven's sake"!(*) — exclamou Mrs. O'Shea. Logo hoje... Guardarei o prato dela. Pode ser que mais tarde se decida a comer.

(*) Pelo amor de Deus!

Alberto percebeu imediatamente que aquilo nada mais era do que uma desculpa para fugir dele, para desfeiteá-lo em suma.

Distinto em seu terno de casimira inglesa, o alfinete de pérola fincado na gravata, Mr. Graz lançava olhares enternecidos para o leitão, triunfalmente estendido numa travessa de porcelana inglesa, cercado de rodelas de limão.

— Não seria bom arranjar uma aspirina para Verônica? disse o suíço. É uma pena que ela não esteja aqui conosco.

— Já providenciei um comprimido para ela, disse Cora.

— Verônica está doente? indagou Mr. Gedeon, disfarçando a custo sua ansiedade.

— Coisa sem importância, tornou Cora. Sabe, Senhor Alberto, temos hoje um outro motivo de festa. Mr. Gedeon foi nomeado Superintendente-Geral da firma em toda a América do Sul.

O americano sorriu, agradecendo.

— Espero que, com a boa sorte, não abandone os velhos amigos, continuou Cora, brincando. Bem sei que isso não acontecerá. Quando nada, por causa de uma "charming little face" (**) com duas covinhas...

(**) lindo rostinho.

Mr. Gedeon enrubesceu e sorriu desapontado, sem dizer nada.

Alberto não gostou da brincadeira. Ele bem sabia que "charming little face" era aquela... Olhou para Mr. Gedeon, tonto de ciúme. Em seu desespero, foi atacado de um súbito sentimento de inferioridade e começou a examinar o... rival com uma minuciosidade mórbida.

Não é que ele raspara o bigode e ficara bem atraente? Pela primeira vez, notara que os olhos de Mr. Gedeon possuíam uma cor cinza-esverdeada e uma expressão doce e romântica. E os dentes então? Alvos, enfileirados e iguaizinhos. O peito era largo e forte... especial para aninhar nele a frágil cabeça de Verônica... Que horror, meu Deus! A moça deveria estar louca por aquele homem! Ainda mais, agora, quando acabara de ser nomeado para um lugar tão importante... Alberto sentiu-se infeliz e miserável. De que lhe valia a vida sem o amor de Verônica?

Durante o jantar o pobre moço só via diante de si a figura silenciosa de Mr. Gedeon, cujas qualidades físicas o ciúme o fazia enxergar com lentes de aumento. Teve ímpetos de torcer-lhe o pescoço ali mesmo! Tomara que fosse ele o assassino!...

O Inspetor Pimentel recomendara-lhe que jamais falasse em insetos em parte alguma a fim de não levantar suspeitas. Ora, um dos defeitos de

Alberto era justamente a indiscrição. Só Deus sabia o quanto estava sofrendo por não contar tudo a Verônica, ainda mais agora, que o segredo se pusera entre eles, separando-os.

Elza, a copeira, surgiu com o prato de sobremesa, acompanhada pelo cozinheiro que servia de ajudante, trazendo champanha.

Alberto teve uma tentação mais forte de tocar no assunto, e não resistiu:

— Ando com mania de colecionar besouros, disse ele. Se arranjarem algum, guardem para mim.

Sugestão ou não, o fato é que o estudante sentiu como que um frio glacial derramar-se pelo ambiente. Mr. Graz continuou silencioso; Mr. Gedeon olhou para baixo, um tanto perturbado. Elza parou no meio da sala e o copeiro improvisado — o cozinheiro — lançou para Alberto um olhar tão longo e "aterrado que o rapaz estremeceu.

— Traiu-se, pensou o irmão de Hugo, emocionado. Razões tinha ele para julgar assim. Investigações feitas dias atrás haviam esclarecido, por exemplo, que o tal cozinheiro, além do mais, orientara, havia dois anos, uma revolta no Exército. Era pessoa de força de vontade e inteligência, acostumada a organizar e chefiar.

Nesse instante, Carlito, o menino endiabrado, veio correndo e abriu de repente uma porta fechada que se comunicava com a sala, e que ficava bem em frente de Alberto.

Uma surpresa aguardava os convivas. Sentada numa cadeira, lá estava uma mocinha, evidentemente a escutar a conversa atrás da porta... A jovem deu. um gritinho e saiu correndo para dentro. Vestia um pijama desbotado, trazia os cabelos enrolados e o rosto lambuzado de creme. Era Verônica.

Todo mundo começou a rir. O riso de Alberto, entretanto, era diferente dos outros, pois havia nele qualquer coisa de vitoriosa ironia.

— Bem feito! disse ele para si mesmo, "gozando" o fato de a moça ter sido vista por Mr. Gedeon numa situação tão grotesca...

***

Três dias depois, o correio entregou em casa de Alberto um pequeno pacote, com o seu nome e endereço escritos em letra de forma.

O estudante saía do banheiro quando o empregado lhe trouxe o embrulhinho. Sem suspeitar de nada — pois não tinha cabelos vermelhos — o moço abriu-o e... sentiu-se de tal modo perturbado que precisou sentar-se em cima de uma arca antiga para não cair.

Dentro da caixinha não havia besouro algum, mas, sim, um pedaço de papelão, de uns três centímetros mais ou menos, no qual se achava pintado, em aquarela, um escaravelho vermelho com dois chifres. O contorno do...

inseto estava cuidadosamente recortado, e, atrás dele, escrita em letra de forma, uma única palavra:

"SILÊNCIO"

Capítulo XIV

O "INSETO" AGE

O estudante telefonou imediatamente ao Inspetor marcando um encontro com ele e com o Subinspetor Silva num parque pouco freqüentado da cidade.

— Que loucura, que imprudência eu cometi não seguindo o seu conselho, e falando em besouro na casa de Cora! recriminava-se Alberto, pondo as mãos na cabeça.

— O que você fez está feito, não tem mais conserto, disse o Inspetor. Deixe de se chatear, entretanto, Alberto. Tratemos de encarar a situação de frente e de tomar medidas mais positivas. Se não fosse o perigo que sua vida corre de agora em diante, diria que isso foi até bom. Permitiu-nos localizar mais ou menos o... "Inseto". Sim, de agora em diante vamos chamar o assassino de "inseto".

— Mas por que terá ele me mandado um besouro... de papelão pintado em vez de um verdadeiro, como vem fazendo com todas as suas vítimas? perguntou o pobre Alberto.

— Não posso lhe responder ao certo, disse o Inspetor. A prática que adquiri na profissão, entretanto, ensinou-me que, mesmo dentro dos crimes absurdos, existe uma certa lógica. Tenho a impressão de que se o "inseto" não lhe mandou um escaravelho autêntico é porque você, apesar de ameaçado, não está dentro da "linha" dos crimes que ele pratica, pelo simples fato de não ter cabelos vermelhos.

— Será que o criminoso mora mesmo em casa de Cora O'Shea? perguntou-se Alberto em voz alta. Qual deles, meu Deus?

— Não notou uma expressão diferente na fisionomia de algum hóspede, ou criado, quando falou em besouros? perguntou o Inspetor.

— Sim. O pior é que estavam todos reunidos na sala quando toquei no assunto. O cozinheiro servia champanha e olhou-me de modo estranhíssimo; Mr. Gedeon baixou os olhos; Mr. Graz empalideceu e a criada quase jogou no chão a terrina com a sobremesa!

— E a Senhorita Verônica?

Alberto lembrou-se de que a moça estava ouvindo tudo atrás da porta, mas, num súbito impulso, decidiu protegê-la:

— Verônica não se achava na sala, disse ele.

É verdade que não mentira, mas... aí! A si próprio é que não podia enganar. A moça estava incluída e bem incluída na lista dos suspeitos!

— Bem — tornou o Inspetor — Mr. Graz, Mr. Gedeon, o cozinheiro, a copeira, ao todo quatro suspeitos.

— Cinco! — interferiu Alberto num súbito despertar de consciência — acrescentemos Verônica.

O Inspetor ficou silencioso algum tempo, como se estivesse pensando, e depois disse:

— Por mais que me esforce, não posso aceitar a idéia de que uma dessas cinco pessoas seja o tal "inseto"! São todas equilibradas, muito normais para se meterem numa aberração dessas!

— Tenho o palpite de que o "inseto" virá de onde menos se espera, comentou Silva. Talvez alguém cujo nome ainda nem tenha sido pronunciado por nós...

— De qualquer modo, continuou Pimentel, vou pôr um investigador de confiança seguindo disfarçadamente cada um dos suspeitos da pensão de Cora. Quero um relatório das atividades de cada um deles.

— Vai ser difícil acompanhar essa gente sem ser suspeitado, comentou Alberto.

— Qual! Com jeito tudo se arranja. O caso que mais me preocupa agora, meu caro Alberto, é o seu. É evidente que o "inseto" sabe que você está a par do segredo, e ameaçou-o, caso leve a pista à Polícia. Isso vem exigir de nós uma medida elementar, que é pôr à sua disposição o que vulgarmente se chama um "guarda-costas". Alberto abanou a cabeça em sinal negativo, como se não concordasse com a idéia, e depois disse:

— Não teria o "inseto" sabido de meus passos através de algum desses "tiras" que estão seguindo os suspeitos?

— Sei tanto quanto você, tornou o Inspetor. O ideal seria ficarmos só nós três cientes dos fatos. Infelizmente a situação complicou-se tanto que tivemos necessidade de recorrer a outros, se bem que sem lhes explicar os verdadeiros motivos.

— Não preciso de guarda-costas, disse o estudante, depois de algum tempo. Estou bem prevenido, e de agora em diante, andarei com o revólver no bolso. Não. Não quero ninguém me vigiando. Vocês não estão vendo que, de agora em diante, eu me transformei em "isca"?

— Não arrisque, Alberto, tornou o Inspetor. Isso não é brincadeira.

Um pesado silêncio se fez "ouvir". Sim, "ouvia-se" aquele silêncio tão

carregado de perguntas, receios, dúvidas e temores.

Os três amigos despediram-se gravemente, como que separando-se para sempre.

***

Quinze dias depois, desabou sobre a cidade um dos mais violentos temporais de todos os tempos. A coisa começou às oito horas da manhã, quando o céu se tornou de tal modo escuro que mais fazia lembrar uma antecipação da noite.

Trinta minutos depois teve início um verdadeiro dilúvio, que inundou ruas e casas, derrubando pontes e casebres, levando animais e objetos na avalancha.

Um velho carteiro escorregou e caiu no meio da rua, perdendo toda a correspondência que levava.

E ninguém viu, levado pela enxurrada, um pequeno embrulho endereçado a Rachel Saturnino. Algumas centenas de metros adiante, o pacotinho abriu-se e um pequeno besouro sumiu-se no meio da água barrenta.

* * *

Rachel, bela como era, poderia escolher o marido que quisesse.

Os homens, entretanto, cansavam-se dela muito depressa, tal a sua futilidade.

Havia três meses que a moça, apesar de comprometida com o rico e feio Ravic, andava namorando um rapaz de fora, amigo do vinho e de brigas. Rachel mentia, dizendo ao pai que ia visitar uma amiga, e, quase todas as noites, entre dez e onze horas, encontrava-se com o sujeito num bosque pouco freqüentado, perto de sua casa.

* * *

Mais ou menos uma semana depois daquela tempestade que havia provocado uma porção de desabamentos e prejuízos de toda espécie, Rachel se achava sentada num banco da praça, conversando com o tal rapaz.

— Dê o fora no velho e vamos para a Europa, Rachel. Iremos morar na Itália, em Veneza. Que tal uns passeios de gôndola?

A moça já estava quase disposta a fugir com ele.

— Amanhã dar-lhe-ei uma resposta, disse ela.

A verdade é que Rachel se via atolada numa certa confusão de sentimentos. E o compromisso com o calvo e barrigudo Ravic? A fortuna dele era uma coisa que não poderia ser desprezada assim à toa. E Alberto,

por quem sentia uma atração física tão forte? Se não fosse aquela pequena e insignificante Verônica que se metera entre eles, o estudante não teria "dado o fora" nela, com certeza...

— Hei de separá-los — decidiu Rachel Saturnino, cheia de ódio.

— Em que está pensando? perguntou o moço.

— Até amanhã, disse ela, sem dar resposta, e afastando-se, bruscamente.

Haviam combinado não aparecer juntos, a fim de afastar suspeitas. O rapaz tomou um táxi que passava e Rachel saiu andando sozinha. A praça vizinha estava deserta àquela hora — quase meia-noite. Assim, à luz clara do luar, a cerca viva de "ficus" e pinheiros tomava formas estranhas, como se o jardineiro, ao recortá-las, tivesse querido reproduzir nelas figuras de monstros e duendes.

Sem saber por que, a moça pressentiu algo estranho e apressou o passo.

Súbito, por detrás de um tufo de "ficus", foi surgindo uma coisa... absurda... inconcebível!... Rachel soltou um grito lancinante, agudo, e caiu ao chão desacordada.

No mesmo instante, uma buzina forte de automóvel se fez ouvir, como que em resposta ao grito da moça.

O carro parou e dele saltou um senhor de meia-idade — um médico obstetra — que, por acaso, ali passava, a fim de atender a uma parturiente. O homem correu em direção da moça e, à luz do luar, viu que estava banhada em sangue, com um ferimento no pescoço.

O médico sentiu imediatamente a gravidade do caso, abaixou-se e

apertou os dedos contra a carótida para ver se sustava a hemorragia, enquanto com a outra mão arrancava o lenço do bolso a fim de tentar um curativo de emergência.

O primeiro impulso do obstetra foi carregar a moça até o carro e rumar a toda velocidade para qualquer hospital. A situação era crítica, entretanto, pois se ele afrouxasse a pressão dos dedos, o sangue jorraria aos borbotões e a pobre moça faleceria ali mesmo em seus braços. O único recurso era ficar ali quieto, na mesma posição e gritar até que viesse algum socorro.

Alguns poucos minutos depois ele começou a ouvir um som distante, uma voz de homem que cantava acompanhada por um violão.

Aproveitando a oportunidade, o médico gritou ainda mais alto, pedindo auxílio.

A serenata interrompeu-se, e surgiram correndo três jovens estudantes. Em dois minutos cada um deles foi para um lado, a fim de tomar providências, e pouco depois a moça dava entrada no Hospital do Pronto-Socorro. Restavam poucas esperanças de salvá-la.

Capítulo XV

ENTRE A VIDA E A MORTE

O estado de Rachel era bem grave. O exame médico acusou ferimento provocado por instrumento perfuro-cortante ao nível do pescoço, com lesão não profunda na carótida externa.

— Choque hemorrágico, disse o cirurgião abaixando a máscara e dando início à ligadura do vaso, enquanto o assistente aplicava plasma e cardiotônicos na enferma.

— Bonita mulher, hem? comentou um sextanista, interno do hospital, que também ajudava a intervenção.

Terminada esta, a moça, ainda em estado de choque, foi levada a um quarto particular.

— A pressão arterial continua baixíssima, disse o interno, retirando o aparelho do braço da jovem.

— Mais plasma e coramina, recomendou o cirurgião. Ela perdeu cerca de dois litros de sangue.

— Agora vocês tratem de avisar a Polícia, disse o obstetra, que assistira a tudo. Vou ver uma cliente que está em trabalho de parto e mais tarde volto. A coisa ainda demora, mas preciso acompanhar de perto.

— Sabe se a moça trazia bolsa ou coisa que o valha, onde a gente possa encontrar algum papel que sirva para identificá-la? — perguntou o cirurgião.

— Francamente não tive presença de espírito para pensar nisso, tornou o obstetra. Se ela trazia bolsa, deve ter ficado lá.

— Vê-se logo que é gente de tratamento, continuou o cirurgião.

— Bem, meus caros, até breve, disse o obstetra, retirando-se.

— Vamos dar uma busca no casaco da moça? propôs o interno saindo em direção à sala de cirurgia, onde ainda deveria estar o paletó da jovem.

Lá se achava ele todo manchado de sangue, atirado numa cadeira. O moço revistou-lhe os bolsos e, num deles, encontrou um cartão de dentista no qual leu que para Rachel Saturnino estaria reservada certa hora do dia seguinte.

— Rachel Saturnino! exclamou ele, satisfeito por ter identificado a vítima.

***

Eram quatro horas da manhã, quando o telefone da casa de Alberto começou a tocar. O moço tinha sono pesado e custou a acordar.

— Venha logo ao Hospital de Pronto Socorro! disse o Inspetor. Tentaram assassinar sua amiga.

— Rachel! exclamou o estudante, com o coração aos pulos. Não disse mais nada. Desligou o fone, saltou da cama e vestiu-se a galope. Meia hora depois, entrava no quarto da moça. O interno contou-lhe tudo o que sabia do caso, dizendo--lhe que, através do próprio médico que socorrera a vítima, poderia obter detalhes mais precisos.

Rachel continuava em estado de choque. A pressão arterial levantara-se um pouco, o que era bom sinal. Jairo Saturnino já se achava ao lado da filha, assim como sua irmã Lia. O velho antiquário estava carrancudo, e não dizia uma palavra sequer.

Alberto saiu do quarto e foi conversar com o Inspetor na sala de inverno do hospital.

— Será mesmo coisa do "inseto"? Não é possível! repetia Alberto, visivelmente emocionado. E o besouro? Havíamos combinado que ela me avisaria imediatamente... Como foi isso?

— Não posso compreender. Pela lógica dos acontecimentos, "ele" não poderia deixar de mandar o escaravelho antes! Foi ingenuidade nossa esperar o "aviso". Deveríamos pôr um camarada vigiando a moça desde o começo...

— Quem sabe se o "inseto" não tem nada com o caso? Rachel era sem juízo, metia-se com gente esquisita que poderia envolvê-la em complicações. Expunha-se a muitos perigos andando com tipos de toda espécie, coitada.

— Ou isso, ou então o "pacotinho" extraviou-se por qualquer motivo.

— Que tal uma busca nos correios?

— A idéia é boa, mas, antes de tudo, vamos convocar o velho Saturnino para uma conversa.

— Se ela escapar, poderá esclarecer alguma coisa, pois é possível que tenha pelo menos visto o vulto de quem a atacou, disse Alberto, dirigindo-se ao quarto de Rachel.

Pouco depois, o moço voltou acompanhado pelo infeliz e bom Jairo.

— Senhor Saturnino, disse Pimentel, Alberto e eu vamos tomar conta do caso de sua filha e precisamos que o senhor nos dê algumas informações.

O pobre antiquário lançou-lhes um olhar desconfiado e assustado ao mesmo tempo. Em seguida suspirou alto e depois suplicou:

— Pelo amor de Deus, descubram quem tentou matar minha filha!

— Estamos cuidando disso, meu amigo, tornou o Inspetor. Conte-nos o que sabe a respeito das saídas noturnas de Rachel. Tinha ela algum namorado?

— Que eu saiba não. Minha filha estava quase noiva de meu amigo Ravic. Como ele viaja muito, ela aproveita a sua ausência para jogar pôquer em casa de uma amiga à noite.

— Sabe o nome dessa amiga?

— Dora Costa.

— A filha do maestro?

— Isso mesmo. Mora aqui perto.

— Sabe se sua filha recebeu algum besouro pelo correio?

— Que pergunta esquisita!

— Peço-lhe que me responda.

— Nunca vi Rachel mexendo com inseto de espécie alguma.

— Observou se lhe entregaram um pacotinho pequeno com o endereço escrito em letra de forma?

— Levanto-me cedo todos os dias e vou logo para a varanda esperar o correio. Posso garantir que ela não recebeu pacotinho nenhum. Mas, que tem uma coisa com a outra?

— Se quer ver esclarecido o caso de sua filha, guarde reserva sobre essas perguntas. Mais tarde terá a explicação de tudo. E agora, Sr. Saturnino, volte para junto da menina. Muito obrigado.

O antiquário afastou-se com a fisionomia carrancuda e depois voltou só para dizer:

— Podem anunciar que prometo uma boa gratificação a quem descobrir o criminoso.

— Está muito bem.

Assim que ele se afastou, o Inspetor disse a Alberto:

— Acho indispensável chamar Cora à Polícia, a fim de que ela nos informe mais ou menos o que o cozinheiro, a copeira e os hóspedes estavam fazendo ontem à noite. Confrontando as informações dela com o que os "tiras" disserem, podemos levantar ou afastar qualquer suspeita. Vamos pôr a limpo também o caso da saída de Rachel na noite passada.

— Telefonarei a Cora e a Dora Costa entre 8 e 9 horas. Antes disso, será imprudência.

— Veja se combina com as duas um encontro na Polícia, entre onze e meio-dia. Trate de descobrir o tal obstetra que socorreu a moça.

— O.K.

— Bem, acho que vou indo — disse o Inspetor. Quero ver se ainda "pego uma soneca", pois há cinco noites que não durmo. O tal roubo na joalheria, sábado passado, me tem posto de cabelos brancos. "Tchau"...

— Eu fico, disse o estudante. Estou bem descansado, e, quando acordo de madrugada, não consigo mesmo dormir outra vez.

O policial retirou-se e Alberto voltou ao quarto de Rachel. O silêncio no hospital era completo.

— A pressão arterial está melhorando, disse o interno, que vinha saindo com uma grande ampola vazia de plasma na mão. A moça já recobrou os sentidos, mas ainda não falou nada.

Minutos depois surgiu o médico que socorrera Rachel. O parto terminara sem complicações, e o obstetra decidira passar no hospital antes de voltar para casa a fim de saber notícias da moça.

Alberto ficou satisfeito por encontrar de modo espontâneo a importante fonte de informações que buscavam e conduziu o recém-chegado até a sala de inverno. O médico repetiu-lhe a cena com detalhes:

— O que impressionou-me ainda mais, disse ele, foi a expressão de pavor que havia no rosto da moça, quando a encontrei, já desmaiada. Aliás, isso é natural, numa situação daquelas ...

Alberto ficou intrigado, mas não disse nada. Que teria ela visto de tão terrível assim? Apenas um vulto encoberto pelas trevas a brandir uma faca?

— Não reparou ninguém correndo, nem mesmo uma sombra, pelo menos?

— Meu caro, minha única preocupação naquele instante foi socorrer a moça e tentar salvar-lhe a vida.

— Compreendo perfeitamente. O médico pediu licença e saiu.

O céu clareou e, com o nascer do dia, começaram os ruídos: a buzina rouca da carrocinha do padeiro; um tropel de cavalos e o tilintar de um sininho — algum burro "madrinha" de tropa, com certeza. Depois o

movimento característico dos hospitais: o barulhinho discreto das maças deslizando rápidas pelos corredores e, ao longe, um som confuso e monótono de "harmonium", misturado com vozes femininas: o canto das religiosas na capela.

O estudante voltou ao quarto de Rachel, e, à claridade do dia, pôde examinar bem o rosto da moça. A palidez que se refletia nele era assustadora! A cabeleira de fogo desfeita sobre o travesseiro fazia um contraste violento com a brancura dos lençóis.

Alberto aproximou-se do leito, a fim de ver se entendia o que ela dizia, mas não compreendeu nada.

Rachel sacudia a cabeça de um lado para outro, agitada, pronunciando palavras desconexas.

Capítulo XVI

RACHEL FALA DO "INSETO"

As dez horas em ponto, Dora Costa e Cora O'Shea davam entrada na sala particular do Inspetor Pimentel. A amiga de Rachei — uma bela morena de olhos verdes — mostrou-se surpresa e apavorada com o que acontecera. Garantiu que a moça não havia estado em sua casa naquela noite, nem em nenhuma outra, e contou-lhes o que sabia do namoro dela com um sujeito de fora.

— Eu já os vi juntos várias noites, conversando no bosque. Ele não presta. Vive jogando e bebendo nos bares, e fala mal dela com os outros rapazes. Avisei-a, mas ela não acreditou.

— Sabe o nome dele e onde mora?

— Nada, mas se o vir, reconheço-o.

— Onde poderemos encontrá-lo?

— Não sai da rua. Vamos à cidade daqui a pouco e tenho a certeza de que o encontraremos.

— Está combinado.

A irlandesa exigiu explicações, pois não podia compreender a relação entre o crime e os seus hóspedes. Se nem conheciam Rachel Saturnino! Alberto e o Inspetor, em face da gravidade da situação, resolveram pôr Mrs. O'Shea a par dos acontecimentos. A boa mulher ficou aterrada!

— My dear Clarence!(*) — repetia ela a todo instante.

(*) Meu querido Clarence.

O depoimento de Cora coincidiu perfeitamente com o relatório dos "secretas" que haviam seguido, na véspera, os hóspedes da pensão.

O movimento de todos na noite anterior fora mais ou menos controlado: Mr. Graz saíra depois do jantar, andara a pé até a cidade para comprar frutas, entrara numa igreja e voltara lá pelas vinte e duas horas, recolhendo-se ao quarto. Mr. Gedeon levara Verônica ao cinema, à última sessão, e à meia-noite e meia estavam em casa.

Alberto sentiu um choque ao saber que a moça havia saído sozinha com Mr. Gedeon. Imaginou-os logo de mãos dadas, no cinema, conversando baixinho...

— O "tira" perdeu-os de vista — disse o Subinspetor Silva, que estava presente. Havia muita gente no cinema e, com o atropelo da saída, não foi possível acompanhá-los.

Quanto ao cozinheiro, largara o serviço mais cedo e às vinte e uma horas fora a um baile de carnaval.

Algum tempo depois, saíra fantasiado com os companheiros, dançando e pulando no "bloco" do clube. Impossível identificá-lo, pois os foliões, que eram em grande número, traziam máscaras. O "tira" que seguia o cozinheiro ficou tonto no meio daquela confusão. A coisa piorou quando o "bloco" se encontrou com outros que se dirigiam a uma batalha de confete.

Quanto a Elza, a copeira, não saíra de casa e deitara-se cedo.

— Nenhum deles tem álibi perfeito — disse o Inspetor — Mr. Graz, por exemplo, poderia perfeitamente fingir que estava dormindo e sair mais tarde sem ser percebido. O quarto dele não tem entrada independente?

— "Yes" — respondeu Cora O'Shea — Posso garantir, entretanto, que ele não se afastou de casa depois daquela hora. Meu filho Marmaduke — que veio passar uns dias aqui — ficou conversando comigo até as vinte e três horas "more or less".(*) Estávamos na copa e, pouco antes de nos recolhermos, Mr. Graz saiu do quarto, em pijama, e abriu a geladeira perto de nós a fim de tomar um copo de leite.

(*) mais ou menos

O Inspetor Pimentel ficou silencioso alguns instantes e depois continuou:

— Mr. Gedeon e Verônica foram ao cinema no bairro aqui perto. A última sessão acaba à meia-noite. Ninguém pode garantir, entretanto, que eles tenham ficado até o fim. Poderiam calmamente ter saído antes, protegidos pela escuridão, sem que o "tira" os visse.

— Estava acordada, lendo, quando eles chegaram — disse Cora. Olhei o relógio e vi que faltavam apenas cinco minutos para meia-noite e meia. Não acha o senhor que o fato de estarem os dois juntos afasta a suspeita de cada

um deles? "Isn't that clear?"(*) (*) Não está claro?

— Em parte, somente, Mrs. O'Shea — tornou o Inspetor — Em nossa profissão encontramos freqüentemente crimes praticados de parceria: duas, três, cinco pessoas envolvidas num único caso...

— Pelo amor de Deus! — exclamou Cora — Mas eu posso lhe garantir que nem Mr. Graz, nem Mi. Gedeon, e muito menos Verônica, fariam uma coisa dessas! Conheço-os muito bem. Graças a Deus, nenhum deles é louco ou tarado.

— Quanto ao cozinheiro, minha senhora, para ele nada mais fácil do que afastar-se no meio da confusão sem ser percebido. Fui informado de que a batalha de confete realizou-se a apenas três quarteirões da praça onde Rachel foi atacada.

— "My dear Clarence!" — repetia a pobre irlandesa.

— Contamos com a senhora para nos ajudar — disse Pimentel — Vamos pôr todo o sentimentalismo de lado. Temos razões fortes para supor que o "inseto" vive em sua casa.

— "Impossible"! — exclamou Cora.

— Possível ou não, peço-lhe que vigie cada um dos seus hóspedes, sem se esquecer do cozinheiro e da copeira. Por acaso já viu besouros no quarto de algum deles?

— Nunca.

— Então está combinado, Mrs. O'Shea. Qualquer coisa estranha que observar, avise-nos.

— Não precisam mais de mim, não é? No momento não.

— "Good bye".

— Passe bem.

Silva saiu acompanhado de Dora Costa e, uma hora depois, voltava com o namorado de Rachel. O rapaz "caiu das nuvens" ao saber o que acontecera. Que era inocente, não havia dúvidas. Contou que havia ficado até cerca de meia-noite conversando com a moça, depois tomara um táxi e fora para o hotel.

— O gerente pode provar que me viu entrar à meia-noite — disse ele, tremendo de medo — O senhor não vai me prender, não é? Nem vai dar meu nome no jornal, pelo amor de Deus.

— Por que receia tanto isso?

O sujeito acabou confessando que era casado noutra cidade e que isso iria desmoralizá-lo ainda mais.

— Está bem. Vá em paz — disse o Inspetor.

— É um pobre coitado! — comentou o policial quando o viu sair.

À tardinha, Mrs. O'Shea telefonou para o Inspetor.

— "Good afternoon"(*) — disse ela — Eu já havia visto o filme que Verônica assistiu e, sem que ela suspeitasse, perguntei-lhe qualquer detalhe sobre o fim, para ver se ela ficara no cinema o tempo todo.

(*) Boa tarde.

— O que descobriu, Mrs. O'Shea?

— Ela me disse que não podia responder porque dormira do meio até acabar... não parece desculpa? Será que ela saiu mesmo antes de terminar a sessão?

— Por que não faz a mesma pergunta a Mr. Gedeon?

— Ele embarcou hoje cedo de avião para os Estados Unidos-.

— Sabe quanto tempo pretende ficar lá?

— Um mês. Vai resolver alguns negócios da firma.

— Muito obrigado, Mrs. O'Shea. Continue observando e guardando segredo, sim?

— "Ali right. Bye, Bye".(**)

(**) Muito bem. Adeus.

Enquanto isso, Alberto, no hospital, aguardava ansiosamente o momento em que Rachel Saturnino começasse a falar com clareza. A moça recobrara os sentidos havia já bastante tempo, mas parecia presa de violenta excitação nervosa. De vez em quando pronunciava palavras desconexas, e erguia-se do leito, com uma expressão de pavor nos olhos.

— Coitada de minha sobrinha! — exclamava Lia Saturnino, procurando acalmá-la.

O estudante viu que seria impossível fazer-lhe qualquer pergunta naquelas circunstâncias, e resolveu esperar mais tempo, até que o estado dela se normalizasse.

No dia seguinte, voltou ao hospital.

— Venha cá, Alberto — disse-lhe o interno com ar suspeito, levando-o até o jardim de inverno, assim que o viu chegar.

— Más notícias.

— Que há, meu velho?

— A moça parece que enlouqueceu.

— Como?

— Está delirando. Ora fala num demônio, ora num bicho de cabeça vermelha que a atacou.

Alberto mostrou-se interessadíssimo com o que o interno dizia e dirigiu-se imediatamente ao quarto da moça.

Rachel se achava molemente recostada no leito, e apontava para a parede vazia, dizendo com o olhar desvairado:

— Ali! Ele está ali.

— Ele quem? — perguntou Alberto.

— O bicho.

— Que bicho?

— O bicho vermelho.

Em seguida fechou os olhos e adormeceu. O calmante **que** tomara começava a fazer efeito.

— Está com febre — disse Jairo Saturnino.

— Seria uma febre cerebral? — pensou Alberto consigo mesmo.

Durante uma semana a moça ficou nesse estado. Finalmente a temperatura normalizou-se, mas ela continuou a manifestar sintomas de profunda depressão nervosa: chorava à toa, sempre repetindo que o bicho de cabeça vermelha haveria de matá-la. Alberto tentou fazer-lhe perguntas, mas ela se fechava num mutismo desanimador.

Dez dias depois, o médico permitiu que ela voltasse para casa.

— Heureca! — exclamou o Inspetor, dando um murro violento na mesa de seu gabinete — E eu que não havia pensado nisso antes!

— O que foi? — perguntou Alberto.

— Vamos já investigar como era a máscara que o cozinheiro trazia no dia da batalha de confete.

— Você quer dizer, na noite do atentado, não é? Já sei o que está pensando...

— Isso mesmo. O "bloco" voltou ao clube à uma da madrugada, e, entre essa hora e meia-noite, ninguém pôde garantir que o cozinheiro continuasse sambando. Você sabe como são essas coisas. Cada qual só quer saber de pular e cantar. Ninguém se lembra de prestar atenção em Fulano ou Sicrano...

— Isso mesmo.

Às vinte horas, o cozinheiro dava entrada na Polícia, segurando uma ridícula máscara de burro. O sujeito fez uma porção de desaforos e deu vários socos nos guardas que o agarravam.

— Marrom — disse o Inspetor, examinando a máscara à luz de um refletor. Com a claridade do luar, poderia perfeitamente passar por vermelha, entretanto.

— Larguem-me, idiotas! — gritava o cozinheiro tentando se desvencilhar do braço dos guardas.

— Com esses modos você não arranja nada meu caro — disse o Inspetor. — Acalme-se que o deixarei partir.

O homem sossegou, e teve permissão para ir embora.

— Não o percam de vista — recomendou discretamente Pimentel.

* * *

— Olhe bem, Rachel — disse Alberto mostrando a máscara à moça, que ainda se achava em repouso, no leito. — Tinha esse rosto a pessoa que atacou você?

Rachel arregalou os olhos, abanou a cabeça em sinal negativo e olhou para o outro lado, sem dar importância ao fato.

Súbito, Alberto teve uma idéia. Saiu quase correndo, tomou o automóvel e chegou até sua casa. Discou um número no telefone e falou aflito:

— É o Inspetor? Pode ir comigo agora à casa de Jairo Saturnino?

— Você passa aqui?

— Dentro de dez minutos.

— O.K.

Alberto buscou qualquer coisa na gaveta e a pôs no bolso. Vinte minutos depois, ambos chegaram à casa do antiquário.

— Senhor Jairo, permite-nos subir até o quarto de sua filha? Precisamos esclarecer uma coisa muito importante.

— Entrem à vontade. Lia está com ela.

Rachel já se achava convalescente, mas o abalo nervoso que sofrerá fora tão forte, que ela ainda parecia ausente e desinteressada de tudo.

Alberto aproximou-se do leito e mostrou-lhe o que trouxera. Um grito agudo se fez ouvir.

— Foi ele. Foi ele! Foi ele! E tinha chifres e mãos vermelhas também! — repetia a moça em voz alta, alucinadamente, numa súbita e violenta crise de nervos.

— Perdoem-me — disse Alberto, emocionado — mas era da maior importância esclarecer isto. Dêem um calmante a Rachel.

Lia saiu correndo e voltou com o sedativo no copo. Alberto trocou em silêncio um olhar aterrado como o Inspetor. Ambos estavam pálidos de emoção.

— Que foi que o senhor mostrou a minha sobrinha? — perguntou Lia.

Alberto não respondeu e entregou à senhora uma coisa aparentemente inocente e insignificante: o besouro vermelho de papelão pintado que o "inseto" lhe havia mandado!...

Capítulo XVII

PÂNICO NA CIDADE

0 psiquiatra que examinou Rachel aconselhou imediatamente uma mudança de ambiente e clima. Dois dias depois, a moça foi levada para uma praia distante em companhia de Lia.

— Caso-me com Rachel logo que ela estiver em condições, e levo-a para a Europa — anunciou o barrigudo e calvo Sr. Ravic. O médico afirmou que tão logo a moça se sentisse garantida e longe do cenário daqueles acontecimentos, o seu sistema nervoso reagiria favoravelmente.

— Dentro de dois ou três meses ficará completamente sã — disse ele.

***

Alberto é que não estava nada bom. Sentia medo, um medo terrível, por que não o confessar? Apesar disso, continuou a levar vida normal, cada vez mais empenhado em descobrir a identidade do terrível e misterioso "inseto". Quem seria ele, afinal de contas? Um ser de carne e osso ou... um monstro? Um monstro com a pele vermelha, de um vermelho-vivo, gritante, e dois horríveis chifres plantados no meio da testa... A prova de que Rachel dizia a verdade, é que descrevera perfeitamente o seu atacante, reconhecendo no besouro de papelão pintado uma cópia fiel. Tudo aquilo era realmente absurdo, incompreensível...

— Será que o "inseto" usa máscara para aterrorizar as vítimas? — divagou Alberto na sala do Inspetor Pimentel.

— É a única hipótese razoável — disse este — Ou isso, ou então teremos que admitir um fantasma ou uma aberração da natureza.

— Mas, para que isso tudo, meu Deus? — exclamou Alberto. — Qual a razão, qual o motivo?

— Cedo ou tarde haveremos de saber, meu caro. Precisamos agora vigiar Padre Afonso o mais possível. É o último "cabelo de fogo" legítimo da cidade. O ideal seria afastá-lo daqui quanto antes.

— É inútil. Ele não quer sair de jeito nenhum.

Ora, aconteceu que, uma semana mais tarde, o Inspetor, consultando os jornais da manhã, teve uma grande e desagradável surpresa. Na primeira página, achava-se escrito em letras enormes:

“MISTÉRIO E PAVOR”

Descoberta a trama dos quatro crimes que abalaram a cidade. Parece tratar-se de um demente que só escolhe pessoas com cabelos vermelhos e rosto sardento. O tarado envia besouros às suas vítimas".

Aflito, o Inspetor devorava as palavras, convencido de que, depois daquilo, seus planos iriam mesmo por água abaixo. O esperto repórter conseguira um "furo" notável, aproveitando-se da indiscrição de algum "tira", com certeza. Ou teria sido através de Cora O'Shea ou Dora Costa? As mulheres guardam tão mal segredos!...

— Está tudo perdido — exclamou ele alto, dando um murro na mesa. Por sorte, o jornal não pusera os hóspedes da irlandesa entre os suspeitos. Falavam no criado da casa de Hugo, no cozinheiro de Mrs. O'Shea, no tal Cláudio, admirador de Maria Fernanda, e num certo louco que fugira do hospício, havia meses.

Pouco depois a campainha do telefone soou. Era Alberto, alarmado com as notícias dos jornais.

— Não há mais remédio — disse o Inspetor.

— Que fazer?

— Ficar quieto, aguardando os acontecimentos. Felizmente os jornais não deram seu nome. Até agora não sabem que você está no caso.

Minutos depois, o telefone tocou novamente. Uma voz de homem queria saber detalhes, e perguntava se a população corria perigo.

— Até o momento só os ruivos estão ameaçados — respondeu o Inspetor.

Durante os dias seguintes o aparelho funcionou quase ininterruptamente.

— Estou apavorada — dizia uma voz feminina. Tenho cabelos cor de cobre e estou resolvida a mudar-me daqui. Não acha o senhor que é o melhor que tenho a fazer?

— Sua pele tem sardas, senhorita?

— Não.

— Sendo assim, quase posso lhe garantir que não há perigo. De qualquer modo, será mais prudente sair da cidade. Caso não possa viajar, aconselho-a a tingir os cabelos de preto, quanto antes.

— Vou fazer isso agora mesmo.

O Inspetor ligou para a casa do Padre Afonso:

— Como vão as coisas?

— Otimamente. Até agora, nada.

— Meu amigo, não seja imprudente. Sabe muito bem que está em sério risco de vida.

— Disso sei eu.

— Por que não vai passar uns meses na fazenda de seu pai?

— No momento, não posso. Estou organizando o serviço de assistência social da paróquia e, se saísse agora, iria tudo por água abaixo.

— Encarreguei dois auxiliares meus de vigiá-lo. São homens de toda a confiança e que farão o serviço discretamente.

Um deles fiscalizará sua casa, outro ficará na igreja o dia todo, escondido no coro. Ambos estarão armados, com ordem de disparar ao primeiro sinal.

— O senhor está tomando muito trabalho com o pobre vigário.

— Todo cuidado é pouco — disse o Inspetor — Qualquer novidade, avise-me logo.

O Inspetor visitou cerca de nove entomologistas amadores da cidade. Todos eles se mostraram alarmados e inquietos. Um deles foi logo dizendo:

— Como o senhor sabe, sou especialista em Lepidópteros. Veja só minha coleção de borboletas... De besouros, não entendo nada...

Um outro, que possuía um bigode negro e folhudo, acabava de receber um... besouro pelo correio, enviado por um colega australiano, com o qual mantinha correspondência e intercâmbio de insetos.

Ao ver chegar a Polícia assustou-se e tratou logo de esconder o bicho, colocando-lhe um jarro de flores em cima.

O Inspetor, que percebera a manobra, afastou o vaso, segurou o inseto e olhou fixamente para o homem.

— Que significa isso? — perguntou.

Em vez de responder simples e francamente, o que lhe seria muito mais favorável, o sujeito começou a gaguejar e a dar desculpas, numa atitude francamente suspeita.

A carta do entomólogo australiano tranqüilizou em parte o Inspetor que, por via de dúvidas, decidiu mandar vigiar o homem do bigode preto.

Aos poucos, foi se espalhando pela cidade tal clima de terror que quase todo mundo tinha receio de sair à noite. As ruas ficavam desertas tão logo começava a escurecer. Alguns chegaram a abandonar o lugar, e muita gente que não tinha arma em casa tratou logo de comprar uma...

Mais ou menos um mês depois, Mr. Gedeon chegou dos Estados Unidos. Arranjara os negócios do melhor modo possível e estava satisfeitíssimo.

Alberto não voltou à casa de Cora, apesar do grande desejo de ver a antiga namorada.

O estudante esperara-a à saída do Conservatório, a fim de explicar-lhe o mal-entendido com Rachel Saturnino, e a razão pela qual tivera de marcar um encontro com ela. Agora, que tudo já estava público, poderia fazer isso sem prejudicar o caso. " Verônica, geniosa como era, desfeiteara-o, entretanto, virando-lhe o rosto e dizendo-lhe em voz alta:

— É inútil falar comigo, seu cafajeste... Seu fingido!... Gosto de Mr. Gedeon e vou me casar com ele...

E saíra andando depressa, quase correndo.

Alberto viu que não havia solução, e desistiu de segui-la, mais infeliz do que nunca. Verônica, a sua adorável Verônica, apaixonada por Mr. Gedeon! Novamente imaginou o americano, belo e dominador como um Xeque das Mil e Uma Noites, estreitando a pequenina cabeça da moça no peito largo. Alberto, num ímpeto incontido, decidiu ir à pensão para saber de Cora alguma coisa mais sobre aquele homem que iria possuir Verônica, e a quem já detestava com toda a força de seu ódio.

— Verônica Gedeon! — que nome antipático ela iria ter quando se casasse!...

O rapaz sabia que a moça costumava ir a uma casa de chá com as amigas depois da aula, e calculou que teria tempo de conversar com a irlandesa antes que ela chegasse.

— Bem-vindo, Alberto! — disse Mrs. O'Shea. — O que há de novo? Se Marmaduke soubesse dessa história toda não tinha voltado para a Inglaterra. Vou escrever a ele pedindo que venha e que fique comigo até prenderem o louco.

Alberto estava absorto, com o pensamento longe.

— Bonito homem esse tal Gedeon, não acha, Mrs. O'Shea? Um verdadeiro atleta...

Cora estranhou um pouco o comentário, mas objetou:

— "I don't agree with you..."(*) Para que valem aqueles ombros largos, se ele não tem coragem para enfrentar dificuldade alguma? Nunca vi pessoa tão comodista, tão covarde, tão frágil, espiritualmente falando... Mister O'Shea, meu marido, por exemplo, era magrinho, míope, mais baixo do que eu. Entretanto, aquilo é que era homem! Chamava a si a responsabilidade das coisas, e sabia resolver qualquer situação. Apesar da insignificância física, a gente se sentia protegida, amparada, junto dele!

(*) Não concordo com você.

Ao ouvir isso, Alberto teve vontade de beijar a rechonchuda face de Mrs. O'Shea. Aquilo mesmo é que Mr. Gedeon era: um tolo, um fraco.

— Dona Cora! Dona Cora! — gritou Elza, a copeira, chegando com ar assustado. — Veja o que encontrei no quarto de Verônica! Só agora é que a lavadeira trouxe a roupa, fui mudar as camas e dei com esse negócio debaixo do colchão... Cruzes! Credo!

Besouros! — exclamou Cora, empalidecendo e segurando um embrulho aberto, com seis escaravelhos de tamanho diferente.

A vista de Alberto escureceu e ele teve a impressão de que ia desmaiar... Tal não sucedeu entretanto...

— Mrs. O'Shea — disse ele gravemente — enrole os besouros num lenço, e mostre-os ao Inspetor. Não me sinto com forças para averiguar esse caso. Acho melhor não dizer nada a Verônica, por enquanto. Espere um aviso nosso. Adeus.

Capítulo XVIII

A SOMBRA

Boa tarde, senhorita — disse o Inspetor, que já se achava na pensão quando Verônica chegou. A mocinha cumprimentou-o com o mais alegre e inocente dos sorrisos.

— Tenho uma surpresa para a senhora, Mrs. O'Shea, comunicou ela, caminhando para o piano.

Cora olhou para o Inspetor, como a pedir-lhe piedade, e não disse nada. Um minuto depois, começaram a ouvir os primeiros acordes da Serenata Espanhola, de Isaac Albeniz. Era a música de que a irlandesa mais gostava.

— Obrigado, querida, disse ela, emocionada. Você tocou maravilhosamente.

Em seguida, levantou-se, deu um beijo na testa de Verônica. Queria bem àquela criatura, e só Deus sabia o quanto lhe iria custar presenciar a cena que teria lugar logo depois.

O Inspetor, visivelmente contrafeito, fez um esforço para aparentar despreocupação. Seria melhor não começar com rodeios, indo logo ao ponto principal. Tirou o lenço do bolso, abriu-o e mostrou-o, dizendo:

— Senhorita Verônica, a criada encontrou esses besouros debaixo de seu colchão.

— O quê? exclamou ela indignada. É mentira dela!... Debaixo de meu colchão? É mentira...

O suéter já meio surrado em cor escura que vestia, realçava ainda mais a palidez que se lhe espalhara pelo rosto.

— Chamem a criada! Isso é mentira! — repetia ela. A copeira entrou na sala e repetiu o que afirmara:

— Não tenho culpa, Dona Verônica, mas juro, pelo que de mais sagrado tenho no mundo, como isso é verdade!

— Basta, basta! — gritou a mocinha, desesperada. — Se você não está

mentindo, alguém pôs esses bichos horríveis no meu quarto, para me culpar da morte de Clarence!

À palidez inicial no rosto da moça sucedera um violento rubor. Suas faces estavam rubras, como se ela fosse ter uma apoplexia.

— "Take it easy! Take it easy"(*) — repetia Cora, agitadamente.

(*) Acalme-se, tenha cuidado.

— Como explica o fato então? — insistiu Pimentel. Verônica sentiu vontade de chorar, mas dominou-se.

— Senhor Inspetor — disse ela, com afetada calma. — Acontece que eu não tenho nada com o caso! Que minha mãe, lá do outro mundo, seja testemunha dessa verdade.

A moça olhava-o bem dentro dos olhos, com a firmeza e coragem dos que se sabem inocentes.

A sinceridade traz em si uma força que impõe. O fato é que Pimentel saiu de lá convencido de que Verônica não era culpada. De outra coisa estava certo também: a chave do mistério se achava naquela casa... O cozinheiro, Mr. Graz, Elza a copeira ou Mr. Gedeon... quem sabe?

Sozinha em seu quarto, Verônica desatou em prantos. Sentia-se insignificante e frágil contra tantos problemas e tanta perversidade. Nada mais era que uma pobre moça do interior, cujo único sonho se resumia em conhecer bem música para distrair-se, ocupar o tempo e ter um meio de ganhar a vida. Mais tarde, gostaria de encontrar alguém, simples e bom, a quem pudesse se dedicar, na certeza de ser correspondida. Julgara encontrar esse "alguém" em Alberto, mas enganara-se. O rapaz humilhara-a, fazendo dela um brinquedo apenas, namorando outras moças, e deixando que uma delas a desfeiteasse ali bem na frente dele. Por isso mesmo é que, num movimento natural de despeito, resolvera aceitar Mr. Gedeon. O americano era o que geralmente se costumava chamar "bom partido": forte, belo, muito bem colocado, com perspectivas cada vez melhores.

Phillip Gedeon já lhe propusera casamento, prometendo-lhe uma viagem à Califórnia. Mas, ai! Feminina e sensível, Verônica procurava no homem alguma coisa mais que fortuna e beleza. Queria sinceridade, delicadeza, compreensão e um braço forte onde se apoiar. Se, com isso tudo, ainda tivesse dinheiro, tanto melhor! Haveria de ser simpático, também, isso é claro...

— Mamãe! — soluçou ela em voz alta — Ah, se sua mãe estivesse viva! Não se sentiria tão só, nem desprotegida. Teria quem a defendesse, quem afirmasse com autoridade que ela era inocente... Mrs. O'Shea parecia ser amiga, mas a situação se complicara de tal modo para ela, Verônica, que não

era possível pedir apoio à irlandesa. Nem a Cora e nem a Mr. Graz, que a tratava como filha, pois o suíço viajara na véspera, acompanhando uma turma de alunos em excursão. Quanto a Mr. Gedeon, conhecia-o suficientemente para saber que era covarde, e que se retrairia quando soubesse da terrível suspeita que caía sobre ela.

Quem teria escondido os besouros debaixo de seu colchão? Talvez a própria copeira, que um dia furtara a única jóia verdadeira de Verônica: um pequeno relicário de ouro que fora de sua mãe. Cora não acreditou na culpabilidade de Elza, mas a moça descobriu tudo e a criada acabou confessando. A irlandesa protegia-a, pois era filha de sua antiga lavadeira, e as coisas haviam continuado como antes.

— Alberto! soluçou ela. Sim, Alberto... pensava logo nele quando se achava aflita. Entendiam-se tão bem, riam tanto quando estavam juntos!... Uma parede levantara-se entre eles, entretanto. Quem era ela, afinal de contas, para pretender conquistá-lo? Verônica lembrou-se do estudante fixando nela os olhos azuis, meio tristes, ligeiramente oblíquos. Como era simples, atraente e simpático... E se escrevesse para o irmão? Talvez ele pudesse largar o trabalho por alguns dias, quem sabe? Conversariam pessoalmente e ele orientá-la-ia...

Foi em Deus que ela encontrou um pouco de apoio, afinal. Começou a rezar e acabou adormecendo profundamente.

* * *

— O que nos atrapalha — dizia o Inspetor a Alberto — é a "fartura" de gente suspeita. Nunca vi uma coisa assim!

— E os besouros encontrados no quarto de Verônica?

— Tenho quase a certeza de que a moça das covinhas no rosto não tem nada com isso. Olhe que nesses meus já muitos anos de trabalho, tenho lidado com criminosos de toda espécie. Conheço perfeitamente a reação fisionômica dos culpados. Seria preciso que a Senhorita Verônica fosse uma grande hipócrita e uma atriz notável para, sendo assassina, olhar-me com uns olhos tão limpos. Além disso, é óbvio que o "inseto" jamais poderia estar encarnado numa mulherzinha como aquela... Teria graça...

— Sei lá... — objetou o Subinspetor Silva. — Lembra--se de Dolores "Olho de Gato"? Tinha uma carinha de freira, um arzinho de postulante e, no entanto, era aquela peste que todo mundo sabia. Matou quatro homens...

Alberto não gostou do comentário e disse:

— O fato é que naquela casa há alguém que não gosta de Verônica e fez aquilo para atrair suspeitas sobre ela.

— Deus permita que seja apenas isso... — comentou Pimentel.

O estudante teve um desejo louco de procurar Verônica, explicar-lhe tudo e dizer que ele, Alberto, confiava em sua inocência. Mas como abordá-la se a moça o evitava de modo tão acintoso?

— Viu o que a imprensa diz hoje? — perguntou o Inspetor, estendendo-lhe um jornal.

"A Polícia absolutamente incapaz de elucidar o mistério dos cabelos vermelhos. A cidade continua sem garantia. Há quem explique o fato de modo sobrenatural."

— O povo é quase sempre injusto — comentou Silva — Jamais seria capaz de compreender, por exemplo, o esforço que nos custou colocar as coisas no ponto em que estão.

— É... — disse Alberto, vagamente.

— Que vamos fazer com a moça? — perguntou o Subinspetor.

— Nada, por enquanto... — tornou o outro. — Não temos nada de concreto contra ela. A história dos besouros não representa prova suficiente para a prisão preventiva.

Alberto, visivelmente nervoso, disse:

— Peço-lhes, como um favor pessoal, não permitir que a imprensa tome conhecimento disso. Pelo menos até que o caso se esclareça. Estou me sentindo tão cansado de espírito que vou a um cinema qualquer, para espairecer um pouco. Até logo.

— Fique sossegado, Alberto — disse o Inspetor — E vá ao seu cinema. Adeus.

* * *

Dias depois chegaram à cidade alguns médicos cardiologistas vindos de várias partes do país. Iria se realizar um congresso da especialidade e o programa anunciava palestras diárias às vinte e uma horas.

O chefe da embaixada visitante era um certo Professor Lima, casado com uma tia de Verônica.

Alberto, que estava inclinado a especializar-se em moléstias do coração, compareceu todas as noites ao auditório da Faculdade de Medicina. No último dia, com surpresa, descobriu Verônica sentada logo na primeira fila, assistindo à conferência do tio. Céus! Como estava magra e abatida! Pobre meninazinha... Deveria ter sofrido muito aqueles dias todos, sentindo os olhos dos moradores da pensão cravados nela, cheios de desconfiança! A seu lado estava leda, sua melhor amiga. O Professor Lima apresentou uma esplêndida tese sobre pressão arterial, que causou sucesso... Verônica não entendia nada daquilo, mas tinha muito orgulho do tio e decidiu comparecer, em homenagem a ele.

Terminada a conferência, as duas moças tomaram um táxi e voltaram para casa.

Alberto ainda ficou algum tempo de prosa com os colegas, e depois saiu.

Sentia-se muito nervoso e decidiu voltar a pé na esperança de que o cansaço físico o acalmasse. O moço perdera o receio de andar só. Apesar da insistência do Inspetor, dispensara o "tira", que o acompanhava desde que recebera o aviso do "inseto". Afinal de contas, já se haviam passado dois meses sem que nada de anormal acontecesse.

Seria quase meia-noite então. As ruas estavam desertas e havia luar. Ao passar por certa avenida, viu um automóvel parado. O chofer, munido de uma lanterna elétrica, examinava o motor, procurando o defeito. Alberto aproximou-se, a fim de oferecer os préstimos, e notou que havia uma passageira dentro. Uma moça magra, metida num vestidinho simples. Verônica. Compreendendo a situação desagradável em que se achava, sozinha e àquela hora da noite, o estudante resolveu esquecer as desfeitas que a moça lhe fizera e cumprimentou-a:

— Você por aqui a estas horas?

— Fui assistir à conferência de meu tio — disse ela secamente. — Deixei Ieda em casa, e agora acontece isso...

— Desça do carro — tornou ele, imperioso. — Acompanho-a até a pensão. Só faltam seis quarteirões e vamos andando a pé. Com o luar é até agradável. Preciso explicar-lhe uma porção de coisas. Você verá que não tenho culpa alguma em relação a você. Desça do carro... Vamos... Logo...

Como não admitindo recusas, Alberto abriu a carteira e estendeu uma nota ao chofer.

— Tire a despesa — disse ele.

Verônica desceu do carro, um tanto contrafeita, e se pôs a andar ao lado do rapaz. A magia daquela noite influíra nela, certamente, tornando-a mais compreensiva e terna.

— Não se incomode por minha causa, disse a moça. Gosto de curtir a noite sozinha.

— Você queria então que eu a deixasse ficar na rua, de madrugada, no carro de um cara que pode perfeitamente ser um tarado? Que imprudência, menina!...

— E que imaginação, rapaz! — tornou ela, num tom mais cordial.

Alberto sentia-se de tal modo emocionado que não sabia como iniciar a conversa. Precisava aproveitar a oportunidade para contar a Verônica que desde a morte de Hugo trabalhava com o Inspetor Pimentel, ajudando-o nas investigações. Necessitava, sobretudo, explicar-lhe o mal-entendido havido com Rachel Saturnino. Mas onde estava a sua coragem?

— Verônica... — disse Alberto tomando uma das mãos da moça.

— Alberto... disse ela, reticente.

Andaram em silêncio muito tempo, bem juntos, cada qual mais enlevado.

Ambos voavam longe... longe da terra...

Alberto lembrou-se de um quadro de Marc Chagall — "Os namorados" — em que um jovem passeia com a amada. Para transmitir a sensação de deslumbramento que o apaixonado experimentava, o pintor usou de um truque: desenhou a moça de cabeça para baixo, solta no espaço como que flutuando no ar, sempre de mãos dadas com o rapaz. Era bem aquela a sensação que ele sentia...

A solidão tornara-se completa, e os passos deles repercutiam, cadenciados, no silêncio da noite.

A rua fazia uma curva fechada em certo trecho, mais ou menos um ou dois quarteirões antes da pensão de Cora.

Súbito, Alberto foi violentamente arrancado de seu devaneio. Uma sombra enorme, estranha e assustadora começava a se desenhar na volta da rua... Uma sombra que foi crescendo, crescendo, até se tornar imensa!... Tinha forma humana, mas a cabeça era de bicho! A grotesca silhueta, realçada pela luz da lua, surgia nítida, revelando dois chifres plantados na testa!

— O que é aquilo? — perguntou Verônica, aterrada.

— Nada, meu amor — disse Alberto, apertando-a ainda mais junto de si, e parando de andar.

— Fiquemos bem quietinhos — continuou ele, disfarçando a emoção.

Dois segundos depois ouviu-se um tiro, que repercutiu surdamente no silêncio da noite.

Capítulo XIX

AS LUVAS VERMELHAS

O que foi? Que é isso? — indagavam alguns moradores da rua, surgindo à janela, assustados, com o barulho **do tiro.**

— Por favor, escondam essa criatura — gritou Alberto, empurrando Verônica para dentro da casa mais próxima — Atirei num assassino e vou persegui-lo.

— Não vá, Alberto, não vá! — repetia a moça, desesperada, em voz alta, querendo agarrá-lo.

O estudante desvencilhou-se dos braços que tentavam segurá-lo e saiu correndo.

— Depois explicarei tudo — gritou ele virando-se para trás.

O moço chegou quase sem fôlego à casa de Mrs. O'Shea. Foi logo apertando a campainha e batendo palmas, numa ansiedade incontida. Era urgente saber o que os hóspedes de Cora faziam naquele instante... O cozinheiro em pessoa veio abrir a porta, mais misterioso e grave do que nunca. Alberto notou que ele estava vestido como se fosse sair naquele momento ou como... se acabasse de chegar...

— De onde veio? — perguntou o estudante intempestivamente.

— Não posso compreender até que ponto lhe interessa a minha vida — tornou o homem, irritado.

— Repito a pergunta: de onde veio?

— Se faz muita questão de saber, digo-lhe que estou saindo agora. Não é de sua conta onde vou... Que tem o senhor com isso?

Alberto não respondeu. Ouvindo um leve ruído de trinco, olhou para aquela direção.

— De quem é aquele quarto?

— De Mr. Gedeon.

O estudante foi até lá e bateu na porta.

— "Who is there?"(*) — perguntou o americano, com voz nasalada.

(*) Quem está aí?

— Abra, por favor.

Phillip surgiu ligeiramente agitado, vestindo camisa de linho branca e calças de "tweed" presas por um suspensório de matéria-plástica.

O paletó estava jogado em cima da cama.

— Que quer comigo? — indagou ele, contrafeito.
— Apenas saber o que está fazendo a essa hora da noite.
— "None of your business... "(**)
(**) Não é de sua conta.

— Insisto...
— E se eu não lhe disser?
— Terá que se entender com a Polícia.
Ao ouvir falar em "Polícia", Phillip Gedeon mudou de atitude.
— Jantei no hotel com uns amigos — disse ele, finalmente. — Mas, a propósito de que essa pergunta?
— Nada. Muito obrigado. Boa noite — tornou Alberto, depois de lançar um olhar perscrutador pelo quarto, na esperança de encontrar uma certa coisa que lhe passou pela cabeça.
— Onde dorme Mr. Graz?
— Ali à direita.
Alberto repetiu a cena anterior, batendo na porta.
Segundos depois surgiu o suíço, metido num engraçado pijama de listras pretas e brancas que lhe dava um certo ar de zebra.
Estava com tanta cara de sono que Alberto sentiu vontade de rir.
— Onde está Cora? — foi a primeira coisa que ele perguntou.
— O velhote ainda está sonhando... — disse Alberto para o cozinheiro, que o acompanhava, com os olhos esbugalhados de espanto. Espanto ou... medo?
— Desculpe incomodá-lo, Mr. Graz — começou Alberto. — Sou forçado a perguntar-lhe o que fazia neste momento.
O suíço olhou-o com surpresa e respondeu bocejando:
— O que eu fazia? Creio que estava dormindo... Mas... não compreendo...
— Depois saberá — tornou o estudante, dando uma rápida olhadela no interior do quarto.
— Perdoe a amolação e... muito obrigado, Mr. Graz.
— Posso dormir, não é? — disse ele fechando a porta. Nisso surgiu Cora, com ar assustado, enfiada num "peignoir" de "tweed" verde com pintas brancas.
— "What means that?"(*) — perguntou ela. — Acordei com o barulho de vozes, e vim ver o que era.
(*) Que significa isso?

Alberto chamou-a a um canto e explicou-lhe o que sucedera, pedindo

desculpas por não a ter chamado logo. Era urgente tentar apanhar o... "inseto" com a boca na botija, como se diz. Sim, pois ele, Alberto, não tinha dúvidas. Aquela sombra era "dele", do misterioso e diabólico ser, cuja inteligência e arrojo serviam a um cérebro enfermo. O "inseto", vigiando todos os seus passos, sabia que ele estava freqüentando as conferências do curso de cardiologia e que voltava só. Com certeza pretendia atacá-lo, perto da casa, surgindo em sua frente com o mesmo aterrorizador disfarce com que aparecera a Rachel. Ou isso ou então... tratava-se de um fantasma legítimo, pura e simplesmente... Que pena o tiro não ter acertado nele...

Alberto pediu a Mrs. O'Shea que chamasse Elza, enquanto ele telefonava à Polícia.

A copeira veio no mesmo instante, virando o rosto, como se não quisesse encarar ninguém de frente.

Estava vestida como se fosse sair, e... quando lhe perguntaram a razão disso, ficou vermelha e respondeu:

— Fui tomar uma cerveja com... o cozinheiro no botequim.

— A que horas?

— Às vinte e três horas e meia mais ou menos.

— Quando voltaram?

— Há uns dez ou quinze minutos.

— Leve-me ao quarto dela — disse Alberto. Não havia nada.

— Voltem todos para seus cômodos até a Polícia chegar. Algum tempo depois, entrou o Inspetor Pimentel.

— Temos vinte homens cercando o quarteirão — disse ele, com ar preocupado.

— Ninguém poderá escapulir. Soou a campainha do telefone.

Era Verônica — aflita — pedindo notícias e dizendo que iria logo para a pensão acompanhada dos donos da casa onde se achava.

Alberto receou por ela e insistiu para que dormisse lá. A moça acabou concordando quando ele prometeu que iria procurá-la no dia seguinte, depois da aula de música.

Ficou decidido que cuidadosa busca iria ser feita no quarto de cada um dos suspeitos. No momento, deixariam as coisas como estavam.

— Esperem até sábado — disse Cora. — Geralmente todos saem à tarde, e será muito mais fácil. Tenho uma chave de todos os cômodos.

O Inspetor comunicou-se com os "tiras" por telefone e nenhum dos relatórios foi esclarecedor.

Mr. Graz saíra depois do jantar como de costume, e recolhera-se às dez e pouco. O homem que vigiava os passos do cozinheiro e sua criada ficara de plantão na esquina até às vinte e três horas. Como não havia nada de

anormal, dera por terminada a sua obrigação naquele dia. O que vigiava Mr. Gedeon confirmou a história do jantar no hotel. Não poderia dizer, entretanto, a hora em que ele voltara, porque fora obrigado a se recolher mais cedo, devido ao fato de se achar ligeiramente gripado.

— Todos têm e não têm álibi — disse o Inspetor, desanimado.

— Bem, vamos embora — continuou ele. — Nada mais temos a fazer aqui. Perdoe o incômodo que lhe demos, Dona Cora. Metemo-nos nessa embrulhada, e agora temos de ir até o fim.

— Podem contar comigo — disse a irlandesa.

— Boa noite.

Já era quase madrugada quando o estudante e o Inspetor saíram da pensão de Mrs. O'Shea.

— Tenha paciência, Alberto, mas de amanhã em diante você continuará a ser acompanhado por um de meus homens — disse o policial.

— Estou me sentindo horrivelmente mal — gemeu o moço. — Dor de garganta, dor de cabeça, arrepio de frio... até breve, meu caro.

Alberto acordou gripadíssimo aquela manhã. Tinha febre tão alta que não conseguiu sair da cama. Pensou logo em telefonar para Verônica avisando que não poderia encontrá-la, mas, para cúmulo do azar, estava completamente rouco. Apenas pôde mandar um recado pela criada dizendo que estava doente.

No dia seguinte, continuou na mesma. Eis que, lendo o jornal da noite, encontrou, logo na primeira página, essa notícia inacreditável.

"NOVA PISTA — A POLICIA RECEBE UMA CARTA ANÔNIMA NA QUAL É REVELADA A IDENTIDADE DO INSETO". TRATA-SE DE UMA JOVEM, ALUNA DO CONSERVATÓRIO DE MUSICA. A MOÇA, QUE TEM AR INGÊNUO, MORA NA PENSÃO ONDE MORREU UMA DAS VITIMAS E TRABALHA EM COLABORAÇÃO COM OUTRA PESSOA. HÁ QUEM ACREDITE, ENTRETANTO, TRATAR-SE DE UM FANTASMA..."

Alberto deu um murro na cama e não pôde dizer nada, pois a rouquidão ainda era completa.

Sua irritação chegou a tal ponto que não suportou ficar no leito: levantou-se e começou a andar no quarto, de um lado para outro.

Uma hora depois chegava Pimentel.

— Que encrenca, hem, meu velho?

Alberto lançou-lhe um olhar aflito, e fez sinal de que precisava de papel e lápis.

— Verônica é inocente, escreveu ele.

— Também sou dessa opinião, apesar de Silva afirmar o contrário. É

óbvio que a mesma pessoa que pôs os insetos debaixo do colchão de Verônica escreveu a carta acusando-a.

— Só pode ser alguém que tem raiva dela. Quem seria? — escreveu o estudante.

— Quanto mais penso nisso, mais confuso me sinto. O que me preocupa é o "motivo". Não posso compreender absolutamente qual seja ele. Não tenho a menor dúvida de que só um cérebro anormal poderia ter concebido crimes rodeados de circunstâncias tão insólitas. Como já disse, a prática ensinou--me, entretanto, que, mesmo dentro da loucura, há uma certa lógica. Os fatos vêm provando isso. Mas qual o "ponto de partida" que fez desencadear a série de assassínios?

— O pior é que todos os suspeitos são criaturas aparentemente normais — escreveu Alberto.

— "Um dia a casa cai" — tornou o Inspetor. — Você conhece esse ditado?

O estudante fez um sinal afirmativo.

A campainha tocou e entraram Álvaro e Celso, dois colegas de Alberto.

— Que sufoco é esse? — exclamou um deles.

— E não fala, ainda por cima? Que horror! — acrescentou o outro, rindo.

— Pneumonia dupla no mínimo — continuou o primeiro.

— Não sabe o que está perdendo! — disse Celso. — O filme do "Roxy" é um colosso. E tem uma garota a-lu-ci-nan-te!

— Vou indo — disse o Inspetor, interrompendo a conversa e levantando-se. — Amanhã é sábado. Você não pode sair de casa. Irei só, à pensão de Cora.

E partiu, deixando os alegres e barulhentos rapazes em companhia de Alberto.

* * *

Na manhã seguinte, cedo, o jardineiro da casa do estudante encontrou um embrulho de tamanho regular na porta da rua. Lia-se o nome e endereço de Alberto, escrito a tinta em letra de forma. O homem entregou o pacote à copeira para que o fizesse chegar às mãos do patrão.

O rapaz abriu-o, com uma estranha e penosa sensação. Letras a tinta, com tipo de imprensa sempre o faziam lembrar algo de muito desagradável.

Ao ver o que estava dentro, Alberto não pôde conter uma exclamação: tratava-se de um par de luvas de pano vermelho--vivo e uma espécie de máscara, da mesma cor e no mesmo tecido. Dois chifres cheios de algodão partiam da testa, e havia buracos para os olhos apenas. Pregado com alfinete

se achava um pedaço de papel com essas palavras escritas na mesma letra de forma: "Para poupar seu trabalho, com os cumprimentos do... 'Inseto'".

Capítulo XX

APERTA-SE O CERCO

O pano foi examinado de todo jeito. O tecido das luvas e da máscara era de algodão vermelho, comum, e os dois chifres mostravam claramente que o seu... executor pretendia obter com eles uma caracterização de... diabo. O Inspetor Pimentel veio logo.

— Com isso, meu caro Alberto, disse ele, adquirimos nada menos do que uma certeza: O... "inseto" não é um fantasma, e sim uma criatura, homem ou mulher, de carne e osso que... mora na pensão de Cora O'Shea.

O estudante, que já conseguia falar alguma coisa, concordou:

— Realmente, o "bicho" vive mesmo em casa da irlandesa. E percebeu direitinho o que eu buscava, quando fui lá aquela noite, depois de ver a sombra "dele" na rua...

— Outra coisa, Alberto. Examinando bem esse... disfarce, quase posso jurar que o "inseto" é um homem. Repare como estão malfeitas essas costuras... Qualquer mulher executaria esse trabalho com mais capricho...

— É mesmo. Os pontos foram dados a mão, e de um modo bastante grosseiro, primário mesmo...

Voltando ao assunto, o Inspetor continuou:

— Fico imaginando como o "embrulho" teria vindo parar aqui... Ontem fez frio e, com certeza, o portador (o próprio "inseto", ou seu cúmplice) trouxe o pacote escondido dentro da pasta ou debaixo da capa, depositando-o na porta de sua casa.

Alberto ficou silencioso algum tempo, como que ausente...

— Pobre Verônica! suspirou ele. Parece incrível que eu ainda não lhe tenha podido explicar até hoje o papel que venho tomando no caso todo e o "mal-entendido" com Rachel Saturnino! E, por falar nessa moça, tem tido alguma notícia dela?

— Recebi uma carta de D. Lia dizendo que os banhos de mar estão fazendo muito bem à sobrinha. Já está quase em estado normal.

— Rachel que não ponha mais os pés aqui, disse Alberto. O "inseto" cairia sobre ela com dupla fúria...

— Precisamos proteger Padre Afonso, agora mais do que nunca.

— É mesmo. Que cara legal é aquele sujeito! comentou o estudante, entusiasmado.

— Estou com vontade de mandar mais dois "tiras" para vigiá-lo.

— Todos os crimes do "inseto" foram praticados à noite, não nos esqueçamos disso.

— Já dei ordem aos meus homens para se revezarem, de modo que uns trabalhem durante o dia, e outros depois das vinte e quatro horas.

— Que haveremos de fazer para proteger Verônica? Ela não pode ficar assim, sem ninguém para defendê-la! Imagine que falta de sorte a minha... Apareceu-me agora esse reumatismo e eu mal consigo virar na cama. Nem ao menos ao telefone posso chegar.

— Soube que ela passou o dia todo fechada no quarto, chorando.

— Vou lhe mandar uma cartinha: Você entrega?

— Claro.

— Alberto abriu a gaveta do criado-mudo, tirou o papel, caneta-tinteiro e escreveu:

"Minha querida. Estou aí junto de você. Não vou, pessoalmente, porque a gripe me trouxe um reumatismo que me impede de andar. O Inspetor explicar-lhe-á como me envolvi, diretamente, no caso todo e a razão pela qual tive de me encontrar com Rachel. Não fique triste... Adoro você, especialmente quando está sorrindo — Alberto."

Depois de escrever isso, o moço pegou a carteira, abriu-a, e se pôs a olhar, enternecido, o retrato que tirara de Verônica junto com Cora e Jean Graz. Pobre e querida meninazinha, de tão perturbadora feminilidade...

O Inspetor guardou a carta no bolso e saiu. Ao meio-dia telefonou para Alberto, a quem a empregada transmitiu o seguinte recado:

— O irmão de Verônica, chamado por telefone, viera, imediatamente, de avião, contratara um advogado e achando que a vida da moça corria risco, acabava de mandá-la por via-aérea, para sua casa, na cidade onde vivia.

* * *

Padre Afonso. entrou numa loja segurando uma criança pela mão. Um menino sem pai nem mãe, para quem iria comprar um agasalho. E não reparou em dois olhos maus, que o seguiam disfarçadamente, examinando com mórbida curiosidade a sua bela cabeleira vermelha...

***

Quando o Inspetor Pimentel e o Subinspetor Silva entraram na casa de artigos ortopédicos, Mr. Gedeon se achava de pé, lendo um pequeno livro,

junto de uma perna mecânica. Ao vê-los, Phillip, crendo-se despercebido, enfiou depressa o volume dentro do aparelho.

— Finja que não viu... disse o Inspetor em voz baixa ao companheiro... e veja se obtém a coisa enquanto converso com ele.

Os dois se puseram a examinar um braço artificial, e depois um deles disse, fingindo surpresa:

— O senhor está aí, Mr. Gedeon?

Phillip dirigiu-se a eles, com uma cortesia forçada.

— Às suas ordens, senhores.

O Inspetor tomou-o pelo braço e levou-o até a porta, arranjando as coisas de modo que o americano ficasse de costas para a loja.

— Meu caro Mr. Gedeon, começou ele, gostaria de saber sua opinião sobre o... "inseto".

Phillip assustou-se, mas disfarçou o choque.

— Por que pergunta isso? Acha que sou eu? O policial ficou calado.

— Posso tomar o melhor advogado da cidade para defender-me, continuou ele. Francamente, isso já chega a ser demais! ...

— Que acha de Verônica? Perguntou o Inspetor sem dar importância à ameaça.

— Não creio que ela seja o... "inseto"... tornou Mr. Gedeon. Em todo o caso, não deixa de ser esquisito o fato de encontrarem besouros debaixo de seu colchão.

Pimentel sentiu nojo daquele homem que não sabia defender a mulher que dizia amar.

O policial fez-lhe algumas perguntas hábeis, mas o americano era esperto, e respondia a todas de modo evasivo.

— Bem, Mr. Gedeon, queria apenas trocar algumas idéias com o senhor. Vamos indo.

— Passe bem.

Mal viraram a esquina. Silva tirou do bolso uma pequena brochura de capa cor de tijolo com uma moldura branca, na qual havia quatro besouros negros, desenhados a aquarela.

— Veja o que o sujeitinho estava lendo: "Nouvel Atlas D'Entomologie Coleoptères de France n.° 9 — Fascicule I — Éditions N. Boubée & Cia. — Paris —"

— Sabe de uma coisa? disse o Inspetor de repente. Vamos voltar lá imediatamente.

* * *

— Que significa isso, Mr. Gedeon? perguntou o policial à queima-roupa,

estendendo-lhe a brochura avermelhada.

O americano ficou lívido como cal. Seus lábios estremeceram, e ele disse com voz abafada:

— Acha algum crime alguém ler um livro de entomologia?

— Não se faça de ingênuo...

— Tudo o que aconteceu fez despertar meu interesse pelos besouros, apenas isso... continuou Phillip. Não compreende uma coisa dessas?

— Compreendo, tornou o Inspetor. Mas precisamos saber até onde vai esse interesse...

Mr. Gedeon não gostou da ironia e retrucou:

— Tome cuidado, Senhor Inspetor, senão acabo processando-o por calúnia. E fique sabendo que comprei a coleção toda do "Nouvel Atlas D'Entomologie".

— Boa idéia.

Phillip quis tomar-lhe a brochura que estava na mão, mas o policial não deixou.

— Isso fica comigo, meu velho. Por hoje, é só. Good bye. Mr. Gedeon soltou em inglês uma palavra desconhecida, mas visivelmente insultuosa, e deu-lhe as costas.

— Que pensa disso tudo? perguntou o Subinspetor, quando saíam da casa de artigos ortopédicos.

— Muita coisa e... nada. De qualquer modo, vou pedir à Polícia dos Estados Unidos algumas informações sobre a vida de Phillip Gedeon em Cleveland, antes de vir para cá.

***

Ao entrar em sua sala na Polícia, o Inspetor encontrou um recado na mesa:

"Telefonar urgente para Mrs. Cora O'Shea".

A ligação foi feita imediatamente.

— O que houve? perguntou ele inquieto.

— "Something queer..."(*) respondeu a voz da irlandesa do outro lado do fio. Encontrei Mr. Graz e o cozinheiro brincando com um enorme besouro negro! (*) Alguma coisa estranha...

— Eles perceberam que estavam sendo vistos?

— "Yes". E ficaram desapontadíssimos. Largaram o inseto e saíram, cada qual para um lado.

— Alguma outra novidade, Mrs. O'Shea?

— Não. Mas que fazer? Não suporto mais a presença do cozinheiro.

Acho que vou dispensá-lo. Que fazer?

— Ficar quieta, por enquanto. Veja se agüenta o camarada ainda por algum tempo...

— "I'll try"(**), disse Cora, desligando o telefone.

(**) Vou tentar.

— Por que não prende todos eles de uma vez? perguntou o Subinspetor Silva.

— Meu amigo, é errado colher um fruto antes que ele esteja maduro. Esse que buscamos já está "de vez"... Um pouco mais de paciência.

— E a moça de covinhas no rosto? Acha que o fato de estar em companhia de Alberto quando ele viu a sombra do "inseto" a livra de qualquer suspeita?

— Sim e não. Sem ser o "inseto", propriamente, pode estar envolvida na história, como cúmplice...

— Não compreendo como tendo tantas provas positivas contra cada um dos hóspedes da pensão, você fica assim sem tomar uma atitude mais enérgica...

O Inspetor sorriu, e disse:

— Falta o principal: o "motivo", a razão psicológica que ditou essa confusão toda. E isso chegará a seu tempo. Freqüentemente as coisas se decidem por si mesmas, de maneira, digamos, automática, sem que as forcemos...

— Talvez... E Alberto como está?

— Levantou-se hoje pela primeira vez. Vou lá agora. Quer ir comigo?

— Vamos.

Capítulo XXI

O ULTIMO RUIVO

Passou-se um mês sem que nada de extraordinário ou de suspeito sucedesse.

Alberto recebeu uma carta de Verônica na qual, entre outras coisas, ela dizia: "estou muito magoada e não pretendo voltar tão cedo para aí. Assim pelo menos, caso haja algum outro crime, vocês não poderão me culpar".

O estudante teve ímpetos de ir procurá-la, de casar-se com ela quanto antes. Não era possível, no momento, fazer nenhuma dessas coisas, e ele

teve de se contentar em lhe escrever longas e apaixonadas cartas.

* * *

Padre Afonso, que adorava plantas, fizera uma excursão de cinco dias a certo pequeno mosteiro no alto de uma montanha vizinha da cidade. Ali morava um frade seu amigo, grande entendido em assuntos de botânica. Saíam os dois pela manhã bem cedo, andando pelos campos, atrás de folhas exóticas e trepadeiras selvagens.

Assuntos urgentes chamavam-no à paróquia, entretanto, e ele teve de voltar uma tarde, não sem pesar.

— Já vieram mais de vinte pessoas procurá-lo, disse o sacristão ao vê-lo chegar.

— Tomo um banho e vou logo para a capela.

— Não vai jantar?

— Não. Tomei chá com bolo muito tarde, e estou sem fome nenhuma.

— Pus a correspondência em cima da cômoda, anunciou o sacristão.

O Padre agradeceu e dirigiu-se para o quarto. Haviam chegado alguns jornais, uma carta de sua mãe, outra de um amigo que estava na Europa e... um pequeno pacote, com seu nome e endereço escritos a tinta, em letra de forma.

Ao abri-lo, Padre Afonso teve um choque: dentro de uma caixinha, achava-se um pequeno escaravelho trespassado por um comprido alfinete fincado numa rolha.

— O aviso! exclamou cie, compreendendo a significação daquilo tudo e examinando o besouro que tinha uma cor verde--escura, quase bronzeada...

Que mundo de sugestões naquele pequeno inseto, meu Deus! Seco, embalsamado, transmitindo, em sua muda linguagem, uma mensagem de morte... de uma determinada morte...

— Quando chegou o pacotinho? perguntou o Padre ao sa-cristão, que vinha entrando.

— Há dois dias.

O sacerdote ficou perturbado e saiu do quarto.

Era urgente avisar Alberto pelo telefone, conforme ficara combinado. O Padre buscou a caderneta onde escrevera o número da casa dele e tentou fazer a ligação. Estava tão agitado, que discou errado. Da segunda vez, acertou, mas não conseguiu nada. O aparelho continuava, mudo, como que isolado... Insistiu novamente, sem resultado... Cheio de horror, então, Padre Afonso.percebeu que o telefone estava estragado! E não havia outro aparelho na vizinhança, o seu era o único do bairro...

— Foi a tempestade de ontem! explicou o sacristão. Pálido e

emocionado, o sacerdote pôs o rapaz ciente da situação.

Para cúmulo da falta de sorte, antes de viajar, ele dispensara os "tiras" que o acompanhavam, tencionando avisá-los por telefone, logo que voltasse. E o aparelho não funcionava!...

O sacristão era esperto e eficiente, procurou logo um meio de livrar-se do aperto.

— Eu bem achava que o senhor devia ter saído da cidade há muito tempo! Disse-lhe isso logo que vi aquela história das cabeleiras vermelhas no jornal!

— Seja o que Deus quiser, tornou o Padre.

— Vou já até a pracinha a ver se encontro um automóvel que me leve ao primeiro telefone, disse o sacristão. Se for de bonde, perco muito tempo. Depois chegarei até a Polícia e trarei um batalhão inteiro, vai ver.

— Ficarei em casa, com meu revólver no bolso, disse o Padre já quase calmo. Está muito escuro lá fora, e ficarei mais protegido aqui mesmo.

— Pedirei ao dono da venda que venha lhe fazer companhia até eu voltar.

— Não há necessidade, replicou o sacerdote.

O sacristão mudou rapidamente a roupa e partiu. Padre Afonso entrou para o quarto, disposto a pôr os seus papéis em ordem, como um homem que sabe que vai morrer...

***

Uma hora depois, na Polícia:

— Arre, que enfim encontro os dois! exclamou o sacristão, aliviado, entrando na sala do Inspetor.

— O que foi? Que aconteceu? perguntou este.

— O besouro!

— O besouro! repetiu Alberto, que ali também se achava.

— Telefonei para sua casa e não o encontrei, disse o sacristão, agitado.

— Não há tempo a perder. Vamos imediatamente para lá, decidiu o Inspetor, depois de ouvir o que o moço dizia.

Em cinco minutos reuniu dez homens.

— Você vem conosco no carro, disse Alberto ao sacristão.

A paróquia ficava distante mais ou menos vinte quilômetros, o que significava meia hora de trajeto, aproximadamente.

A noite estava escura, o céu pesado e embaçado.

Viajavam todos em silêncio, como que conscientes da gravidade do momento.

— Mais velocidade, chofer, recomendou o Inspetor.

— Estamos perto, anunciou o sacristão.

Uma inexplicável claridade apareceu de repente na distância.

— Que é aquilo?

— Parece incêndio.

— E é mesmo!

À medida que se aproximavam, o fogo foi se tornando mais visível, alastrando-se cada vez mais e atirando rolos de fumo pelo céu afora.

— É na capela! gritou o sacristão, desesperado.

— Na capela! Na capela! Depressa!

A gente toda do bairro vinha correndo munida de jarros e baldes de água, numa vã tentativa de vencer as chamas.

A igrejinha, toda construída de madeira, ardia, rapidamente, e o fogo crepitava com fúria.

— Caiu a viga! exclamou uma criança apontando para um grande pedaço de madeira incandescente que desabava.

O carro chegou afinal.

— O Padre Afonso ficou lá dentro! gritou alguém, vendo o sacristão descer do carro.

O dono da venda, enrolado num cobertor, tentava atravessar o fogo, a ver se conseguia salvar a vítima.

O homem queimou-se todo e foi impossível continuar.

— Já mandaram chamar o corpo de bombeiros! disse um menino descalço.

E aquela gente toda, nada mais pôde fazer do que ficar estática,

presenciando o terrível espetáculo. As chamas punham um reflexo vermelho nos rostos graves.

Excitado, o homem da venda explicava ao Inspetor:

— O sacristão pediu-me que fizesse companhia ao Padre e fui para lá. Alguns minutos depois, ele me disse que não era de seu feitio ficar em casa, sabendo que várias pessoas o estavam esperando na capela para se confessarem. Aconselhei-o a mandar chamá-las a fim de dar-lhes confissão em sua própria casa, mas ele não quis, dizendo que necessitava ir à capela de qualquer jeito. Cerca de meia hora, ou quarenta minutos depois, acontece isso... Com certeza, alguma vela caiu no chão... e... pronto!

Quando o corpo de bombeiros chegou, pouca coisa pôde fazer. O fogo já havia destruído tudo. Logo em seguida veio o carro do Hospital do Pronto-Socorro com um médico e dois enfermeiros.

As borrachas de água foram instaladas e o resto das chamas extinto.

Os enfermeiros carregaram a maça e avançaram pelos destroços, procurando o cadáver do Padre.

O silêncio era mortal, ninguém dizia uma palavra.

— Encontramos dois corpos! gritou um dos enfermeiros.

— Dois corpos? repetiram quase todos.

— Achavam-se perto um do outro, disse o enfermeiro.

— Com certeza o segundo corpo é o da pessoa que se achava confessando...

Difícil enxergar, apenas com a claridade das brasas. Alberto e o Inspetor acenderam lanternas elétricas.

O primeiro vulto que veio na maça estava irreconhecível, deformado pela queimadura. O segundo era, certamente, o do Padre.

— Levem os despojos para a casa paroquial, mandou o Inspetor.

E depois, virando-se para Alberto:

— O "inseto" vai ficar desapontado, pois o fogo antecipou a sua tarefa.

Aproximou-se uma mulher do povo com uma criança no colo.

— Meu Deus! exclamou ela. Esse homem era um santo! Não faz uma hora que me confessei com ele.

Muita gente chorava e um grupo de mendigos conversava, repetindo que Padre Afonso era um pai.

Alberto aproximou-se de um dos corpos, emocionado, quando, repentinamente, teve sua atenção voltada para um alfinete de pérola, meio chamuscado pelo fogo. Reparando melhor nas feições do morto, teve uma grande surpresa:

— Jean Graz! exclamou ele em voz alta.

Mal acabara de pronunciar esse nome, ouviu uma algazarra na porta.

— Idiotas! gritava uma voz grossa de homem. Que droga! Não estão vendo que minha mãe mora aqui perto!... Larguem-me!

Entraram dois homens segurando o cozinheiro da pensão de Cora O'Shea, que se debatia nos braços deles.

— Encontramo-lo rondando as vizinhanças! disseram os agentes do Inspetor.

— Larguem-me! Larguem-me! repetia o homem. Pouco depois ficou verificado que a mãe do sujeito morava, realmente, por aqueles lados.

— Isso não quer dizer nada, comentava um dos "tiras"... O Inspetor concordou com Alberto: o segundo morto não era outro senão o suíço professor de línguas. Sabia-se que se confessava freqüentemente com Padre Afonso, o que explicava sua presença naquele lugar.

— Pobre homem! exclamou o Inspetor.

— Vou à cidade tomar algumas providências, anunciou Alberto, retirando-se e entrando no carro.

O "inseto" deveria andar por ali, atrás do Padre Afonso, com certeza, e o Inspetor decidiu mandar vigiar os caminhos, fazendo trazer à sua presença todos os que por lá passassem, fosse a pé ou de automóvel.

Os guardas apanharam um bêbedo, que curtia sua embriaguez dando vivas ao Brasil em voz alta: depois um grupo de crianças que ia para a aula, numa escola noturna, e finalmente, dois passageiros num fuscão que vinha vindo da cidade. Esses não eram outros senão... Verônica e Mr. Gedeon! Ao vê-los, o Inspetor foi assaltado por súbito pressentimento: seriam eles dois o terrível "inseto"? Que teriam vindo fazer ali, aquele dia e àquela hora da noite? O fato é que ambos disfarçaram bem a surpresa.

— Miss Verônica chegou inesperadamente, disse Phillip, e pediu-me que a levasse à Polícia a fim de conversar com o senhor. Fomos em meu carro, e lá disseram que deveria estar aqui. Como Miss Verônica volta amanhã mesmo para o interior, não quisemos perder tempo e viemos atrás de si.

O Inspetor achou mal contada aquela história, mas disse com falsa naturalidade:

— Estou à sua disposição. Antes de mais nada, já souberam da tragédia que tirou a vida do Vigário desta paróquia e a de Mr. Graz, amigo de vocês?

Verônica deu um pequeno grito e perguntou com voz trêmula:

— Mr. Graz? O que foi? Deus do céu!

— Soubemos apenas do incêndio, disse Phillip, calmamente.

O Inspetor contou-lhe em detalhe o que havia acontecido, omitindo, naturalmente, o caso do besouro que o sacerdote recebera.

— Coitado de Mr. Graz! exclamou Verônica, chorando baixinho. Falava sempre nesse Padre, insistindo para que eu procurasse conhecê-lo.

— Continuo às suas ordens, senhorita, disse o policial, provocando um esclarecimento.

Verônica desejava saber em que ponto se achavam as investigações sobre os crimes do "inseto". Seu irmão viera à cidade a negócio, apenas por algumas horas, e ela aproveitara a companhia dele.

— Nada de novo, tudo na mesma, afirmou o Inspetor, achando curioso o fato de nem ela nem Phillip se referirem aos cabelos vermelhos de Padre Afonso. Não o conheciam, ignoravam a circunstância, ou fingiam-se de inocentes? E era esquisita aquela coincidência de se reunirem ali todos os suspeitos da pensão: o cozinheiro, Mr. Graz, Phillip e Verônica...

— Só falta a copeira, pensou o policial.

— Onde está Alberto? perguntou Verônica. Disseram-me que ele tinha vindo para aqui...

— Já saiu, tornou o Inspetor, sem explicar que o estudante breve estaria de volta. Sabia que se os dois se encontrassem, a situação ainda se tornaria mais grave, pois Alberto não teria olhos senão para ela... e cabeça para mais nada...

A moça ficou pensativa, e pediu:

— Por favor diga a ele que me telefone amanhã antes das sete. Volto de automóvel com meu irmão a essa hora. Preciso dormir cedo, e peço licença.

Phillip e Verônica saíram sem perceber que dois homens seguiam atrás deles, encarregados de lhes vigiarem os passos.

O Inspetor pediu ao sacristão o besouro que Padre Afonso havia recebido e guardou-o no bolso.

Capítulo XXII

O BEMBIDION USTULATUM

Alberto telefonou cedo para Verônica, mas ela já havia partido. O enterro de Padre Afonso, realizado à tarde, foi concorridíssimo. Cora quis levar o corpo de Mr. Graz para a pensão, mas Alberto e o Inspetor pediram-lhe que não fizesse isso. Os dois haviam sido muito amigos em vida, que o fossem na morte também. Ambos os féretros saíram da Paróquia, com grande acompanhamento.

No dia seguinte, pouco depois de oito horas, o Inspetor mandou um recado para o estudante pedindo-lhe que fosse à Polícia.

— Meu caro Alberto — começou ele, tirando o besouro do bolso. — Vamos ver se descobrimos a espécie de morte que o "inseto" reservava para o padre.

E os dois homens se puseram a examinar o pequeno escaravelho marrom de reflexos esverdeados.

O Inspetor buscou na estante uma série de livros sobre coleópteros e começou a procurar alguma indicação sobre o escaravelho, auxiliado por Alberto. Não encontraram nada.

Já era quase meio-dia quando os dois, já cansados, pensaram em desistir da busca... naquele dia, pelo menos. A curiosidade era grande, entretanto, e eles se lembraram de consultar um entomólogo-amador que havia na cidade e que possuía biblioteca especializada.

O homem — um senhor calvo e de óculos — recebeu-os com amabilidade, prontificando-se a auxiliá-los.

Examinou o besouro e disse:

— Família Trechidae... deixe-me ver agora o nome dele. Parece-me ser um Bembidion... Vejamos. Buscou uma coleção completa de brochuras coloridas o "Nouvel Atlas D'Entomologie" — Coleoptères de France. No Fascículo I do *nº* 9 — encontrou afinal o que buscava.

— Bembidion ustulatum! — exclamou ele, vitorioso — Ei-lo...

E mostrou na "Planche II" figura 32, uma reprodução exata do besouro.

— Ustulatum não quer dizer... queimado? — perguntou o Inspetor, ligeiramente inquieto.

— Isso mesmo — tornou o entomólogo.

Alberto e seu amigo trocaram um olhar significativo, em silêncio.

— Obrigado — disse o policial despedindo-se — O senhor nos prestou um grande serviço.

— Sempre às suas ordens.

Já eram três horas da tarde, e eles ainda não haviam almoçado.

***

Munido de sua bengala de cabo de marfim, o Inspetor, acompanhado de Alberto, examinava as vizinhanças e os escombros da capelinha de madeira. Cutucava daqui e dali, observando sempre todos os resíduos que encontrava.

— Não sei como nos passou despercebida uma certa coisa — disse ele —: o fogo foi demasiado violento, tão violento que não deu tempo nem do Padre nem de Mr. Graz correrem para fora, o que, num incêndio normal, seria perfeitamente possível.

— O fato da capela ser toda de madeira não explica, em parte, o rápido alastramento das chamas?

— Não creio. Pensando bem, só um inflamável poderoso espalhado no lugar seria capaz de produzir uma coisa dessas proporções. Minha impressão é de que o "inseto", depois de se certificar da presença do padre no confessionário, atirou uma bomba na igreja.

— O "inseto" nos venceu mais uma vez, hem? — comentou Alberto.

O policial andava de um lado para outro, cutucando o chão com sua bengala de cabo de marfim. Súbito estacou, e abaixou-se para apanhar qualquer coisa que havia chamado sua atenção.

— Duralumínio! — exclamou ele, examinando o achado. — Minhas suspeitas se confirmaram. Eis aqui, meu caro, um pedacinho da espoleta de uma granada de mão!

— Não é possível... — dizia o estudante, horrorizado.

— Alberto, veja! — gritou o Inspetor mostrando-lhe outra coisa que acabava de encontrar no chão.

O estudante olhou sem compreender para o que lhe pareceu nada mais que um pedacinho insignificante de arame.

— O grampo que solta o percussor! — disse o policial, excitado.

Um pouco mais adiante, foi achado um pedaço de garrafa com vestígios de gasolina gelatinosa.

— Deus do céu... Restos de bomba Nepal! — exclamou o Inspetor, no auge do espanto.

— Pouco entendo disso... — confessou Alberto.

— Cuidado — tornou o policial — Não vá tropeçar... Sobretudo, nada de cigarros. Ainda há perigo por aqui...

Alguns minutos depois os dois amigos se dirigiram para a casa paroquial onde ficara morando o sacristão, até que chegasse o substituto do Padre Afonso.

***

— Meu amigo, disse o Inspetor, talvez você ignore que essa gasolina gelatinosa é um terrível inflamável inventado na guerra passada, sendo o combustível dos modernos lança-chamas. Infelizmente conheço bem esse assunto, pois servi como soldado na última guerra. Não posso imaginar, entretanto, como é que o "inseto" conseguiu essa granada cujos vestígios acabamos de encontrar. Chego a supor que "ele" a tenha adquirido através de algum antigo combatente.

— Talvez tenha sido soldado ele mesmo, quem sabe?

— O que mais me surpreende é a paciência e precisão com que o "inseto" planejou os crimes, não se descuidando dos menores detalhes.

— Vê-se que ficou estudando o "assunto" muito tempo... tornou Alberto

com ironia. Afinal de contas, que acha disso tudo? Ainda crê na culpabilidade de Verônica?

— O mais irritante é que todos os possíveis suspeitos se achavam nas vizinhanças da capela no momento do incêndio, disse o Inspetor, sem responder, propriamente, à embaraçosa pergunta de Alberto.

— Todos, menos Elza, a copeira de Cora, e Mr. Graz, que foi automaticamente eliminado da lista, continuou o Inspetor.

— Que vamos fazer agora? disse o estudante. Lembre-se de que não há mais ruivos na cidade. Com Padre Afonso, foi-se o último deles. Acha que o "inseto" continuará a praticar as suas loucuras?

— Quase posso afirmar que não. A menos que surjam turistas de cabelos vermelhos na cidade...

Alberto ficou silencioso, pensando.

Súbito, os olhos se lhe iluminaram como se tivesse tido uma revelação.

— E eu que não havia desconfiado disso! exclamou ele.

— O quê?

— O volume que Mr. Gedeon estava lendo, quando vocês foram na loja dele, é igual ao do entomologista, onde vimos o "Bembidion ustulatum"!

— Tem certeza?

— Quase...

Vamos verificar isso já. O Inspetor embrulhou os restos da granada num pedaço de jornal e saiu com Alberto. Meia hora depois entraram em sua sala.

O policial tirou a brochura da gaveta e obteve confirmação do que Alberto dissera. O volume era o mesmo: Fascículo I, n.° 9, do "Coleoptères de France".

— Mandarei uma intimação a Phillip para que venha à Polícia, hoje à noite, decidiu o Inspetor.

— Por que não agora?

— Quero conversar primeiro com a gente do bairro que esteve com o Padre pouco antes do incêndio.

— E os que vieram de longe para se confessar com ele? Não se pode adivinhar quem seja...

— Isso fica para depois...

Às seis horas da tarde os dois amigos chegaram à casa paroquial. O sacristão repetiu mais uma vez a conversa que tivera com o Padre, desde o momento em que este voltara da excursão.

— Nunca vi homem tão corajoso, comentou Alberto.

— Sabe quais as pessoas que estiveram com ele na igreja aquela noite? perguntou o Inspetor ao sacristão.

— Todas as tardes vinha bastante gente de fora. Conheço-os de vista,

mas não lhes sei os nomes. Vou chamar uma moça que mora aqui perto. Essa eu tenho certeza.

Dez minutos depois, entrou uma jovem de cabelos louros, simplesmente trajada. Chamava-se Carmela e era filha de italianos.

— Notou alguma coisa de extraordinário, quando se confessou com o Padre, senhorita?

— Não.

O Inspetor tirou do bolso algumas fotografias e mostrou-as à moça.

— Conhece essas pessoas, ou viu se alguma delas entrou na capela antes de ontem à noite? perguntou ele.

Carmela examinou uma por uma as fotografias e apontou para a de Mr. Graz:

— Vi esse homem aqui várias vezes... Confessava-se sempre com Padre Afonso.

Em seguida mostrou o retrato do cozinheiro:

— Esse também já andou por aqui. Vi-o antes de ontem, à noite, perto da igreja.

Cora já havia informado a Alberto que o cozinheiro estava de folga aquele dia.

Quanto a Verônica e Mr. Gedeon, a irlandesa nada pôde informar, pois costumava jantar com uma amiga nos dias de folga do cozinheiro. Só fora saber que Verônica havia chegado tarde da noite, depois do... crime consumado.

Carmela falava pouco, e quase nada mais disse, retirando-se logo.

— Tudo está contra nós, suspirou o Inspetor, tristemente. É bem provável que o "inseto", protegido pela escuridão, tenha se aproximado da igreja, atirado a granada e... escapulido...

— Que vai fazer?

— No momento, deter Mr. Gedeon e o cozinheiro. As informações que pedi sobre Phillip à Polícia norte-americana não devem tardar.

— E Verônica?

— Conforme o rumo que as coisa tomarem, terei de mandar buscá-la onde está.

Duas pessoas ainda prestaram depoimento, ambos sem grande interesse.

Havia luar quando ambos, o Inspetor e o estudante, voltaram para a cidade.

* * *

No dia seguinte, cedo, o correio trouxe uma carta com o nome e o endereço de Alberto, desenhados a tinta, em letra de forma.

Adivinhando logo quem a escrevera, o estudante abriu-a com sofreguidão:

"Cumpriu-se o plano previamente traçado. Fez-se justiça, afinal. Hugo foi o primeiro, e Padre Afonso, o último: Jamais suspeitarão quem foi... O Inseto".

Capítulo XXIII

"INTERMEZZO"

Cinco anos se passaram. Por mais incrível que pareça, o caso das cabeleiras vermelhas continuou no mesmo ponto em que o deixamos, quando Alberto recebeu a derradeira "manifestação" do "inseto". Todas as pesquisas e investigações resultaram inúteis. Nada de positivo foi provado contra os hóspedes da pensão de Cora O'Shea, se bem que prevalecessem as suspeitas contra cada um deles.

O que aconteceu foi que Mr. Gedeon, Verônica, Elza e o cozinheiro, apesar de convenientemente defendidos pelos respectivos advogados, continuaram a ser olhados com desconfiança por todo mundo.

E a história foi arquivada pela Polícia na pasta dos casos sem solução. Os crimes do "inseto" tornaram-se conhecidos em todo o país, e nunca mais uma pessoa de cabelos vermelhos arriscou-se a entrar em Vista Alegre.

Mr. Gedeon foi transferido dois anos depois para a capital de outro estado, e o irmão de Verônica não permitiu que a irmã saísse mais de sua companhia.

Alberto terminou o curso de Medicina, especializando-se em Cardiologia. Teve algumas namoradas, mas nenhuma delas o fez esquecer Verônica. Escrevera-lhe várias cartas, logo depois da morte de Padre Afonso, mas a moça as devolvera fechadas! Sentia-se magoada, acreditando que Alberto a julgava culpada. Meses depois, o irmão fora nomeado Juiz de Direito noutra cidade e mudara-se para lá. Orgulhosa, desejando criar uma barreira definitiva entre ela e Alberto, Verônica mandara-lhe um bilhete com uma lacônica notícia inventada: "Não me escreva mais. Acabo de ficar noiva"...

Quanto à Cora, mudou-se definitivamente para a Inglaterra, indo morar com Marmaduke, em Londres.

Capítulo XXIV

O "IGNICORNIUS DIABOLICUS"

Desde que terminara os estudos na Faculdade de Medicina, Alberto pensara fazer um curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos ou na Europa. A oportunidade chegara afinal, e ele partira para a França, indo trabalhar com o Doutor Jean Renaud, o mais famoso Cardiologista de Paris.

Cada dia gostava mais da profissão que escolhera. Isso fazia com que o trabalho se lhe tornasse leve, fascinante, quase um prazer.

E o moço ia de maravilha em maravilha, à medida que se aprofundava no conhecimento do simples e ao mesmo tempo complicado engenho do corpo humano. Como era tudo lógico, equilibrado, perfeito "inteligente"! A circulação do sangue, a defesa dos glóbulos contra a invasão dos micróbios, o mecanismo da digestão, as maravilhas da concepção e do globo ocular... E compreendia a sábia e profunda lição de solidariedade humana que existe, por exemplo, num órgão que trabalha duplamente, a fim de compensar as deficiências de algum "irmão", um outro órgão enfermo... A Medicina absorvia-o completamente, a verdade era essa...

Mesmo assim, ainda lhe sobrava tempo para namorar Nathalie, uma francesinha de olhos claros, que fazia o curso de Filosofia na Sorbonne. Alberto acabou descobrindo, afinal, que não gostava da moça. Ficaram amigos, apenas.

O Doutor Renaud havia convidado Alberto para um jantar em sua casa, oferecido ao Professor Kurt von Richter, um dos mais famosos psiquiatras da Europa.

O brasileiro e o médico alemão fizeram tão boa camaradagem que combinaram uma ceia para o dia seguinte, em certo restaurante chinês, num dos bairros de Paris.

Kurt von Richter era um homem ainda moço, bastante inteligente e culto. O brasileiro achou graça na familiaridade com que o seu colega germânico manejava os pauzinhos para comer arroz, enquanto ele, Alberto, não conseguia nem segurá-los direito.

A conversa derivou para outros lados até que começaram a falar sobre mulheres.

Kurt era viúvo, sem filhos, e desejava casar-se outra vez.

— Você pretende continuar solteiro? perguntou ele a Alberto.

— Talvez. Até hoje só encontrei uma criatura que poderia me fazer mudar de idéia.

— Quem foi?
— Uma moça de minha terra.
— Bonita, simpática?
— Vou lhe mostrar um retrato dela.

Alberto tirou a carteira do bolso, abriu-a e mostrou a Kurt uma fotografia de Verônica, protegida por um celofane, na qual a moça estava ao lado de Mr. Graz.

— É um instantâneo ligeiro que mandei ampliar, explicou o brasileiro. Foi o retrato mais fiel que ela jamais teve.

Kurt examinou-o e não pôde conter uma exclamação.

— Mas esse que está ao lado dela é Rudolf Bartels! disse ele, em voz alta.

— Rudolf Bartels? Não. É Mr. Graz, suíço, professor de línguas...

— E pensávamos que ele tinha morrido... continuou Kurt, surpreso. Como terá ido parar no Brasil, meu Deus! É ele, não tenho a menor dúvida...

Alberto não se continha mais de curiosidade.

— Conheceu esse homem? Onde? Quando?

— Há cerca de dezesseis anos, quando eu era interno num sanatório para doentes mentais, em Genebra. Rudolf desapareceu de lá misteriosamente, e não houve meio de encontrá-lo em parte alguma. Conte-me, depressa, como chegou em sua terra, o que fazia lá etc.

— Prefiro antes ouvir a sua história, ou melhor, a história dele, por seu

intermédio. Não imagina o quanto me interessa... Por que razão foi internado no sanatório?

Kurt von Richter bebeu um pouco de "sakê" e começou:

— O caso de Rudolf Bartels sacudiu o mundo científico de toda a Europa. Nasceu ele em Munique, numa das famílias mais antigas do lugar. Desde cedo manifestara forte inclinação para a entomologia, à qual se dedicou inteiramente, especializando-se em coleópteros...

Ao ouvir isso, Alberto levou um choque. Começava a enxergar um raio de luz, no sombrio mistério da morte de Hugo. Sem perceber a ansiedade do amigo, von Richter continuou: — Bartels vivia fechado em seu laboratório, examinando, classificando e estudando a vida dos besouros. Chegou a ser considerado a maior autoridade da Europa. De vez em quando fazia excursões, acompanhado de um assistente chamado Hans Schultz, que o auxiliava nas pesquisas. Numa dessas viagens, descobriu, numa floresta da África, um exemplar estranhíssimo, jamais visto por olhos humanos: um besouro inteiramente vermelho, com dois chifres... e de um gênero ainda não descrito. Tratava-se de uma coisa verdadeiramente sensacional no mundo das Ciências Naturais. Bartels recolheu o precioso exemplar, batizando-o de "Ignicornius diabolicus", devido a seu aspecto demoníaco. Voltando a Munique, fez uma comunicação aos colegas do mundo todo sobre o notável achado e a "Deutschen Entomologischen Institut der Kaiser Wilhelm Geselschaft" convidou-o a fazer a apresentação oficial do "inseto" em seus salões. Entomologistas de vários países foram convidados, e a data foi marcada. Exultante, Bartels aguardava o momento de exibir a sua descoberta aos olhos curiosos dos colegas. A sessão solene foi prestigiada com a presença das maiores autoridades européias no assunto. Bartels contou, em comovidas palavras, as circunstâncias em que fizera a descoberta e anunciou que iria abrir, naquele momento, a caixinha onde se achava espetado o besouro vermelho. A assistência, que lotava completamente o salão, bateu palmas e ergueu-se, entusiasmada. Rudolf ergueu a tampa e... soltou um grito agudo. O "Ignicornius diabolicus" desaparecera! A confusão foi enorme. Bartels desmaiara e teve de ser carregado até um sofá que havia noutra sala. O escândalo não podia ser maior!

— O senhor assistiu à cena?

— Não. Meu pai, que é biologista, viu tudo e contou-me os detalhes.

— Que coisa terrível!...

— O pobre Bartels, ao voltar a si, começou a dar algumas mostras de perturbação mental. Desinteressou-se de tudo e todos, obcecado exclusivamente com uma coisa: descobrir quem escondera o "Ignicornius", expondo-o a tamanha humilhação.

— E quem foi?

— Hans Schultz o havia tirado da caixinha, pouco antes da sessão solene.

— Com que intenção?

— A fim de fazer Bartels cair no ridículo. Schultz era mesquinho, invejoso, perverso, e não suportava a vitória de Bartels, descobrindo o escaravelho vermelho.

— Como souberam que foi ele?

— Bem, essa já é outra história na qual muito bem se saiu a Polícia Alemã.

— E daí?

— Ao saber que fora seu assistente o responsável, o estado mental de Rudolf agravou-se: alucinado, avançou para Schultz num momento em que se viu a sós com ele e estrangulou-o. Depois disso, teve uma espécie de desmaio do qual saiu completamente alterado. Já não era mais o mesmo homem. Desconheceu os amigos e começou a pronunciar frases estranhas, dizendo-se professor de línguas. Os psiquiatras que o examinaram chegaram então à conclusão de que se tratava de um caso de amnésia.

— Acha que o choque nervoso seja responsável por esse fenômeno?

— Perfeitamente.

— Não seria uma reação... digamos, exagerada? Tudo por causa de um simples besouro...

— Ah! meu caro! Você não sabe o que significa, para uma criatura, o objeto no qual depositou o seu amor!... Um cão, uma coleção de selos, um jardim florido, um estudo de música, um ensaio de biologia... Nas suas pesquisas entomológicas, Bartels realizava aquela necessidade de afeição, talvez mais dada que recebida, sentida por todos nós. Rudolf vivia em função do mundo dos insetos, por assim dizer. E o besouro vermelho tornou-se a encarnação visível, palpável, de seus sonhos. Era solteiro, vivia só, e toda a sua afetividade fora derivada para a profissão. Alie-se ao golpe que sofreu, uma certa tendência neuropática hereditária e estará explicada a situação.

Alberto, ouvia, fascinado, as palavras de Kurt.

— Como era fisicamente esse Hans Schultz que escondeu o "Ignicornius" e que Rudolf Bartels... matou?

— Alto, de cabelos cor de fogo e rosto sardento... O brasileiro procurou dominar sua agitação. Percebendo qualquer coisa diferente na fisionomia do companheiro, von Richter perguntou se ele estava se sentindo mal.

— Já passou, disse Alberto, procurando reagir. Antes de lhe contar minha história preciso fazer-lhe uma pergunta. Em caso de amnésia como

esse, pode a vítima, tendo adquirido nova personalidade, guardar lembranças de sua vida anterior?

— Não lembranças propriamente, mas fobias relacionadas com fatos desagradáveis da outra fase, por exemplo. No caso de Bartels, deu-se o seguinte: o hospital contratara um novo enfermeiro de cabelos vermelhos. Ao vê-lo, Rudolf enfureceu-se de repente e avançou para ele, tentando estrangulá-lo.

— E o conseguiu?

— Não, por causa da interferência de terceiros. Depois disso, caiu numa prostração profunda e ficou pensativo como se estivesse arquitetando qualquer coisa. Conservara, entretanto, alguns vestígios concretos da primeira fase de sua vida: trazia sempre consigo um pequeno saco de veludo cheio de besouros. Um dia, ninguém sabe como, fugiu do sanatório. O modo pelo qual viajou para o Brasil é outro mistério. Aí está a história toda. Agora conte-me a sua.

Alberto repetiu o caso desde a morte de Hugo até o incêndio na capela de Padre Afonso.

Kurt von Richter ouvia-o, perplexo.

— O que me surpreende mais, disse ele, é a precisão e calma com que Bartels arquitetou, estudou e realizou todo o seu plano. Aquilo deve ter levado anos e anos, meu caro... O curioso é que fez isso tudo meio inconsciente, movido pela inexplicável psicose de que sofria.

— Coitado de Mr. Graz! exclamou Alberto.

Não sentiu ódio ou desprezo pelo suíço. Invadiu-o antes um dó profundo, a que não faltava um pouco de ternura. Pobre mente atormentada!...

— Bartels deixou algum parente em Munique? indagou Alberto.

— Apenas um tio e alguns primos. Creio que não direi nada a eles. Para quê? Continuarão pensando que Rudolf se acha desaparecido e... é só.

Os dois médicos conversaram até a madrugada e despediram-se com muitos protestos de amizade. Kurt von Richter prometeu visitar o amigo no Brasil brevemente, e partiu. Iria tomar o avião naquele dia mesmo, às nove horas da manhã, de volta à Alemanha.

Capítulo XXV

OS PASSOS DE RUDOLF BARTELS

Sozinho em seu quarto do hotel, Alberto se pôs a relembrar cenas, a

recompor situações.

Como num "quebra-cabeça", os acontecimentos foram-se encaixando, se armando até formarem uma paisagem completa.

Primeiro, Hugo. O quintal da pensão de Cora não dava para o de sua casa? Tendo quarto com saída independente, fácil seria a Mr. Graz aproveitar-se da escuridão, saltar o muro e realizar o seu intento. Quanto à espada espanhola, não lhe teria sido difícil escondê-la no fundo da mala ou atrás dos livros de sua biblioteca. O mesmo deveria ter-se dado com os besouros. Possivelmente levara anos, escolhendo, pelos nomes, os que poderia associar aos diferentes crimes. Talvez já os tivesse todos no saquinho de que Kurt von Richter lhe falara.

Depois, Clarence O'Shea. Com certeza Graz tinha o tóxico guardado à espera da primeira oportunidade para matar o filho de Cora. A ocasião veio, quando este foi obrigado a tomar cápsulas, por causa da gripe.

Em seguida, Maria Fernanda. É verdade que Bartels não poderia prever a vinda da cantora de cabelos vermelhos. Não teria ele, entretanto, conservado o "sagittarius" como reserva, para algum ruivo de "emergência"?... Alberto lembrou-se de que não lhe teria sido difícil fugir no meio da confusão que se formou com a morte espetacular da cantora. Além disso, Kurt lhe dissera, no meio da conversa, que, quando estudante, Rudolf havia sido campeão de esgrima na universidade. Isso explicava perfeitamente a suposta agilidade que c Inspetor sempre atribuíra ao "inseto", e que intrigava muito a ambos.

Rachel Saturnino. Alberto não compreendia bem a razão pela qual a moça não havia recebido o "inseto". Provavelmente algum contratempo, um extravio, por exemplo. Quanto à máscara e às luvas vermelhas, Bartels deveria tê-las executado ele mesmo, tranqüilamente, em seu quarto. A costura era grosseira, malfeita, o que revelava falta de jeito e de prática. O "inseto" queria assustar Rachel, surgindo-lhe com características do próprio "Ignicornius". Quanto às impressões digitais, Graz era suficientemente esperto, e sabia como evitá-las.

Depois, Padre Afonso. Alberto lembrou-se do livro que encontrara certa vez no quarto do... suíço: "Como fazer uma Boa Confissão". Bartels certamente fingira-se amigo do Padre para que pudesse freqüentá-lo, sem despertar suspeitas. O médico recordou-se também de ter ouvido o sacerdote dizer que Mr. Graz ajudara a construir a capela, não só dando-lhe algum dinheiro, como oferecendo-lhe uma planta da igrejinha, provavelmente insinuando que fosse feita de madeira, a fim de facilitar o seu plano.

Na noite fatal, pretextara uma confissão a fim de entrar na capela e aproximar-se do Padre Afonso, de modo natural. Provavelmente, ao atirar a granada, tencionava fugir em tempo, salvando-se das chamas. O fogo,

entretanto, alastrara-se de modo demasiadamente violento, e ele sucumbiu. Isso, ou então, o infeliz desejara pôr termo a seus dias de modo proposital, o que o bilhete recebido por Alberto, depois da morte de Padre Afonso, fazia supor. Sim, pois aquele aviso fora indubitavelmente posto no correio antes do crime.

Alberto se pôs a analisar a situação de cada um dos suspeitos. A primeira coisa que sentiu foi uma profunda ternura por Verônica. Pobre meninazinha, sofrera tanto! Como reparar as injustiças que haviam feito contra ela? Era demasiado tarde, agora. Verônica já deveria estar casada. De qualquer modo, logo que voltasse ao Brasil, iria descobrir onde ela estava, custasse o que custasse. Repararia o erro, iria aos jornais, limpando definitivamente o nome dela.

Teria Mr. Graz posto os insetos debaixo do colchão de Verônica, para comprometê-la? Talvez não. É bem provável que tivesse sido Elza, a copeira. com aquele fim, é claro.

E Mr. Gedeon, por exemplo, lendo o volume sobre coleópteros, justamente aquele que reproduzia um "Bembidion ustulatum"? O americano, aliás, como toda a população da cidade, começara a se preocupar com escaravelhos, depois que os jornais divulgaram os crimes do "inseto". Possivelmente adquirira aquela coleção por curiosidade. Ao ver o Inspetor chegar à loja, previu que iria ficar numa situação embaraçosa se o policial o encontrasse lendo aquele livro. Apavorado, escondeu-o dentro da perna mecânica, sem prever que esse fato iria comprometê-lo mais ainda. Quanto ao cozinheiro, apesar de ser um sujeito realmente perigoso, nada tinha a ver com as loucuras do "inseto".

Lembrando-se do "galo-da-serra", Alberto compreendeu logo o que havia sucedido: a plumagem viva e a cor de fogo do maravilhoso pássaro transtornaram Mr. Graz como se fossem uma bela cabeleira vermelha.

E Alberto sentiu-se subitamente invadido por uma onda de ternura que envolvia tudo, criaturas e coisas, como se o mundo, com suas alegrias e dores, grandezas e misérias, formasse apenas um coração. Um grande e único coração...

***

Dali a três dias o médico deveria seguir para a Itália, onde iria encontrar seus pais. A morte de Hugo abalara-os muito, e os dois passavam a maior parte do tempo viajando.

VERÔNICA

Alberto encontrou os pais em Roma e contou-lhes a conversa com von Richter. Os velhos ficaram estarrecidos diante da espantosa história de Rudolf Bartels.

— Pobre Hugo! suspirou a mãe. Jamais seria capaz de supor que o simples fato de possuir sardas e cabelos vermelhos iria lhe custar a vida! Eu não poderia ter sossego enquanto não soubesse do "motivo" pelo qual meu filho havia sido assassinado!

— Se eu fosse algumas dezenas de anos mais jovem, entraria na lista de Mr. Graz! exclamou o pai, lembrando-se de que seus cabelos, hoje brancos, haviam sido cor de fogo.

Alberto, que fora à Itália por poucos dias acabou lá ficando dois meses, pois adorava aquele país. Em nenhum outro lugar do mundo encontrara tanta poesia e beleza aliadas a um tal calor humano. Mas, se Roma, Florença e Veneza o fascinavam com suas já tão decantadas maravilhas, as velhas pequenas cidades o enterneciam.

E foi em Siena e Assis que ele teve algumas das mais puras emoções de sua vida. Que "atmosfera" tinha o lugar onde vivera Francisco, o grande santo, tão humano em sua ternura pelos seres e coisas, tão comovente em sua voluntária pobreza! E Alberto lembrou-se de Padre Afonso, que dedicava a Francisco de Assis a maior das admirações.

Retornando a Roma, preparou-se para voltar só ao Brasil, pois os pais ainda iriam ficar algum tempo na Itália.

— Você já está em idade de pensar em casamento, disse-lhe a mãe, à despedida.

Alberto sentiu uma sensação desagradável ouvindo aquilo. Tivera uma porção de "casos", mas nenhum deles havia deixado marcas em sua sensibilidade. Ainda naqueles dias conhecera uma dançarina que o impressionara vivamente. Chamava-se Carla Mazzini e fascinara-o com sua beleza quente e espetacular que fazia lembrar a de Rachel Saturnino. Mas durara pouco o sortilégio em que a moça o envolvera, e o romance terminou logo.

— As mulheres são como as cidades, pensou ele. Perdem o encanto depois de decifradas...

Ele sabia, entretanto, que com uma delas haveria de ser diferente. Essa teria sempre um novo e misterioso "charme", para ele... Verônica! Sentia-se secreta e intimamente ligado a ela, como se a moça fosse um pouco de sua própria carne. Enganara-se a si próprio, correndo atrás de outros amores. O que ele buscava naquelas mulheres era apenas um pouco de... Verônica. Mas era tarde. A moça já estava irremediavelmente perdida. Outro homem estaria

enlaçando — quem sabe se naquele mesmo instante — a sua cinturinha fina, outro iria ser o pai de seus filhos. Que estúpido fora, não a arrancando da casa de Cora O'Shea!

— "Too late, my dear, too late..."(*) parecia-lhe estar ouvindo a irlandesa dizer, muito vermelha, as banhas comprimidas no complicado espartilho. A verdade, a dura verdade, pensava Alberto, é que Verônica nunca o amara realmente. Se assim não fosse, ela teria passado por cima de todos os mal-entendidos.

(*) Muito tarde, meu caro, muito tarde...

Alberto voltou para o Brasil, e foi diretamente a Vista Alegre. A primeira coisa que fez foi dar uma entrevista coletiva aos jornais, narrando com todos os pormenores a inconcebível história do Escaravelho do Diabo. A notícia causou sensação, como ele bem imaginara. Depois "acontecera" o banquete oferecido pelo Prefeito a ele, Alberto, e ao Inspetor Pimentel.

Obcecado pela idéia de encontrar Verônica — mesmo já casada com outro — o médico fez várias tentativas para localizá-la. Ieda, sua maior amiga, achava-se em viagem pela Argentina. Ninguém sabia de nada. Alberto decidiu então procurar o irmão de Verônica na cidade do interior onde vivia. Aproveitando o primeiro fim-de-semana, tomou um avião e foi para lá. Uma grande decepção o esperava. O advogado havia falecido meses atrás.

— Peritonite aguda, explicou o Promotor da Comarca. Não houve penicilina que desse jeito nele. Caiu para morrer.

— Onde está a viúva?

— Foi morar com os pais, e mudou-se para a fazenda. T— Sabe se vivia com o Juiz uma irmã dele chamada
Verônica? Uma mocinha pequena que toca muito bem piano.

— Ah! Sei quem é. Realmente ela morou com ele durante algum tempo, mas há já dois anos que foi para o Paraná.

— Paraná? Casou-se? Com quem?

— Não sei. Ouvi dizer que foi convidada para ser professora de música no Conservatório de Curitiba.

Alberto agradeceu as informações e dirigiu-se imediatamente para a agência da "Varig".

Não havia avião direto para Curitiba; Teria de voltar a Vista Alegre e de lá tomar o bimotor que fazia aquela linha. Ora, aconteceu que, ao voltar à casa, o médico encontrou um recado: o Diretor da Faculdade de Medicina precisava falar urgentemente com ele. Tratava-se do seguinte: dentro de três dias, chegaria a Vista Alegre um dos maiores cardiologistas do mundo, e

Alberto fora escolhido para saudá-lo em nome dos colegas. Além disso, teria de acompanhar o hóspede durante todo o tempo da visita. Isso significava um atraso de, pelo menos, sete dias que Alberto, em sua aflição, sentia como se fossem sete séculos! Sabe-se lá o que poderia acontecer à moça durante esse tempo! Talvez se casasse com outro — se é que já não o fizera antes —... talvez fosse para a Europa... Que angústia, meu Deus... E se lhe escrevesse, endereçando para o Conservatório? Não. Melhor seria esperar um pouco, e ir pessoalmente "sondar o terreno" antes. Ridículo papel haveria de ser o seu, se endereçasse carta apaixonada à mulher de um outro!... Os dias passaram, e Alberto finalmente ficou livre para fazer a tão desejada viagem.

* * *

O médico chegou a Curitiba à tardinha. Depois de se instalar no hotel, saiu para dar uma volta e ver a cidade. Mal andara alguns quarteirões, deparou com um grande cartaz, onde se lia, em letras azuis e vermelhas: "SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA" — Concerto de piano.

Verônica.

Hoje às 21 horas.

— Ridículo! exclamou ele quase alto, sentindo que seu coração disparava como o de um adolescente apaixonado.

Não lhe foi difícil arranjar um convite e, às vinte horas e pouco entrava Alberto no salão da SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA. Chegara bem cedo, antes de todos, para garantir-se um lugar na primeira fila. Às nove da noite não havia mais uma cadeira vaga. Alguns minutos depois, entrou Verônica no palco cheio de flores.

Alberto ficou inteiramente perturbado diante daquela figura graciosa de mulher, envolvida por uma túnica indiana azul-claro. Como estava adorável, mais feminina e mais mulher, assim um pouco mais gorda, os cabelos longos puxados para trás e amarrados bem no alto da cabeça! Verônica estava mais viçosa do que nunca!

— Casou-se com certeza, pensou ele, lembrando-se do efeito embelezador que o casamento tem sobre as mulheres.

E Alberto procurava fixar bem a vista a fim de ver se descobria a aliança na mão esquerda da moça. Difícil isso, pois os dedos da pianista deslizavam rápidos pelo teclado.

O programa anunciava a Sonata K 545, de Mozart, as Variações de Beethoven, as Bachianas Brasileiras, de Villa-Lobos, e algumas peças avulsas de Debussy e Monpou.

Ora, aconteceu que, em pleno "Andante" da Sonata Mozart, os olhos de

Verônica se desviaram, não se sabe come encontraram os de Alberto na primeira fila da platéia. A moça atrapalhou-se, errou, e interrompeu a música, colocando a mão na testa, como se estivesse sentindo qualquer coisa. Algumas pessoas se levantaram, na platéia, em "suspense".

— Não foi nada, disse a artista, recomeçando a tocar Tocou tão bem que os assistentes a saudaram com repetidos "bravos".

No intervalo Alberto subiu aos bastidores para cumprimentá-la.

— Você, aqui? exclamou ela, perturbada.

— Casou-se? perguntou ele, disfarçando a ansiedade. A jovem ficou em silêncio e abanou a cabeça em sinal negativo.

— Quer cear comigo depois do concerto? perguntou Temos muito que conversar.

A moça aceitou o convite com o mais adorável dos s risos e voltou para o palco, a fim de continuar o programa.

* * *

Cerca de um ano mais tarde Alberto andava, agitado, um lado para outro no interminável corredor do maior hospital de Vista Alegre. O silêncio daquela hora — duas da madrugada — era apenas perturbado por abafados e periódicos gemidos de mulher, que partiam da sala de partos.

Algum tempo depois a porta abriu-se e surgiu a enfermeira ainda de máscara ao rosto, segurando qualquer coisa enrolada em panos brancos, de onde provinha um choro fanhoso e débil.

— Venha ver o seu filho, disse ela, colocando o recém-nascido entre os compridos e desajeitados braços do rapaz.

Alberto, emocionado, olhou, para a criança e viu que uma leve penugem

cor de fogo lhe cobria a pequena cabeça.

— vai se chamar Hugo, disse ele, devolvendo à enfermeira o filho de Verônica.